



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Renan Felipe Correia

**PROCESSOS IDENTITÁRIOS RELACIONADOS AO ESPORTE NA MÍDIA IMPRESSA: O
CASO DO BASQUETEBOL MASCULINO BICAMPEÃO MUNDIAL (1959-1963)**

**CAMPINAS
2017**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Renan Felipe Correia

**PROCESSOS IDENTITÁRIOS RELACIONADOS AO ESPORTE NA MÍDIA IMPRESSA: O
CASO DO BASQUETEBOL MASCULINO BICAMPEÃO MUNDIAL (1959-1963)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Área de Educação Física e Sociedade.

Supervisor/*Orientador*: Edivaldo Góis Junior.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO
RENAN FELIPE CORREIA E ORIENTADA PELO
PROF. DR. EDIVALDO GÓIS JUNIOR

CAMPINAS
2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 01-P-04373/2015
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5228-001>

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

C817p Correia, Renan Felipe, 1989-
Processos identitários relacionados ao esporte na mídia impressa : o caso do basquetebol masculino bicampeão mundial (1959-1963) / Renan Felipe Correia. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Edivaldo Góis Junior.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Identidade nacional. 2. Imprensa - Brasil - História. 3. Basquetebol - História. 4. Nacionalismo. I. Góis Junior, Edivaldo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Identity processes related to sport in the printed press : the case of the Brazilian back-to-back world champions men's basketball team

Palavras-chave em inglês:

National identity
Press - Brazil - History
Basketball - History
Nationalism

Área de concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Mestre em Educação Física

Banca examinadora:

Edivaldo Góis Junior [Orientador]
Sérgio Settani Giglio
Victor Andrade de Melo

Data de defesa: 03-08-2017

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Edivaldo Góis Junior
Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio
Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo
Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro

A ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

AGRADECIMENTOS

Vindo de onde vim, a conclusão desse curso não seria possível sem a ajuda, esforço e sacrifício de muitas pessoas.

Agradeço primeiramente a Deus e meu Senhor e Salvador Jesus Cristo por ter colocado esse caminho em minha trajetória de vida.

Agradeço humildemente à minha mãe, Marinalva, pelo seu apoio e dedicação, não só durante o curso, mas em toda a minha vida. Agradeço ao meu irmão, Alber, pelas horas perdidas me dando caronas e apoio. As concessões da minha família imediata, em prol do meu conforto, foram imprescindíveis para a conclusão deste trabalho. Agradeço também à, minha vó Marialva, meu tio Advaldo, e demais familiares por toda ajuda durante esses anos.

À minha futura esposa, Francine, só posso oferecer meus sinceros agradecimentos pelo seu apoio incondicional à minha trajetória e decisões. Seu companheirismo, paciência e calma, bem como disposição em ler inúmeros textos fora da sua área de formação ajudaram muito a confecção desse trabalho.

Aos amigos de mestrado, João e Alex, ofereço minha sincera gratidão. Sem eles, esse trabalho não teria saído nem de sua fase inicial. Eles sabem o quanto, por inúmeros motivos, esse trabalho leva uma parte deles, de suas personalidades e feitos. Aos amigos Cani e Douglas, agradeço por estarem perto, mesmo estando longe. Ao amigo Vita, agradeço por ter me ajudado a escolher um caminho de estudo quando eu me encontrava em um momento profissional delicado e de dúvidas.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Edivaldo Góis Junior. pela paciência, calma e flexibilidade com qual conduziu a orientação desse trabalho, o que me permitiu grande crescimento pessoal e intelectual. Agradeço à banca, Profs. Sérgio Giglio e Victor Melo, pela disposição em participar deste processo. Agradeço ao professor Edgar De Decca (in memoriam) por ter me acolhido humildemente em sua disciplina no IFCH, e ter me disponibilizado tanto acesso a conhecimento.

Agradeço a toda equipe do SAE – UNICAMP, especialmente a assistente Leilaine, pelo tratamento humano deferido a mim durante toda a minha estadia na Unicamp. Agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado conferida a mim durante a extensão do curso.

Aos funcionários da FEF Simone, Andréia, Dulce, Beeroth por toda ajuda durante a pós-graduação. Agradeço a todos os colegas da FEF que de alguma maneira ou de outra estiveram presentes nessa trajetória. Obrigado por terem feito meu tempo no curso mais prazeroso.

RESUMO

Esse trabalho propôs um olhar acerca da relação entre esporte e identidade nacional, a partir das representações na mídia impressa que teve, no Brasil, a equipe brasileira de basquetebol masculino campeã mundial entre os anos de 1959 e 1963. Ao interrogar as fontes, podemos problematizar como os discursos produziram diferentes identidades; revelando, com isso, aspectos múltiplos da relação entre Estado, imprensa e sociedade. Principalmente, os trabalhos de Benedict Anderson relacionados à temática das identidades nacionais foram referenciais para a análise dos documentos. O corpo documental foi composto por jornais, periódicos e revistas, coletados nos acervos físicos e digitais da Biblioteca Nacional, da Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, da Biblioteca da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo e do Arquivo Público do Estado de São Paulo, tendo como critério de seleção a periodização de itens catalogados sobre o termo *basquetebol* entre os anos 1959 e 1963. A interpretação das fontes evidenciou um discurso carregado de elementos simbólicos - *imaginados*, representações culturais pautadas nas temáticas de heróis nacionais, conjecturas políticas, discursos de raça. Concluímos que nos discursos jornalísticos a identidade nacional imaginada no campo esportivo estava inter-relacionada com identidades políticas e raciais, quando promoveu o reconhecimento do brasileiro enquanto parte de uma nação que se colocava em contraposição às demais através do basquetebol, mas também na defesa de uma forma específica, culturalmente própria de se jogar o esporte.

Palavras-chave: Identidade nacional; História da Imprensa Brasileira; Comunidades Imaginadas; Mundiais FIBA de Basquetebol 1959-1963

ABSTRACT

This work proposed a look at the relationship between sport and national identity based on representations, in the national press, of the Brazilian back-to-back World Champions Men's Basketball Team in 1959 and 1963. By questioning the sources, we were able to comprehend how different discourses produced different identities, thus revealing multiple aspects of the relationship between state, press and society. In particular, Benedict Anderson's work on national identities was referential for document analysis. The document body consisted of newspapers, periodicals and magazines, collected at the physical and digital domains of the Brazilian National Library, the Public Archive of the State of São Paulo, and at libraries from the University of Campinas and University of São Paulo. Selection criterion followed the periodization of items cataloged under the term "basketball" between the years 1959 and 1963. The interpretation of these sources evidenced a discourse filled with symbolic, imagined elements - cultural representations based on the themes of national heroes, political conjectures, and race discourses. We concluded that the imagined national identity represented in the press during this specific time period/event was interrelated with political and racial identities, as it promoted the recognition of Brazilians as part of a nation that stood in opposition to others through basketball and its culturally specific way to playing the sport.

Keywords: National Identity; History of the Brazilian Press; Imagined Communities; 1959-1963 FIBA Worldcups

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “Diário Esportivo de Maior Circulação na América do Sul”	23
Figura 2: Capa da revista O Cruzeiro	24
Figura 3 - Brasil: novo campeão mundial de basquete	25
Figura 4 - Mansfield no Rio.....	26
Figura 5 - Presidente Discursou Perante Ministério	27
Figura 6 - Afundou Navio que foi Contra o 'Iceberg'	28
Figura 7 - Peron Desapareceu da República Dominicana	28
Figura 8 - O Bêbado Brasileiro.....	68
Figura 9- Carta de JK Parabenizando a Equipe Brasileira.....	70
Figura 10 - A Solução para a Equipe Brasileira	88
Figura 11 - Dida, Jogador de Futebol do Flamengo em 1963	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONSTRUÇÕES DE UMA NARRATIVA ÉPICA E SIMULTÂNEA	22
1.1 O III Mundial de Basquetebol Masculino, em Santiago, Chile – Janeiro de 1959	29
1.2. O IV Mundial de Basquetebol Masculino, Brasil – Maio – Agosto de 1963	34
2. OS JOGADORES DE BASQUETEBOL E SUAS IDENTIDADES COMO HERÓIS DA NAÇÃO.....	41
2.1. O Jogador brasileiro	41
2.3. Amaury, o Pelé Branco	47
2.4. Kanela, o Ditador	49
3. RECURSOS DE IDENTIDADE RACIAL NO CAMPO DA CULTURA	55
4. O BASQUETEBOL E OS DISCURSOS POLÍTICOS.....	69
4.1. A Conquista de Santiago.....	71
4.2. Reações ao Título Inusitado.....	73
4.3. A Separação entre Esporte e Política	78
4.4. Representações de Sentimentos Anticomunistas	80
5. RELAÇÕES ENTRE OS DISCURSOS DE IDENTIDADE NACIONAL NO BASQUETEBOL E FUTEBOL	84
5.1. A Redenção Através do Basquetebol.....	90
5.2. O Basquetebol Ocupando o Lugar do Futebol.....	92
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100
FONTES	105
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	117

INTRODUÇÃO

O período que compreendeu os anos de 1958 a 1963 foi extremamente fértil para as conquistas esportivas internacionais brasileiras. Por esse motivo, essa dissertação se propõe a analisar uma história das representações¹ sobre diferentes identidades na imprensa esportiva brasileira no período, sem, contudo, problematizar de forma central o futebol, o que seria mais comum em se tratando de Brasil, mas vislumbrando outra prática esportiva também vitoriosa no período: o basquetebol. Poucas pessoas, além dos aficionados pelo esporte, sabem que a equipe brasileira de basquetebol masculino, assim como a de futebol, conquistou um bicampeonato mundial nesse mesmo curto intervalo de tempo.

Dado seu papel secundário na preferência popular nacional e na mídia impressa, tal fato foi pouco abordado, mesmo academicamente, em detrimento às histórias do futebol brasileiro. Esse trabalho pretende dar voz a esse silêncio, respondendo assim à pergunta de como, na mídia impressa da época, eram evidenciadas diferentes identidades, como por exemplo, raciais e políticas, mediante um projeto de consolidação de uma identidade nacional também ancorada nos esportes.

O fenômeno esportivo e suas manifestações institucionalizadas são muitas vezes interrogados a partir de seus elementos competitivos. Contudo, a existência dos megaeventos esportivos, “catalisadores de orgulho nacional”, permite à comunidade acadêmica o estudo do esporte enquanto importante elemento cultural na construção de nações e de mudanças nos regimes de cidadania (BILLINGS e EASTMAN, 2003).

Muitos estudos contribuem para evidenciar que o fenômeno esportivo tem valor significativo para a formação de identidades nacionais, uma vez que permite que expectadores criem conexões entre si, além de revigorar a ideia de que o esporte não é

¹ Entendemos o conceito de representações a partir do historiador Roger Chartier. Para Chartier (2002), representações são a chave para a compreensão das articulações entre discurso e vínculo social, ou seja, o que permite o historiador interpretar como discursos aplicam-se às situações do leitor, como o leitor dá sentido à sua existência no tempo. Essa definição, muito próxima de um caráter hermenêutico, permitiu-nos uma aproximação com outro historiador, Pierre Nora. Reconhecendo que os jornais se configuram dentro da hermenêutica de Nora (1993) como *lugares de memória*, em especial pelo seu caráter simbólico, o conceito de representações permite uma análise da dimensão simbólica dos discursos identitários presentes na mídia impressa. Mais especificamente, permite questionar as particularidades desse discurso: Quais foram as diversas formas que a conquista brasileira foi representada nos jornais em relação à identidade nacional? Essas representações possuíam um alcance regional, ou estavam ligadas a toda territorialidade nacional? Existiu conflito entre essas representações com as do futebol?

apenas uma manifestação de competições físicas, mas também uma manifestação cultural. Deste modo, eventos esportivos e todos seus desdobramentos permitem que coletividades desenvolvam um senso de comunidade nacional no qual, ao assistirem tais eventos, os cidadãos reforçam as suas dimensões de identidade e de cidadania (ALLISON, 2000).

O processo de construção de uma identidade nacional pode nos revelar aspectos múltiplos da relação entre Estado e indivíduos, permitindo-nos compreender em que medida o esporte contribui para a reificação de identidades coletivas específicas, fortalecendo um sentimento de pertencimento vital para a implicação de um regime de cidadania (MILLER, 2000).

O processo de legitimação do fenômeno esportivo como objeto da História foi sinuoso², mas hoje apresenta considerável suporte acadêmico. Talvez o maior contribuidor desse processo tenha sido o sociólogo francês Pierre Bourdieu que, a partir de seu conceito de campo, como sendo um espaço simbólico no qual as lutas dos agentes ali inseridos determinam, validam e legitimam representações, compreende o campo esportivo como autônomo em relação aos campos políticos e econômicos (BOURDIEU; WACQUANT, 1992). Nesse campo, agentes dominadores e dominados lutam entre si para manter ou desconstruir estruturas sociais. O campo possui uma lógica interna própria que regula a ação de todos os seus agentes através de leis dinâmicas, regras explícitas e implícitas. Assim, o esporte como campo, pode ser compreendido como um importante componente da cultura e, em particular, da identidade nacional. Por isso, algumas nações podem ser definidas mais por seus sucessos e resultados esportivos do que por suas características econômicas, políticas ou geográficas.

Hoje, por meio da organização de megaeventos esportivos é possível, para alguns países, influenciar e legitimar ações políticas, evidenciando-se assim, o uso do esporte

² Explorar o porquê desses acontecimentos, como e, quando aconteceram, levaria-nos para um rumo fora do escopo dessa dissertação. Porém, esse processo é tão instrutivo que julgamos necessário sugerir ao leitor referências para seus últimos desdobramentos. Os debates se construíram principalmente num palco singular, o *International Journal of the History of Sport* entre 2012 e 2013 e tiveram como expoentes os trabalhos de Ward (2013), McDowell (2013), Hughson (2013) e Johnes (2013). Acrescento a essa lista o trabalho seminal de Richard Holt (2014), publicado na *Sport in History*.

como poder brando³ – fato que possibilita, de acordo com Jaksá (2011), nações menos favorecidas economicamente a criarem uma identidade que lhes permitem influenciar, em algum nível, o cenário internacional, o que seria impossível por meio de uso de força militar.

De acordo com Allison (2000) e Bairner (2003), o esporte pode contribuir para a consolidação de identidades “frágeis” por alguns meios, criando um senso de pertencimento a um Estado, que não coincide com suas origens étnicas, um senso de comunidade por meio de símbolos nacionais e uma atmosfera apaziguadora frente a problemas políticos, sociais e econômicos.

Para Riordan (2007), o fenômeno esportivo desempenhou um papel muito importante nos antigos países do bloco socialista devido à influência da filosofia marxista, que afirma a interdependência dos estados físicos e mentais do ser humano. Assim, diversos regimes governamentais enfatizaram a relevância da esfera física para o desenvolvimento humano da sociedade, e o esporte passou a ser compreendido como uma *manifestação de cidadania*; uma ideologia que contribuiu para a noção de *irmandade e unidade* constituindo uma identidade nacional.

Ao depararmos com a produção intelectual sobre identidade nacional, compreendemos que para Hayward et al. (2003), Fichte (1987) e Herder (1987), a nação pode ser pensada como um fenômeno antigo, classificando-a como sinônimo de *grupos de linguagem*. Para esses autores, uma comunidade, na medida em que desenvolve sua linguagem, distingue-se das demais, principalmente pelo modo que, em decorrência dela, desenvolve seus pensamentos. Contudo, Fichte e Herder afirmam uma “natureza fixa” desses grupos, o que não leva em conta as constantes transformações da linguagem.

Smith (1993), em seu livro *National Identity*, disserta sobre a importância dos símbolos, mitos, valores e tradições na formação e consolidação da nação moderna, definindo identidade nacional como uma construção complexa, composta por uma gama de componentes inter-relacionados, abertamente distintos dos dispositivos legais e burocráticos do Estado, incluindo assim elementos comuns à vida diária da população – de formação de *cidadania* –, tais como: linguagem, história e consciência nacionais, laços

³ Intencionamos aqui o uso do conceito cunhado por Nye (2004), que descreve o poder brando como a habilidade de um corpo político em influenciar indiretamente o comportamento ou interesses de outros corpos políticos apenas por meios culturais ou ideológicos, sem o uso de força militar ou econômica.

sanguíneos, cultura, música, cozinha, rádio, televisão, etc. Além disso, Smith defende que a identidade nacional é composta por elementos inerentes às *identidades coletivas*: de classe, religião e etnia, ou seja, requer território, memórias, cultura e mitos de caráter massificado, direitos e deveres para todos os membros. Para exemplificar sua teoria, Smith propôs as seguintes bases étnicas para a construção de uma identidade nacional: um nome coletivo, mitos de um ancestral comum, memórias históricas difundidas, elementos de cultura comuns, associação a um território e sentimento de solidariedade.

Os autores discutidos até o momento percebem que a identidade nacional está atrelada a determinados grupos homogêneos, a partir de uma cultura comungada entre os seus membros, como por exemplo, em um clã. Porém, suas obras não nos permitem um olhar sobre questões estruturais e econômicas que também colaboram para a constituição das identidades. Por exemplo, Gellner (1987) e Hobsbawm e Ranger (2008) afirmam que a identidade nacional se origina em sociedades modernas de economias industriais, nas quais uma autoridade suprema é capaz de manter a ordem e união (Estado) por meio de uma língua centralizada compartilhada por toda a comunidade. Fato este impossível de se perceber em sociedades antigas, visto que estas não possuíam indústria ou Estado organizados e os idiomas falados por seus povos eram compostos de diversos dialetos, dificultando a comunicação (MOTYL, 2001).

Gellner (1987) propõe que as identidades nacionais e o nacionalismo são princípios políticos primários que asseguram a congruência entre unidade política e nacional. De acordo com o autor, na antiguidade, os governantes possuíam poucos motivos para impor homogeneidade cultural a seus súditos. A necessidade de uma identidade nacional só se torna real na modernidade, quando o trabalho se torna técnico e fragmentado. Dado a existência do trabalho técnico, surge a indispensabilidade do operário técnico – o operador de máquinas –, que carecia passar por um processo de aprendizagem, o que resultou na utilização de comunicação impessoal, massificada, de cultura de massa padronizada.

Hobsbawm e Ranger (2008) argumentam que a *invenção das tradições* é um ponto chave para compreender os mecanismos de surgimento da identidade nacional. Para os autores, diversas tradições às quais é atribuído um caráter ancestral, seriam recentes em sua origem ou totalmente inventadas, o que nos permitiria questionar a autenticidade das

tradições que influenciam no processo de construção de identidades nacionais. Os autores concluem que esse fenômeno pode ser notado nas nações modernas, citando como exemplos as artes marciais japonesas e os Jogos Highland escoceses.

Porém, apesar dos desdobramentos apresentados pelos autores acima citados, acreditamos que Anderson (2006) é aquele que mais se aproxima de uma produção teórica que nos permite compreender a identidade nacional como produto das interações culturais de uma sociedade. Por isso, em nossa dissertação, adotamos seu conceito de identidade nacional atrelado à *imaginação* e à *simultaneidade* da vida cotidiana; dos gestos e hábitos que se replicam por toda a nação, dos quais cada indivíduo tem noção – imagina – que ocorra, através da sua interação com a mídia impressa.

Anderson desenvolveu em sua principal obra, *Comunidades Imaginadas*, a noção de que a identidade nacional de um povo é imaginada, pois os “membros de uma nação nunca conhecerão a maioria de seus compatriotas”, mas em suas mentes sempre viverão em comunhão de “interesses semelhantes”:

Proponho a seguinte definição da nação: é uma comunidade política imaginada como inerentemente limitada e soberana. É imaginada porque os membros da mais pequena nação nunca conhecerão a maioria de seus companheiros, ou mesmo ouvirão deles, mas na mente de cada um vive a imagem de sua comunhão [...] ela é imaginada como uma comunidade, porque, independentemente da real desigualdade e exploração que pode prevalecer em cada um, a nação é sempre concebida como uma camaradagem profunda e horizontal. Em última análise, é esta fraternidade que torna possível, ao longo dos últimos dois séculos, tantos milhões de pessoas, não apenas matar, como morrer voluntariamente por essas imaginações limitadas. Essas mortes nos confrontam abruptamente com o problema central do nacionalismo: o que faz com que as imaginações escolhidas da história recente (pouco mais de dois séculos) gerem tais sacrifícios colossais? Creio que o começo de uma resposta está nas raízes culturais do nacionalismo (ANDERSON, 2006, p. 7, tradução nossa).

Para Anderson, o que permite a simultaneidade é a relação criada pelos jornais entre os leitores e o tempo, pois noticiam informações, em língua vernácula, que não são relacionadas umas às outras na mesma edição. Essas semelhanças entre o noticiário se restringem e se conectam apenas pelas datas; sua leitura se torna uma cerimônia em massa e uma perspectiva comum; as pessoas se acostumam com a ideia de que muitas coisas estão acontecendo simultaneamente com indivíduos que não se conhecem:

A segunda fonte de ligação imaginada reside na relação entre o jornal, como uma forma de livro, e o mercado. Nessa perspectiva, o jornal é meramente uma "forma extrema" do livro, um livro vendido em uma escala colossal, mas de popularidade efêmera. Podemos dizer: *best-sellers* de um dia? A obsolescência do jornal no

dia seguinte à sua impressão - curioso que uma das primeiras mercadorias produzidas em massa devesse prefigurar a obsolescência intrínseca dos bens duradouros modernos -, por esta razão, cria esta extraordinária cerimônia de massa: o consumo (imaginação) quase precisamente simultâneo do jornal como ficção. Sabemos que as edições especiais da manhã e da noite serão consumidas de forma esmagadora entre essa hora e aquela, somente neste dia, não mais que isso. O significado desta cerimônia de massas - Hegel observou que os jornais servem ao homem moderno como um substituto para as rezas matinais (tome o açúcar como contraste, cujo uso se dá em um fluxo contínuo e não sincronizado, pode estragar, mas não é desatualizado - é paradoxal. É realizada em privacidade silenciosa, no covil do crânio. No entanto, cada comunicante está bem ciente de que a cerimônia que realiza está sendo replicada simultaneamente por milhares (ou milhões) de outros cuja existência ele está confiante, mas que cuja identidade ele não tem a menor noção. Além disso, esta cerimônia é repetida incessantemente em intervalos diários ou ao longo do calendário. Ao mesmo tempo, o leitor de jornais, observando réplicas exatas de seu próprio papel sendo consumido no metrô, barbeiro ou vizinhos, é continuamente assegurado que o mundo imaginado está visivelmente enraizado na vida cotidiana. Tal como acontece com *Noli Me Tangere*, a ficção se filtra suavemente e continuamente na realidade, criando essa notável confiança da comunidade no anonimato que é a marca registrada das nações modernas (ANDERSON, 2006, p. 35, tradução nossa).

De acordo com Anderson, o estabelecimento das comunidades imaginadas se tornou possível com a invenção da prensa móvel; o início do *capitalismo impresso*, período em que as primeiras nações-estado surgiram ao redor das *línguas impressas*, quando, para maximização da circulação, as sociedades capitalistas imprimiram seus livros em língua vernácula, em detrimento ao latim. Assim, leitores que não dominavam a leitura do latim começaram a “se entender”, o que permitiu o surgimento de um discurso comum:

Essas línguas impressas estabeleceram as bases para as consciências nacionais de três formas distintas. Primeiro e acima de tudo, elas criaram campos unificados de intercâmbio e comunicação abaixo do latim e acima dos vernáculos falados. Faladores da enorme variedade do francês, inglês ou espanhol, que poderiam achar difícil ou mesmo impossível se entenderem mutuamente na conversa, tornaram-se capazes de compreender uns aos outros através da impressão e do papel. No processo, eles gradualmente se tornaram conscientes das centenas de milhares, ou mesmo milhões, de pessoas em seu próprio campo de linguagem e, ao mesmo tempo, que apenas aquelas centenas de milhares, ou milhões, ali pertenciam. Esses companheiros leitores, os quais estavam conectados através da imprensa, formaram, em sua indivisibilidade secular, particular e visível, o embrião da comunidade imaginada nacionalmente.

Em segundo lugar, o capitalismo impresso deu uma nova fixidez à linguagem que, em longo prazo, ajudou a construir essa imagem de antiguidade tão central para a ideia subjetiva da nação [...] Terceiro, o capitalismo impresso criou línguas administrativas diferentes das antigas vernáculos [...] Resta apenas ressaltar que em suas origens, a fixação de línguas impressas e a diferenciação de estado entre elas foram em grande parte processos inconscientes resultantes da explosiva interação entre capitalismo, tecnologia e diversidade linguística

humana [...] Podemos resumir que as conclusões a serem extraídas do argumento até agora é que, a convergência do capitalismo e da tecnologia de impressão com a diversidade fatal da linguagem humana criou a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada que, em sua morfologia básica, criou o palco para a nação moderna (ANDERSON, 2006, p. 35, tradução nossa).

No Brasil, em particular, a partir do século XIX, esboçava-se uma identidade nacional que, sobretudo no século XX, foi fomentada pelos esportes, com principal foco no futebol. Ao inferirmos o modelo de análise de Benedict Anderson, essa dissertação tem como objetivo geral compreender a representação de uma identidade nacional como uma comunidade imaginada envolta por outras identidades políticas e raciais presentes na prática esportiva, com centralidade na cobertura da seleção masculina de basquetebol por parte da imprensa escrita.

Ao enfrentar este problema de pesquisa, interrogamos as fontes, com centralidade na mídia impressa, em seus discursos e representações, buscando compreender, especificamente, as inter-relações entre esporte e imprensa, questionando, no tocante a identidade nacional, os discursos da mídia impressa brasileira a respeito dos resultados da seleção brasileira masculina de basquetebol, campeã mundial nos anos de 1959 e 1963. A partir de uma análise interpretativa que problematizasse tais representações e vislumbrasse uma aproximação com o cotidiano daqueles espaços e tempos, compreenderemos em que nível as narrativas esportivas que, apropriadas pelo Estado, governo e população, contribuíram para a constituição de uma identidade nacional através da homogeneização da cultura.

Nesta perspectiva, argumentamos que as fontes jornalísticas eram evitadas no passado por parecerem inadequadas aos historiadores, pois, continham registros fragmentários, imagens parciais, distorcidas e subjetivas, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Contudo, hoje se compreende a importância da mídia impressa para a pesquisa historiográfica (CHARTIER, 2002). Segundo Abreu (1996), nas últimas décadas uma quantidade crescente de trabalhos historiográficos vem se utilizando das informações expressas em periódicos para promover reconstruções históricas acerca dos mais variados setores da vida brasileira. A autora também afirma a importância da imprensa para o estudo da História do Brasil como sendo um dos meios de comunicação mais eficazes para o registro de fatos. Baseada nisso, ela defende que

a valorização do jornal impresso como instrumento de pesquisa fez com que os historiadores interessados em trabalhar com este tipo de fonte desenvolvessem metodologias que os possibilitaram transpor suas limitações.

Em termos metodológicos, construímos um corpo documental que teve como fontes: jornais, periódicos e revistas que foram coletados nos acervos físicos e eletrônicos da Biblioteca Nacional, do Arquivo Público do Estado São Paulo, da Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas e da Biblioteca da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Consideramos em nossa coleta todo o tipo de produção jornalística: notícias, crônicas, editoriais e fotografias.

Procuramos ser o mais diligente possível em nossa coleta de fontes primárias, dado que nosso objetivo foi construído tendo como base representações midiáticas projetadas em todo o Brasil. Para isso, acessamos fontes de várias regiões, destacando-se as imprensas do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Pernambuco. Contudo, as fontes não se limitaram somente a esses locais, aparecendo também em nosso corpo documental, em menor escala, publicações do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Descrever a linha editorial de cada uma das fontes que analisamos seria por demais prolixo dado aos objetivos a que se propõe essa dissertação. Assim, achamos mais profícuo uma discussão acerca da imprensa brasileira como um todo, durante o período que compreende o objetivo desse texto.

A partir do fim do Estado Novo (1945), o fim da censura imposta pelo Departamento de Imprensa e Propaganda marcou para a imprensa um período de desenvolvimento econômico e consolidação de uma população urbana-industrial⁴. Com isso, autores como Ribeiro (2003) identificam no período um processo de profissionalização da imprensa brasileira, caracterizado pela busca de imparcialidade no discurso jornalístico e mudanças editoriais e gráficas. A imprensa nessa época visava a substituição de um jornalismo literário por um jornalismo industrial, o que significava, na

⁴ Birolli (2004) afirma que existe uma “áurea” que permite a administração de JK estar presente na memória popular brasileira enquanto uma democracia “espremida” entre duas ditaduras: o Estado Novo e a ditadura civil-militar (1964-1985). Uma memória composta ainda pela percepção de que o governo JK teria sido uma “divisória” na história do Brasil; até então um país retrógrado, percebido então como país moderno.

prática, deixar de lado a escrita crítica e doutrinadora, para privilegiar a transmissão de notícias de maneira objetiva e imparcial no campo discursivo, separando os fatos dos comentários pessoais e opiniões dos jornalistas, mudanças também observadas pela crescente influência do jornalismo estadunidense no país. Em vários estados, isso ocasionou o aumento do salário dos jornalistas e permitiu que estes se profissionalizassem, o que favoreceu a distinção entre a figura do jornalista e do escritor literário.

Todavia, Ribeiro também identifica que esse processo de mudança foi lento, atingindo o leitor de maneira heterógena⁵, pelo fato de que a maioria dos jornais dependia de financiamentos para assegurar sua existência, o que prejudicava sua autonomia. Em outro estudo que resume o estado da imprensa durante o governo Juscelino Kubitschek (JK), Birolli (2004) afirma que apesar das mudanças que ocorreram no período, predominantemente na forma de aprovação de legislações específicas que respaldassem o ofício jornalístico – o que garantiu uma expansão da liberdade de imprensa que transformou a mídia brasileira –, essas foram comandadas principalmente pela elite econômica nacional.

Em específico, na imprensa esportiva, Holanda e Melo (2012) problematizaram a relação dialética entre o esporte e a imprensa brasileira. Os autores identificaram o papel protagonista da imprensa no processo de solidificação de significados e identidades por meio da exposição do esporte. Isso se deu, de acordo com os autores, através das relações estabelecidas entre os esportistas e a imprensa, dado o papel de mediador ocupado pelos periódicos entre clubes, equipes e o público.

De fato, identificamos fontes em que os jornalistas entendiam a importância de seus trabalhos, para além de coadjuvante dos processos identitários presentes na sociedade, como veículo de propagação do noticiário esportivo para a população. Em muitos momentos, notam-se nas páginas dos jornais disputas claras entre cronistas, jornais e federações esportivas:

Sempre disposta a colaborar, a crônica esportiva paranaense, e especialmente a metropolitana, tem feito o possível para que as modalidades esportivas, principalmente as amadoras, gozem de prestígio das massas, incentivando suas

⁵ É o que identificamos também em nosso corpo documental, dado a impossibilidade de classificar as fontes em categorias. Percebemos muitas vezes, no mesmo jornal, estilos diferentes de texto. O Jornal O Globo, por exemplo, privilegiava em suas páginas notícias objetivas e as crônicas literárias de Nelson Rodrigues.

competições. A federação paranaense de basquetebol, é das que mais tem recebido auxílio dos cronistas, bastando citar que somente os jornais e emissoras da capital, transformaram o desprestigiado campeonato brasileiro feminino, realizado no ano passado entre nós, em torneio de grande vulto, tendo a FPB, um lucro financeiro acima de qualquer estimativa (DESCONSIDERADA..., 1959, p. 16)⁶.

Nessa passagem, percebe-se o quanto o jornal se responsabiliza pelo sucesso, financeiro inclusive, do torneio em questão. A notícia segue ainda em um tom desafiador, indagando que se não aquele jornal, quem divulgaria as notícias referentes ao basquetebol paranaense.

A noção de uma imprensa enviesada e subjetiva não é algo exclusivo aos teóricos contemporâneos. Identificamos que muitos dos cronistas estudados durante essa pesquisa demonstraram em seus textos compreender a subjetividade de seus escritos, dialogando com os leitores sobre esse assunto.

Ao olharmos para as fontes, evidenciamos uma preocupação clara por parte dos cronistas em comunicar ao leitor as particularidades da escrita da crônica esportiva, mostrando que entendiam sua função mediadora entre os eventos esportivos e o público. Percebemos ainda o quanto afirmavam ser seu trabalho algo subjetivo e meticuloso, visando classificar o seu ofício como pertencente à classe dos ofícios indiciários:

As séries dos artigos, assinados por aqueles que receberam dos seus jornais, a incumbência da cobertura jornalística do certame como o que tivemos há poucos, em Santiago do Chile, já se tornaram praxe.

Nós, que acompanhamos todo o desenrolar do último mundial de basquetebol e a grande conquista dos rapazes do Brasil, não nos podemos furtar a escrevê-los também. Mas, vamos fazê-lo de forma a não cansar nossos leitores com muitas descrições técnicas, já que sob esse aspecto, o assunto foi bastante explorado durante o próprio desenrolar do certame em foco. Tentaremos, na medida do possível, narrar aquilo que observamos à parte das batalhas nas quadras e que representa, exatamente, o "outro lado" do campeonato que acabou, sendo nosso também, como nosso foi o da Suécia, no futebol (BARBOSA, 1959, p. 11).

Em vários momentos, os cronistas se esforçavam para deixar claro o caráter subjetivo de seus escritos e imprimiram nos textos seus estilos e personalidades:

Este é o último capítulo da história do bi-campeonato mundial de basquete, que procurei resumir para os senhores, como uma pequena amostra do que foi realmente esta gloriosa conquista do cestobol nacional. Digo pequena, porque a amplitude do cetro conquistado e das emoções vividas, não poderiam ser descritos em tão poucos capítulos. Foi uma epopeia de heróis, que souberam honrar a camiseta verde amarela do Brasil, glorificando, mais uma vez, o nosso

⁶ Ao longo dessa dissertação, o emprego de citações longas, que trazem crônicas, notícias e editoriais em sua integralidade, torna-se indispensável para a compreensão dos discursos e narrativas que pretendemos analisar no trabalho.

país como uma autêntica força do desporto mundial. A história do bi teria que ser escrita com toda a pompa. As simples palavras não bastam para marcar o que foi realmente esta conquista notável. As letras teriam que ser marcadas em ouro. Não me foi possível fazer isso. Procurei externar o meu sentimento, minhas emoções. Escrevi o que senti. Não tentei disfarçar a realidade do acontecimento. Acho até que foi pouco para tão memorável conquista. Sei que os atletas nacionais merecem muito mais. Por isso, paro por aqui, certo de ter cumprido com minha missão de relatar as emoções de um acontecimento que jamais esquecerei.

[...]

Perdoem-me, se não fui, em muitas oportunidades, necessariamente claro. Mas, também, tenham certeza: o que não faltou foi o máximo de boa vontade em oferecer-lhes o melhor de mim mesmo (KRIGER, 1963, p. 5).

No trecho acima, Leo Kriger indicou suas supostas limitações ao ter embarcado em um ofício que considera ser da ordem mais épica possível. Passagens como essas permitem compreender o que os cronistas pretendiam comunicar aos seus leitores de maneira mais clara.

Esses diálogos abertos, mas unilaterais, entre a imprensa esportiva e os leitores, tornam-se relevantes, pois nos mostram o papel do cronista, jornalista ou editor como agentes ativos dentro da mídia, apontando-nos para a importância de uma análise que leva em consideração essas particularidades.

Por isso, em relação às fontes, buscamos estabelecer um olhar que considerasse a dimensão simbólica dos discursos, tentando compreender, a partir de um referencial cultural, o que havia de específico nas representações das vitórias em relação à identidade nacional, quais eram as diversas formas dessa representação e de que modo os discursos eram mobilizados em torno do sentimento coletivo de identidade nacional.

Como desafio, esse trabalho buscou estabelecer um olhar diferenciado sobre a identidade nacional brasileira, tradicionalmente acessada por análises próximas do conceito de “invenção das tradições” de Hobsbawm e Ranger, pois a entendemos a partir de relações entre sujeitos históricos que discursam e agem mediante suas representações nos campos da cultura e da política.

Por essas especificidades, encontramos na obra de Anderson o embasamento que norteia nossa análise através de um olhar cultural:

Meu ponto de partida é que a nacionalidade [...] bem como nacionalismo, são artefatos culturais de um tipo particular. Para compreendê-los corretamente, precisamos considerar cuidadosamente como eles entraram no ser histórico, de que forma seus significados mudaram ao longo do tempo e por que hoje eles possuem essa legitimidade emocional profunda. Uma vez criados, tornaram-se "modulares", capazes de serem transplantados, com diferentes graus de

autoconsciência, para uma grande variedade de terrenos sociais, para fundir-se com uma grande variedade de constelações políticas e ideológicas correspondentes (ANDERSON, 2006, p. 3, tradução nossa).

Tentei delinear os processos pelos quais a nação passou a ser imaginada e, uma vez imaginada, modelada, adaptada e transformada. Tal análise tem necessariamente se preocupado principalmente com a mudança social e diferentes formas de consciência. Mas é duvidoso que a mudança social ou as consciências transformadas, em si, façam muito para explicar o apego que os povos sentem pelas invenções de sua imaginação - ou, para reavivar uma questão levantada no início deste texto porque as pessoas estão prontas para morrerem por estas invenções (ANDERSON, 2006, p. 141, tradução nossa).

Percorrendo esse itinerário teórico, o presente trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, “Construções de uma Narrativa Épica e Simultânea”, objetivamos analisar se houveram na mídia impressa aspectos de uma identidade nacional que se relacionaram ao bicampeonato mundial de basquetebol masculino brasileiro. Para tal, buscamos identificar nas fontes noticiários que narrassem uma extrema valorização do passado e de feitos heroicos de uma população homogênea.

No segundo capítulo, “Os Jogadores de Basquetebol e suas Identidades como Heróis da Nação”, aprofundamo-nos na análise do caráter épico e da simultaneidade das narrativas midiáticas, focalizados nas imagens específicas de atletas como heróis nacionais.

No terceiro capítulo, “Recursos de Identidade Racial e Social”, buscamos identificar se a mídia impressa reproduziu, em seu noticiário específico ao bicampeonato, discursos brasilianistas do período estudado. Para isso, dialogamos com três autores clássicos que questionaram a formação nacional brasileira: Oliveira Viana, Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda.

No quarto capítulo, “O Basquetebol e Discursos Políticos”, objetivamos identificar através da análise do corpo documental uma narrativa que remetesse à afirmação da soberania nacional por meio da afirmação política do Estado nacional e ao sentimento anticomunista, tendo a conquista da equipe brasileira como pano de fundo.

Finalmente, no quinto e último capítulo, “Relações entre os Discursos de Identidade Nacional no Basquetebol e Futebol”, procuramos entender quais conflitos estariam presentes na representação midiática dos títulos mundiais do basquetebol em relação ao futebol.

1. CONSTRUÇÕES DE UMA NARRATIVA ÉPICA E SIMULTÂNEA

Para Anderson, as narrativas identitárias presentes na mídia impressa são vitais para a construção das nações em função dos conceitos de imaginação e da simultaneidade. Anderson não aborda o esporte profundamente em sua obra, mas discorre brevemente como o mesmo pode ser um dos muitos objetos na narrativa dos jornais, tais como o noticiário econômico, político e etc. que, por meio de uma justaposição arbitrária, constroem laços uns com os outros. Essa justaposição permite com que os leitores dos jornais, pelas suas imaginações, identifiquem e construam essas ligações, a partir da noção da interdependência das mais variadas notícias em tempo real. É a partir dessa ligação imaginada, tornada possível pelo potencial de simultaneidade dos jornais, que a mídia impressa se configura como fonte de processos identitários:

Ao mesmo tempo, vimos que a própria concepção do jornal implica na refração de até mesmo "eventos mundiais" em um mundo imaginado específico de leitores vernaculares. E também como é importante para a comunidade imaginada uma ideia de simultaneidade estável, sólida através do tempo (ANDERSON, 2006, p. 63, tradução nossa).

O dono de fábrica em Lille era ligado ao dono de fábrica em Lyon apenas por reverberação. Eles não tinham nenhuma razão necessária para saberem da existência um do outro [...] Mas eles vieram a visualizar de uma maneira geral a existência de milhares e milhares como eles próprios através de linguagem de imprensa [...] foram as primeiras classes a alcançar solidariedades numa base essencialmente imaginada (ANDERSON, 2006, p. 77, tradução nossa).

Qual é a convenção literária essencial do jornal? Se estivéssemos a olhar para uma primeira página, por exemplo, do The New York Times, poderíamos encontrar lá histórias sobre dissidentes soviéticos, a fome no Mali, um homicídio horrível, um golpe no Iraque, a descoberta de um fóssil raro no Zimbábue, e um discurso de Mitterrand. Por que esses eventos são tão justapostos? O que os liga uns aos outros? Não é o capricho. No entanto, obviamente a maioria deles acontece de forma independente, sem que os atores estejam cientes uns dos outros ou do que os outros estão fazendo. A arbitrariedade de sua inclusão e justaposição (uma edição posterior substituirá um triunfo de beisebol por Mitterrand) mostra que a ligação entre eles é imaginada (ANDERSON, 2006, p. 35, tradução nossa).

Nossa análise das fontes nos permitiu identificar que os jornais brasileiros estavam de acordo com o que foi observado nos jornais interrogados por Anderson, o que lhe permitiu propor o conceito de comunidade imaginada. Primeiro, quanto à simultaneidade de leitores, tomamos a título de exemplo, a extensão da mídia jornalística no estado do Rio de Janeiro, um dos principais centros populacionais da nação no período interrogado.

Fontes afirmam que naquele período existiam 18 jornais no estado, com uma tiragem média de 1.245.335 exemplares por dia (BARBOSA, M. 2007), número esse que excedia a população urbana adulta do mesmo¹. De fato, notamos como muito dos jornais, como no exemplo abaixo, garantiam em suas páginas, em tom de proeza, sua grande circulação:

Figura 1: “Diário Esportivo de Maior Circulação na América do Sul”



Fonte: JORNAL..., (1963)

Os veículos midiáticos que noticiaram os acontecimentos relacionados aos títulos da equipe brasileira sempre deram destaque de primeira página aos feitos dos jogadores. Podemos evidenciar isso nessa capa da revista O Cruzeiro, tida por muitos historiadores da imprensa como a mais importante revista brasileira da época (BARBOSA, M. 2007), com uma tiragem oficial de 425.000 exemplares por número:

¹ O Censo Demográfico de 1960 do estado do Rio de Janeiro afirma a população total do estado em 3.367.730 habitantes. Destes, 2.054.040 habitantes se encontravam em zona urbana, sendo a população adulta da mesma afirmada em 1.034.436 habitantes. Ressalta-se que o número de analfabetos no estado do Rio de Janeiro no período somava em torno de 30% da população, o que por definição afeta o número total de leitores. Levando-se em consideração a população adulta total do estado, já contabilizado a taxa de analfabetos, o número de habitantes adultos leitores, independente se oriundos de zonas urbanas ou rurais, ainda assim se configura como menor do que a tiragem diária de jornais no estado. Para mais informações, favor ver Barbosa (2017), MAPA... (2003), e CENSO... (1960).

Figura 2: Capa da revista O Cruzeiro

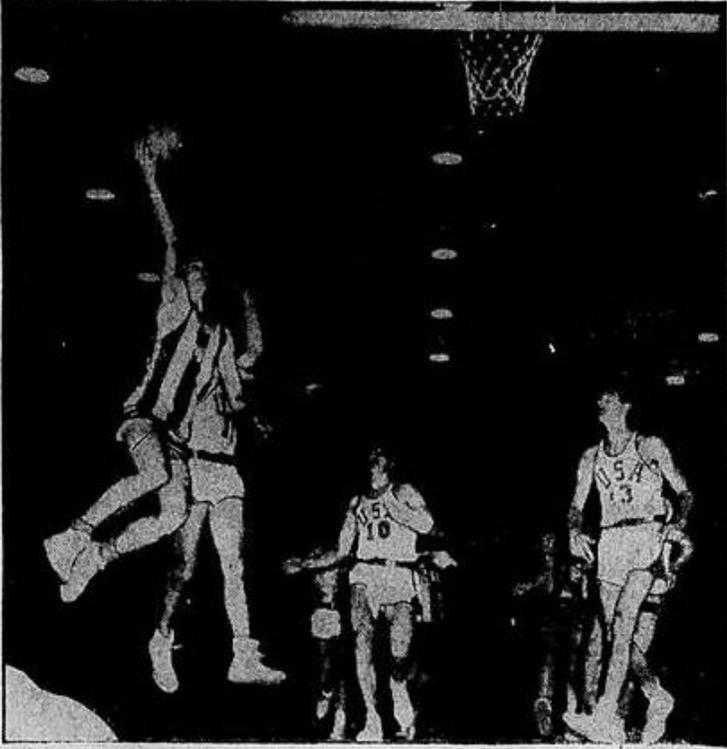


Fonte: O CRUZEIRO, 1963

Segundo, quanto à simultaneidade de assuntos, trazemos como exemplo, nas figuras abaixo, as seguintes manchetes que foram publicadas ao mesmo tempo na primeira página do Diário Carioca:

Figura 3 - Brasil: novo campeão mundial de basquete

VLAMIR, O MAIOR



Vlamir, que aparece na foto subindo espetacularmente para marcar, no jogo contra os Estados Unidos, tem sido o mais eficiente jogador da equipe brasileira de basquetebol. A sua coragem e a sua pontaria deve o Brasil grande parte do êxito conquistado em Santiago. Na foto, que nos foi remetida pelo enviado especial Maurício Nauslauský, vê-se também Amauri, outro grande valor com que contou o selecionado brasileiro para impôr-se, pela primeira vez na história do nosso basquete, aos Estados Unidos, que haviam firmado em todo o mundo o prestígio de "Reis da bola ao cesto"

Brasil: novo campeão mundial de basquete

SANTIAGO, 31 (De Maurício Nauslauský, enviado especial do DIÁRIO CARIOCA) — O Brasil é Campeão Mundial de Basquete. Completando a conquista que iniciara ontem,

ao derrotar os norte-americanos, detentores do título mundial, os brasileiros venceram os chilenos por 72x49, encerrando de modo espetacular o campeonato.

Na sua campanha, os novos campeões mundiais sofreram duas derrotas, ambas para a mesma equipe: a Rússia que, tendo experimentado um único revés (frente ao Canadá, na chave de classificação), divide com a Bulgária a última colocação, por se haverem ambas recusado jogar contra a China Nacionalista.

LOCURA

Assim que o último apito se ouviu, encerrando o jogo e o campeonato, os integrantes da delegação brasileira ficaram possuídos de verdadeira loucura — titulares, reservas, técnico e dirigentes pulando, rindo, chorando e abraçando-se, enquanto a enorme assistência aplaudia demoradamente.

Sempre ovacionados pelo povo de Santiago, os novos campeões mundiais de basquete fizeram a volta olímpica na quadra (improvisada) do Estádio Nacional do Chile, agitando freneticamente nas mãos uma bandeira do Brasil.

Figura 4 - Mansfield no Rio



Fonte: MANSFIELD..., 1959, p. 1

Figura 5 - Presidente Discursou Perante Ministério

Presidente discursou perante o Ministério

Ao ensejo do 3.º aniversário da sua administração, o presidente Juscelino Kubitschek, como o faz todos os anos, pronunciou, ontem, importante discurso, no qual salientou que, pela primeira vez na história da República, o Governo Federal procurou conjugar, num plano cuidadosamente estudado e de vasta envergadura, os esforços de todos os setóres da atividade nacional, "que mais que os homens de hoje, os de amanhã terão de reconhecer como básicos à segurança" e à prosperidade do país.

O longo discurso do Presidente foi proferido às 7 horas, no salão de despachos do Palácio do Catete, em presença dos Ministros de Estado — excetuados o marechal Lott (cuja ausência foi justificada, segundo comunicação do Cerimonial da Presidência) e o sr. Cirilo Júnior — além do prefeito Sá Freire Alvim, senadores Filinto Müller e Apolónio Sales e outras altas autoridades.

A CERIMÓNIA

Antes da reunião ministerial, o sr. Jurandir Pires Ferreira, Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ofereceu ao Chefe do Governo 23 volumes da "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros" e uma "Carta Geográfica de Brasília", trabalhos realizados pelo órgão que dirige. Encontravam-se presentes ainda os srs. Vitor Nunes Leal, chefe do gabinete civil da Presidência; general Nelson de Melo, chefe do gabinete militar; Roberto Campos, Presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Económico e João Guilherme Aragão, Diretor do Departamento Administrativo do Serviço Público.

DISCURSO DO PRESIDENTE

Pronunciou o presidente Juscelino Kubitschek, em seguida, o seguinte discurso:

"No limiar do meu quarto ano de Governo, posso falar aos meus conchidados com a consciência de que empreguei, da melhor forma, o meu tempo de Presidente da República. Aqui estou nesta manhã, tranquilo — sem procurar enfeitarme com palavras de vanglória — a fim de prestar contas aos partidos que me elegeram, ao povo, a toda a opinião pública do meu país, dos esforços que despendi para levar avante um programa que, mais do que os homens de hoje, os de amanhã terão de reconhecer como básico à nossa segurança e indispensável ao desenvolvimento nacional.

"Das críticas que me têm sido feitas, uma delas acolho com desvanecimento — a de que o Governo está pensando no futuro do país. Não hesito em confessar que, realmente, desejo que nossos descendentes encontrem uma época menos incerta do que a atual, um país incomparavelmente mais forte, rico e sólido do que o dos nossos dias. Nada há mais nobre do que pensar uma geração, em termos de desprendimento, nas gerações futuras que hão de ter melhores con-

(Conclui na página 5)

Fonte: PRESIDENTE..., 1959, p. 1

Figura 6 - Afundou Navio que foi Contra o 'Iceberg'

Afundou navio que foi contra 'iceberg'

COPENHAGUE, 31 — (UPI-PP-DC) — Repetindo a tragédia ocorrida em 1912, com o "Titanic", o navio misto holandês "Hans Hedtoff" de 2.875 toneladas, com 95 passageiros a bordo, entre os quais mulheres e crianças, chocou-se, ontem, com um "iceberg" ao largo da Groenlândia e afundou lentamente.

Os navios que acorreram em socorro do "Hans Hedtoff" desistiram de prosseguir nas buscas, de vez que uma espessa camada de gelo está se formando na região, ameaçando a segurança dos barcos que procuram o navio em perigo.

VIAGEM INAUGURAL

As 5 hs. e meia GMT de ontem, o "Hans Hedtoff", pequeno navio dinamarquês completamente novo — como era o "Titanic" — voltando à Dinamarca de sua viagem inaugural, com 95 pessoas a bordo, abalroou com um "iceberg", a 30 milhas a sudeste do Cabo Farwell. Pediu socorro e, segundo a lei dos homens do mar, navios e aviões logo correram em seu auxílio, a despeito da obscuridade e dos elementos desencadeados.

Conforme despacho de Nova Iorque, ontem à noite, o Centro Coordenador dos Guardas-Costas do Nordeste dos Estados Unidos, não tinha nenhuma nova informação sobre o sorte do "Hans Hedtoff".

ULTIMAS MENSAGENS

As últimas mensagens de rádio tinham sido as seguintes: do "aviso", "Campbell", que correu em socorro do navio dinamarquês, 16.54 GMT; "Colisão com "iceberg", posição 59.5 Norte 43. Oeste"; 17.42 GMT: "Casa das máquinas inundada"; 19.25 GMT: "90 passageiros e cerca de 40 tripulantes; o navio está sendo invadido pelas águas"; 20.35 GMT: "o "Hans Hedtoff" afunda lentamente. Necessidade de socorro imediato"; 21.52 GMT: "Uma chalupa encontrou

(Conclui na página 5)

Fonte: AFUNDOU..., 1959, p. 1

Figura 7 - Peron Desapareceu da República Dominicana

Peron desapareceu da República Dominicana

CIDADE TRUJILLO, 31 — (FP-DC) — O ex-ditador argentino Juan Perón abandonou, há sete dias, o "Hotel Paz" desta Capital, onde residia, depois de ter pago a conta e dito a alguns hóspedes que iria para Montevideo ou Assunção.

As agências locais de aviação, entretanto, não puderam confirmar que Perón houvesse deixado a República Dominicana, onde estava asilado, uma vez que o seu nome não figurou em nenhuma lista de passageiros para o exterior.

SENSAÇÃO NA ARGENTINA

BUENOS AIRES, 31 (FP-DC) — A repentina partida de Perón de Cidade Trujillo provocou sensação nesta capital, onde a notícia se espalhou rapidamente, depois da meia-noite de ontem. As estações de rádio interromperam as suas transmissões normais para divulgar boletins especiais e os jornais modificaram as suas primeiras páginas. Em face do adiantado da hora, foi impossível obter-se declarações oficiais sobre o fato.

As informações segundo as quais Perón teria declarado, antes de deixar a capital da República Dominicana, que iria para o Uruguai ou para o Paraguai são consideradas muito improváveis, pelos círculos políticos de Buenos Aires, mesmo no caso de que o ex-ditador tenha vindo sob disfarce e com nome suposto. Notícias chegadas de Montevideo indicam que a solicitação uruguaia de ajuda de Perón a um país em que lhe é hostil a opinião.

HIPÓTESES

Dois hipóteses são formula-

das mais geralmente em Buenos Aires: uma eminentemente favorável ao governo Frondizi e outra assustadora: o desejo de Perón de criar desordem e confusão, se isto pudesse fazer. De acordo com determinadas pessoas, Perón, escusante do fracasso da greve geral de 18, 19 e 20 do corrente, seguiria para a Europa, o que constituiria um golpe muito duro para o movimento peronista na Argentina que veria afastar-se ainda mais o seu chefe supremo.

De acordo com outras pessoas, o desaparecimento de Perón teria o objetivo de semear a inquietude na Argentina dando crédito aos rumores do seu próximo regresso, no próprio momento em que o presidente Frondizi regressa aureolado pelo prestígio conferido pelo êxito da sua vitória nos Estados Unidos. Acredita-se geralmente, nessas condições, que Perón poderia ocultar-se, simplesmente, durante alguns dias, talvez no inte-

(Conclui na 3.ª página)

Fonte: PERON..., 1959, p. 1

Nota-se como a notícia do triunfo da equipe brasileira vem acompanhado de um noticiário disperso, como relatos da República Dominicana e Dinamarca. Notícias que, exceto o tempo e espaço, não possuem qualquer relação com o Mundial conquistado. Por isso, com base em Anderson, buscamos analisar se houve na mídia impressa brasileira aspectos de uma narrativa identitária dos acontecimentos relacionados ao bicampeonato mundial de basquetebol masculino brasileiro. Para tal, buscamos identificar nas narrativas da imprensa noticiários dos campeonatos que remetesse a sentimentos coletivos, simultâneos. Damos atenção aos textos midiáticos que remetesse a uma descrição épica do evento, definida por Bhaktin (2002) e Bhaba (2003) como inerentes às narrativas nacionalistas, onde há extrema valorização do passado e feitos heroicos através de relatos de caráter acabado e não sujeito a novas interpretações, onde o povo aparece como uma manifestação homogênea. Nesse momento, analisar a descrição dos eventos se mostra como primeiro passo para responder à pergunta: quais foram as representações presentes na mídia impressa durante o bicampeonato mundial de basquetebol masculino sobre o brasileiro?

1.1 O III Mundial de Basquetebol Masculino, em Santiago, Chile – Janeiro de 1959

Nossa análise das fontes nos permitiu identificar que no período que antecedeu o III Mundial de Basquetebol Masculino, os jornais afirmaram seu comprometimento com o noticiário do evento para o público brasileiro, assegurando aos leitores, por meio de notas explicativas, o envio de seus cronistas à Santiago, todos pertencentes ao Comitê de Cronistas de Basquete do Brasil². Essas notas sempre destacavam as qualidades dos cronistas, tido como imparciais e capazes de transmitir ao leitor opiniões “equilibradas”.

Nos primeiros textos que noticiavam o mundial, identificamos uma narrativa que supervalorizava o evento, trazendo em suas manchetes notícias que atribuíam ao torneio uma enorme tensão e dramaticidade. Muitos editoriais destacaram o embarque dos “ases brasileiros” (SEGUIRAM..., 1959, p. 16) em uma ‘jornada impossível’ (APESAR..., 1959, p. 11), e a carinhosa recepção que receberam pela população chilena (PREPARATIVOS..., 1959, p. 7; PAIVA, 1959, p. 17). Apesar de mencionar a

² Ver REUNIÕES..., (1958, p. 7)

superioridade das equipes americana e soviética, a seleção brasileira era narrada como “favorita” (BRASIL..., 1959a, p. 4; BRASIL..., 1959b, p. 4; INICIA..., 1959, p. 7), “temível” (TEMÍVEL..., 1959, p. 7), a “maior seleção brasileira já formada” (O MAIOR..., 1959, p. 1), em “grande forma” (SELEÇÃO..., 1959, p. 1), e como sendo a única equipe latino-americana, capaz de conquistar o título, na opinião de vários técnicos e dirigentes, tendo a enorme responsabilidade de defender o prestígio esportivo da América do Sul (BRASIL..., 1959, p. 2).

Desde o início do campeonato, os cronistas afirmavam que esse seria “o maior certame dos últimos tempos” (O BRASIL..., 1959, p.12). A noção evidenciada nas páginas de que “o otimismo exagerado que se observa de parte do povo poderá matar o basquete, se o resultado for adverso” (PAIVA, 1959, p. 16) nos permite compreender que tipo de expectativas os cronistas nutriam.

Nos dias que antecederam o mundial, o jornal O Estado de São Paulo publicou um editorial que fez menção ao passado do basquete no Brasil (DÉCADA..., 1959, p. 24). Neste, pudemos ler a trajetória dos sucessos do basquetebol brasileiro no período que ficou reconhecido como “Década de Progresso”, tendo início em 1948 com o bronze nas Olimpíadas de Londres e o vice-campeonato Mundial de 1954 no Brasil. O editorial se mostrava bastante otimista quanto às chances brasileiras nesse novo torneio, destacando a evolução do basquetebol nos últimos dez anos.

Ficam claras nessas notícias as expectativas dos cronistas com o desempenho do time brasileiro, e o sentido de missão honrosa que eles atribuíram à equipe nacional pela valorização do passado da modalidade. Atribuímos essa postura ao contexto esportivo da época, pois o ano de 1958 foi marcado pelas muitas conquistas do esporte brasileiro; seleções e atletas individuais que representaram o Brasil conquistaram 33 títulos internacionais, no “ano de ouro do esporte nacional” (LUZ, 1959, p. 13).

A análise das fontes que noticiaram o desenrolar do campeonato nos permitiu identificar uma descrição supervalorizada feita pelos jornalistas a respeito do desempenho da equipe, descrevendo os atletas como possuidores de habilidades inatas aos brasileiros, capazes de “improvisações”, “artimanhas sutis” e de “jogo belo como nenhum outro” (BARBOSA, 1959, p. 15). Os jogos eram descritos como “minutos de autêntica arte e beleza” e “verdadeiras aulas de basquetebol” (BARBOSA, 1959, p. 17a):

O basquetebol mais artístico dentro de campeonato mundial foi apresentado pelo Brasil. Antes de concluir uma jogada os brasileiros a enfeitavam de tal maneira, que deixavam extasiados os torcedores chilenos. Por temperamento o atleta brasileiro é sutil, habilidoso, capaz de improvisar um lance com a maior facilidade. O que Pelé faz com os pés, Wlamir faz com as mãos. O que Zizinho concebe dentro da cancha de futebol um [illegível] concretiza dentro do tablado de basquetebol, e assim por diante. Foi por isso que o público andino classificou nossos jogadores de verdadeiros artistas do basquete. Wlamir foi o mais perfeito de todos eles. Cada jogada era motivo para aplausos entusiásticos da plateia. Amaury, firme nos rebotes, dava a impressão de um astro vigoroso no domínio da bola. Pecente, Jatir, Algodão, Edson, Valdemar foram outras figuras notáveis. Individualmente o basquetebol brasileiro foi, portanto, o mais artístico de todos quantos se apresentaram no Chile (BRASIL..., 1959, p. 15).

Sem dúvida o tipo de jogo dos brasileiros durante o campeonato foi aquele que mais agradou ao público chileno. Com perfeita sincronização de movimentos, possuindo o estilo mais espetaculoso de todos os concorrentes, impecáveis no comportamento, usando amiúde os passes largos, com cruzamentos através de toda a quadra, concretizando com êxito as sempre emotivas jogadas de rebote, usufruindo de uma categoria individual ímpar entre os jogadores que vieram a este torneio, os brasileiros jogaram e deixaram jogar, praticando um bola-ao-cesto aberto, claro, em que a possibilidade da vitória estava na esquematização dos lances e na pré-suposição de uma ordem tática (REGO, 1959, p. 27).

Para além dos termos deste documento, identificamos também um discurso de que o basquetebol brasileiro era o mais belo e artístico do campeonato. Por exemplo, as comparações que Rui Barbosa traça entre o basquete brasileiro, tido por ele como eminentemente artístico, e o basquete russo, descrito como uma “ode ao automatismo e objetividade”:

Nosso trunfo nós conseguimos lutando lealmente, com exibições de gala. Nosso basquetebol, técnico por excelência, bonito de se ver, tal como nosso futebol, merece a coroa que conquistou.

[...]

Tecnicamente, somos bem superiores aos soviéticos, que praticam um basquete essencialmente baseado no sentido de equipe, coletivo, sem improvisações inspiradas como os dos nossos rapazes. Nosso jogo é de encher os olhos da plateia, os russos primam pela eficiência do seu automatismo, onde verdadeiros gigantes funcionam à guisa de máquinas. Sua solidez defensiva é admirável, mas ofensivamente os deixamos para traz numa jornada normal. O basquetebol soviético é altamente eficiente, mas o nosso também o é. São dois estilos distintos, um primando sempre pela objetividade dos movimentos de uma máquina, outro buscando nos arabescos, nas improvisações, um toque requintado de arte em seus movimentos (BARBOSA, 1959b, p. 17).

A descrição de Rui Barbosa, entendendo o basquetebol brasileiro como eminentemente artístico, também encontra paralelo na maioria dos demais noticiários. No entanto, encontramos alguns textos que contradizem tal característica. Apesar do “jogo arte” retratado pelos cronistas, a equipe verde e amarela foi a que mais cometeu

faltas durante o torneio (BARBOSA, 1959, p. 15), e Waldemar, foi o único jogador expulso em todo o campeonato (BRASIL..., 1959a, p. 1). Essas informações demonstram a parcialidade dos cronistas diante dos fatos por eles noticiados, mostrando que a motivação para a construção de uma narrativa épica e identitária estava bem acima da motivação para um noticiário neutro.

Com o título concretizado, a análise das fontes nos permitiu identificar que o noticiário da conquista brasileira estampou os jornais de todas as regiões do país (BRASIL...,1959b), contribuindo assim para o sentimento de simultaneidade da representação da conquista. A narrativa fez muito uso de emoções coletivas: a vitória foi celebrada com “intensa vibração, um espetáculo indescritível, pois houve de tudo: abraços, beijos, gritos de ‘viva o Brasil’ e também lágrimas” (ROCHA, 1959, p. 2). Os presentes em Santiago, dado à “natural euforia” do acontecimento foram “possuídos de verdadeira loucura” (NASLAWSKY, 1959a, p. 1) demonstrando um “verdadeiro delírio [...] crises de choro[...] risos [...] pulos [...] desmaios” (BRASIL, 1959, p. 14).

A data em si, relatada como uma recordação inesquecível, permitiu aos cronistas afirmarem que “ficará marcada de forma indelével na história do basquetebol brasileiro a data de 30 de janeiro de 1959” (ROCHA, 1959a, p. 1). A taça foi, segundo as narrativas, “conquistada mais com o coração do que com as mãos [...] pelos nossos patrícios [...] em uma jornada que ficará gravada em ouro em nossa história do esporte de cesta” (BRASIL, 1959, p. 15). Ademais, o título “deverá ser comemorado em todo o Brasil com grande entusiasmo, quando se sabe do amor dos brasileiros a toda modalidade esportiva” (BRASIL, 1959, p. 14).

De fato, muitos jornais aproveitaram a ocasião para expor que “a equipe brasileira sempre contou com o apoio integral do povo brasileiro” (ROCHA, 1959a, p. 1). Narrando a conquista como “joia de qualidade imperecível” e que a campanha tinha sido “realmente digna de elogios e condizente com o prestígio internacional que o basquetebol brasileiro já conquistara” (OUTRA..., 1959, p. 1-2). Em textos como esses, fica evidente o apelo à coletividade, à simultaneidade e uma tentativa de resgate de uma suposta afinidade que o povo brasileiro tenha nutrido pelo basquetebol no passado.

A análise do noticiário referente ao retorno dos brasileiros evidenciou apelo ao povo para que recebessem os jogadores no aeroporto “de braços abertos”

(RECEBERÃO, 1959, p. 20). Os jornais previam grandes manifestações, afirmando que "o povo precisa prestar aos campeões as homenagens a que eles fazem jus" (O POVO..., 1959, p.11):

Através do basquetebol, os desportos brasileiros vêm, mais uma vez, obter o centro máximo do mundo [...]. Esses rapazes, hoje estarão de volta à pátria, merecem os aplausos e a admiração de todos os desportistas. Foram valentes, técnicos, e sobretudo, disciplinados. Souberam, a exemplo dos seus colegas do futebol, elevar bem alto prestígio dos nossos desportos no cenário internacional.

Os cestinhas nacionais que tanto brilharam em Santiago serão recebidos com pompas [...] a confederação brasileira de basquetebol, está organizando um programa de festejos, afim de recepcionar aqueles que em quadras andinas, trouxeram para nosso país, mais um título mundial (CHEGAM..., 1959, p. 7).

A mídia noticiou a recepção como apoteótica, focando na imagem vitoriosa da seleção retornando à pátria e na relação das festas e homenagens com as comemorações carnavalescas. Essa ligação com o carnaval é importante, pois demonstra a intenção dos cronistas em associar as celebrações, eminentemente ligadas ao basquetebol, com o carnaval, uma celebração com forte apelo identitário para o povo brasileiro. Nesse espírito de carnaval, o Jornal Diário Carioca publicou uma música de Angelita Martinez em homenagem aos novos campeões:

A rebolante Angelita Martinez que tanto sucesso fez com a marcha "Mané Garrincha" foi contratada pela Victor e no seu disco de estreia, cujas músicas serão gravadas amanhã, figura o samba de J. Castro e Wilson Batista intitulado "Mais uma Taça" que tem a seguinte letra:

Brasil rei do basquete
Bola na cesta
Temos Kanela e Algodão
E é mais uma taça

Brasil foi na ginga do samba
Tua vitória
em terra estrangeira
Vamos aplaudir os moços
que fizeram lá no chile
tremular nossa bandeira (ANGELITA..., 1959, p. 6).

Identificamos que o retorno dos jogadores ao Brasil foi uma oportunidade para os jornais exaltarem as qualidades dos atletas, tais com seu espírito de luta e de equipe. Os jornais exaltaram também no momento da chegada a interação entre a equipe e o povo, usando a imagem do rompimento dos cordões de proteção do aeroporto como alegoria a esse reencontro. Essa imagem do rompimento dos cordões simboliza a importância

que os jornalistas deram ao tema do regresso pátria³ para trazer de volta ao país a conquista:

A recepção calorosa aos campeões mundiais de basquete foi das mais justas, pois mais uma vez os nossos briosos rapazes souberam propagar o nome do Brasil no estrangeiro, demonstrando seu apuro técnico e o seu amor a nossa pátria (RECEPCIONADOS..., 1959, p.1).

No decorrer dos próximos capítulos abordaremos temas centrados no III Mundial de Santiago para além de uma análise dos elementos épicos e simultâneos de sua representação na mídia. Porém, antes abordaremos as mesmas questões no IV Mundial de Basquetebol, que ocorreu no Rio de Janeiro.

1.2. O IV Mundial de Basquetebol Masculino, Brasil – Maio – Agosto de 1963

Findada a análise do noticiário a respeito do III Mundial de Basquetebol Masculino em Santiago, voltamos nossa análise às publicações que fizeram menção ao IV Mundial de Basquetebol Masculino, ocorrido no Brasil em 1963.

Identificamos nas fontes que o processo de escolha para a sede do IV Mundial foi conturbado. A mídia retratou o sucesso financeiro do Mundial de Santiago, o que de acordo com os noticiários, levava brasileiros, uruguaios, filipinos, estadunidenses, franceses, tchecoslováquios, e os próprios chilenos, novamente, a se candidatarem para serem a próxima sede, sendo as Filipinas escolhida (MUNDIAL..., 1959; LÚCIO, 1959).

³ A temática do “retorno à pátria mãe” é muito abordada em estudos que interrogam a identidade nacional de um país através de manifestações esportivas. Tomemos por exemplo o estudo de Campos (2003, p. 149), no qual o autor questiona as influências dos discursos jornalísticos que abordam o Tour de France na identidade nacional francesa:

“O Tour é facilmente exportável, mas hoje estamos voltando para casa. Fazendo o seu caminho através de Lorena e até Champagne, o Tour de France está retornando à pátria. Depois de todas as quedas nos últimos dias, esperemos que as coisas parem de cair em Gravelotte, aquele lugar heroico da guerra de 1870, enquanto o caminho de Metz para Reims nos levará à parte de nossa história nacional” (Tradução nossa).

Nessa passagem, Campos expõe como os discursos jornalísticos abordam a questão da territorialidade e da “terra mãe” francesa. De maneira paralela aos cronistas brasileiros que associaram o retorno dos atletas ao carnaval brasileiro, Campos associa o retorno dos atletas do *Tour* aos locais marcados pelas guerras de defesa do território francês, reunificados em batalhas contra os prussios e os alemães, em eventos que contribuíam para o fortalecimento da identidade nacional francesa no final do século XIX. Curioso perceber a intencionalidade do jornal, explicitamente no tocante às quedas dos atletas nas etapas anteriores que ocorreram fora da França.

No entanto, uma reviravolta política impugnou a escolha das Filipinas, que ao não conceder visto à seleção da Iugoslávia, foi punida pela Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA) com a perda do direito de sediar o campeonato e assim, após reivindicações da Confederação Brasileira de Basquetebol, o mundial foi transferido para o Brasil. Belo Horizonte, São Paulo e Curitiba foram escolhidas como sedes da primeira fase, sendo a fase final disputada no Rio de Janeiro.

Identificamos que a mídia comemorou a escolha do Brasil como sede, exaltando a escolha por um dado senso de justiça, visto que o Brasil era o atual campeão mundial, e de uma certeza de sucesso, alegando a suposta ligação do povo brasileiro à modalidade. Percebemos o uso que fez a mídia de um discurso que valorizava o passado, afirmando a possibilidade do basquetebol brasileiro voltar a desfrutar de um prestígio nacional que outrora tinha gozado, criando assim a ilusão de que a modalidade tenha sido um dia preferência nacional:

A escolha do Rio para sede do V Campeonato Mundial de Basquetebol Masculino foi por demais honrosa para o desporto brasileiro. O que a muitos pode ter parecido uma resolução política do organismo que rege o esporte da cesta no mundo, foi, antes de tudo, a concretização de um ato de inteira justiça. O Brasil, apenas pelo simples fato de ostentar o título de campeão mundial, já se fazia merecedor dessa honra. Mas outros fatores ponderáveis influíram decisivamente nessa decisão da FIBA, entre os quais a garantia de êxito certo (financeiro e técnico) de um certame de tal envergadura. Isto porque, além do interesse popular que cercava o campeonato, havia a certeza da participação de muitos países dos mais evoluídos no basquetebol.

[...]

Atentem os dirigentes para estes detalhes, a fim de que o basquetebol volte a desfrutar do invejável prestígio de antigamente e as quadras, principalmente nos certames regionais, voltem a atrair o público. Conseguindo isto, o basquete passará a ocupar, de novo, a posição que de fato merece.

Com a conjugação de esforços de todos os setores, o Campeonato Mundial de Basquetebol Masculino será plenamente vitorioso e, com isso, o esporte da bola ao cesto voltará a desfrutar de maior prestígio no Brasil, ocupando o pôsto que sempre foi seu na preferência popular (BASQUETE, 1963, p. 41).

Identificamos também outro noticiário que evidenciou o potencial da mídia impressa como fonte de imaginação. Muitos jornais retrataram a construção do ginásio Tarumã, em Curitiba, como estritamente para o Mundial (CURITIBA..., 1963). Ora, isso seria impossível, não só pelo fato de que o Brasil foi designado sede do mundial pouco tempo antes da realização do torneio, em caráter de última hora, impossibilitando assim a construção de um ginásio, como evidenciam as notícias de sua construção já em 1956, sete anos antes do Mundial do Brasil (GOVERNADOR..., 1956; KRIGER, 1960).

O caráter nacionalista da abertura do campeonato ficou evidente no noticiário de um cerimonial cheio de símbolos da cultura brasileira (LÚCIO, 1959), tais como: danças folclóricas, a presença de escolas de samba, a execução do hino nacional brasileiro e o juramento de abertura, que estava focado na importância do campeonato para a honra nacional:

Juramos que tomaremos parte do IV Campeonato Mundial de Bola-ao-cesto, em leal competição, respeitando os regulamentos que o dirigem e com o desejo de participar nele com o verdadeiro espírito do desporto, para a honra do nosso País a gloria do bola-ao-cesto mundial (Mundial..., 1963, p. 4).

Começado o campeonato, identificamos que a mídia impressa elogiou a equipe brasileira pelo elevado nível técnico e fibra de seus jogadores, “verdadeiros heróis” (BRASIL, 1963, p. 14). O campeonato foi retratado como muito organizado, e as mulheres e praias brasileiras, que compuseram o cenário da fase final do campeonato no Rio de Janeiro, foram igualmente elogiadas (BICAMPEÕES..., 1963; KRIGGER, 1963a).

Leo Kriger narrou em suas crônicas o que ele via na cidade antes do jogo. Nota-se o uso de linguagem bélica⁴, referente à famosa missão aliada na Normandia, já no título de sua crônica, e seu caráter dramático:

O sábado amanhecera bonito. O céu azul dominava toda a cidade, o estado. O sol fazia às honras de anfitrião para um bom banho em Copacabana. O ambiente estava carregado de apreensão. Mais algumas horas e teríamos a realização da partida decisiva do IV Campeonato Mundial de Basquete Masculino. Essa era a grande preocupação do carioca no final de semana. O basquete havia tomado conta de tudo. Somente dele é que se falava. Nas vendinhas de café, nas conversas da rua, nas lotações e no ônibus, um assunto apenas dominava: o basquete (KRIGGER, 1963, p. 5).

O noticiário que retratava os adversários apontava para uma clara referência a uma lógica de *nós contra eles* e as vitórias brasileiras descritas como shows

⁴ O uso de narrativas com termos que remetem a grandes eventos bélicos da história mundial é muito comum na crônica esportiva. Já comentamos como Campos (2003) evidencia o uso de tal artifício nos jornais franceses que cobrem o Tour de France, principalmente no que se refere à volta do Tour ao território francês após etapas europeias, passando por territórios que foram defendidos com sucesso em guerras territoriais e simbolizam sucessos militares. Vincent e Harris (2014, p.233), ao estudarem as narrativas esportivas durante a Euro Copa 2012 em dois importantes jornais britânicos chegaram à mesma conclusão. Durante os jogos contra a França, inimiga histórica da Inglaterra em várias guerras, os autores evidenciaram na crônica esportiva o uso de palavras de ordem tais como “vamos lhes dar um novo Waterloo”:

“Certamente não é impossível que amanhã os franceses deixem o campo chicoteado, seus rabos gálicos entre as pernas. Esse não seria apenas o nosso melhor resultado sobre eles desde que Bryson Robson marcou duas vezes no confronto de 1982, mas o mais sensacional desde que os esmagamos em Waterloo em 1815. E desta vez eles não têm Napoleão liderando o ataque” (tradução nossa).

espetaculares. Especificamente a final contra os EUA, foi noticiada a imagem da superação dos “antigos reis dando lugar aos novos reis do basquetebol” (BRASIL..., 1963, p. 10). Foi uma “jornada brilhante e gloriosa” (BRASIL..., 1963, p. 4), que somada ao “público que superlotou o estádio Gilberto Cardoso”, permitiu os cronistas afirmarem que “jamais se viu delírio igual da torcida em toda a história do Maracanãzinho” (BRASIL..., 1963, p. 10):

A atuação da equipe brasileira foi magnífica [...] todos os seus integrantes contribuíram de maneira eficiente para o triunfo sobre os americanos [...] o triunfo do quadro brasileiro sobre o americano provocou como não podia de acontecer, intensa vibração, dirigentes, jogadores, jornalistas, radialistas e torcedores invadiram a quadra para felicitar os componentes da equipe nacional [...] Foi um espetáculo indescritível, pois houve de tudo: abraços, beijos, gritos de "viva o Brasil" e também lágrimas (ROCHA, 1959, p. 2).

Identificamos como a celebração da vitória contra os EUA compôs um discurso repleto de elementos que remetiam a uma simultaneidade. Traçando um paralelo com a obra de Anderson, o uso extensivo de pluralidades por parte dos cronistas, era um dispositivo tido para Anderson como essencial para o estabelecimento da noção de alteridade para os membros imaginários da nação.

Evidenciamos que os jornais descreviam os vinte mil⁵ presentes na partida cantando “delirantemente” o Hino Nacional e o Hino da Guanabara em uníssono no Maracanãzinho “explodindo” de alegria com vitória da canarinha, em uma festa “nunca vista igual” (GRANDES..., 1963, p. 10):

Ao apito final, jogadores e dirigentes, misturados com o público, comemoraram ruidosamente o título, num espetáculo memorável, nunca visto, mesmo em jogos de futebol, emoção que se apossou de todos, onde risos, abraços, cambalhotas, eram vistos minuto a minuto e que se prolongaram até as primeiras horas de hoje, terminando com a entrega dos prêmios aos vencedores debaixo de um verdadeiro carnaval (BRASIL..., 1963, p. 1).

Nelson Rodrigues publicou uma crônica expressando seus sentimentos em ter feito parte da torcida durante o mundial. O cronista atribui à multidão um sentido de união:

⁵ Da mesma maneira, Boucher (2015, p. 51), ao tentar compreender as identidades relacionadas ao futebol nos jornais australianos, proporciona-nos uma interpretação semelhante de que as mesmas permitem um entendimento de como a torcida vivencia suas próprias identidades, vidas, vitórias e derrotas através de uma representação íntima dos jogadores presentes nas narrativas emotivas dos jornais:

“O espírito australiano é uma coisa maravilhosa que pode superar todos os obstáculos. Foi exemplificado pelo retorno de Jason McCartney, quando vi homens crescidos chorando [...] Isso não foi porque um jogador de futebol voltou a jogar, mas porque o espírito desta nação foi refletido em Jason. Ele é o sobrevivente de um ataque aos valores, crenças, liberdades e estilo de vida deste país e ele retornou contra todas as probabilidades” (Tradução nossa).

1- Amigos, é um pobre diabo o brasileiro que não esteve, anteontem, no Maracanãzinho. E eu não sei qual foi mais bonita, se a partida, se a multidão. Eis o que ninguém esquecerá jamais: - trinta mil pessoas que mais pareciam trinta mil hienas uivantes. E quando o povo emudecia, o seu simples hálito era um assóvio ou, mais do que assóvio, um gemido.

2- Eu sempre digo que a multidão nada tem a ver com o ser humano, porque lhe falta cara. Mas anteontem foi diferente. O próprio Maracanãzinho, pequeno, íntimo, tépido, possibilitava uma comunhão de cada um com todo o mundo. Não havia desconhecidos. De um momento para outro, criou-se um vínculo e, repito, um cálido e enternecido parentesco entre todos. E, pela primeira vez, uma multidão pareceu gente. Nas cestas do Brasil, erguia-se um uivo e vejam vocês: - êsse uivo geral ligava cada espectador a outro espectador (RODRIGUES, 1963a, p. 3).

A informação de que “no ginásio Gilberto Cardoso, ouviu-se a mais estrondosa ovação já registrada em sua história [...] doses excepcionais, ardor cívico e entusiasmos esportivo ressoavam o hino nacional e a cidade maravilhosa” (RODRIGUES, 1963a, p. 3), nos permite traçar um paralelo interessante com o que diz Anderson, quando explora a questão da simultaneidade no cantar do hino nacional:

Em segundo lugar, há um tipo especial de comunidade contemporânea que a linguagem sugere - sobretudo na forma de poesia e canções. Tomemos hinos nacionais, por exemplo, cantados em feriados nacionais. Não importa quão banal as palavras e medíocres as melodias, há neste canto uma experiência de simultaneidade. Nesses momentos precisamente, pessoas totalmente desconhecidas entre si pronunciam os mesmos versos para a mesma melodia. A imagem: unissonância. Cantando a Marselhesa, Waltzing Matilda e Indonésia Raya proporcionam ocasiões para unissonância, para a realização física da comunidade imaginada. (O mesmo acontece com ouvir a poesia cerimonial, como seções do Livro da Oração Comum.) Quão altruísta é essa unissonância! Se tivermos consciência de que outros estão cantando essas canções exatamente quando e como nós estamos, não temos ideia de quem eles possam ser, ou mesmo onde, fora do alcance da voz, eles estão cantando. Nada nos conecta, exceto o som imaginado (ANDERSON, 2006, p. 84, tradução nossa).

De fato, o que se narra nos jornais é o uníssono de vinte mil vozes, desconhecidas uma as outras, “para a realização física da comunidade imaginada”:

Mas o momento de maior vibração ocorreu quando o público, de pé principiou a cantar o hino nacional brasileiro. Os senhores já imaginaram, vinte mil pessoas entoando o nosso hino pátrio, em coro, acompanhadas pelos atletas e dirigentes, que estavam se confraternizando na quadra. Poucos puderam deixar de verter uma lágrima, tal a emoção do momento. Nunca havia visto em minha vida tamanha demonstração de civismo coletivo (APOTEOSE..., 1963, p. 10-11).

Nota-se como Swann, do Globo, elucidou em suas crônicas a imagem da cidade, simultânea e coletiva, um sentimento de ufanismo e de esquecimento de todos seus problemas sociais⁶:

A cidade viveu na noite de sábado um momento de glória e felicidade, daqueles que compensam os desconfortos do dia-a-dia, a falta de água, a falta de energia, a escassez de telefones, as crises de abastecimentos e outros meios antigos e modernos.

Terminada a partida assistiu-se a uma extraordinária manifestação de alegria popular, a tal ponto que se pode dizer que, naquele momento, a população inteira se uniu num sentimento de verdadeiro ufanismo, bem expresso na euforia do locutor de TV, que logo após a vitória proferiu uma frase que ficará célebre: "É PRECISO TER MUITA CABEÇA PARA VENCER COM OS PÉS E COM AS MÃOS". Estamos de inteiro acordo (SWANN, 1963, p. 4).

A partir das nossas leituras, identificamos que o noticiário não se limitou apenas às projeções das comemorações na cidade do Rio de Janeiro, mas se projetou a “milhões de brasileiros” (BRASIL..., 1963, p. 4):

Todo o Brasil vibrou com as performances dos cestobolistas brasileiros no Maracanãzinho, acompanhando com entusiasmos e interesse as peripécias dos comandados de Kanela na luta difícil e espinhosa pela conquista do bicampeonato mundial de basquetebol (GRANDES..., 1963, p. 10)

Não foram poucos os agradecimentos “ao basquete pela alegria que deu ao Brasil e seu povo” (BRASIL..., 1969, p. 1-2). Esse tipo de discurso, que retrata o povo brasileiro como uma massa homogênea reflete aquilo que encontramos em Anderson como vital para a formação de uma comunidade imaginada:

Essa novidade sincrônica só poderia surgir historicamente quando grupos substanciais de pessoas estivessem em posição de se considerarem vidas paralelas àquelas de outros grupos substanciais de pessoas - se nunca se encontrassem, mas seguindo certamente a mesma trajetória [...] Tornou-se concebível pensar no altiplano peruano, nos pampas da Argentina ou nos portos da Nova Inglaterra, e ainda se sentir ligado a certas regiões ou comunidades, a milhares de quilômetros de distância, na Inglaterra ou na Península Ibérica. Podemos estar plenamente conscientes de compartilhar uma língua e uma fé religiosa (em graus variados), costumes e tradições, sem qualquer grande expectativa de sempre encontrar nossos parceiros (ANDERSON, 2006, p. 188, tradução nossa).

⁶ O caráter da celebração presente na crônica de Swann encontra um paralelo novamente em Campos (2003, p.169). O autor expõe em vários momentos que essas representam a importância do *Tour* para os franceses, o que explica os cinco milhões de expectadores que vão às ruas assistirem às várias etapas da prova com a consciência que aquilo não é meramente um evento esportivo, e sim uma celebração nacional: “O Tour é o festival do verão de um homem, é também uma celebração de todo o nosso país, através de uma paixão especificamente francesa. Uma pena para aqueles que são incapazes de compartilhar suas emoções, suas loucuras, suas esperanças. É uma lição, renovada a cada ano, que mostra que a França está viva e que o Tour é realmente a turnê da França” (tradução nossa).

Após a conquista do título, percebem-se na mídia impressa textos que cercaram o acontecido em uma narrativa cronológica, na intenção de traçar todas as etapas do desenvolvimento do basquetebol brasileiro. Os documentos não dão espaço para reinterpretções do passado da modalidade, mostrando assim seu caráter estanque, próprio das narrativas épicas (BHABA, 2003). Um bom exemplo é o texto de Mendes:

Verdadeiramente consagradora foi a conquista do bicampeonato mundial de basquetebol pelo Brasil. De há muito que esse esporte em nosso país vinha se emancipando e progredindo a olhos vistos. Estabeleceu inicialmente, sólida e irrefutável hegemonia na América do sul. Essa primeira etapa se consumou depois de alguns anos de trabalho consciencioso e metódico. Uma evolução harmônica foi se processando aos poucos, lançando as bases de um trabalho sério e de idealistas. Os métodos de treinamento, os métodos de vida dos praticantes, eram conhecidos, mas faltava, então, a categoria, a segurança, enfim a própria realização do atleta. Esse último estágio, evidentemente, só poderia ser obtido através de anos, plasmando-se não os músculos, não a velocidade, não apenas a acuidade, mas sim o domínio do indivíduo e a categoria, aspecto mais difícil e árduo. Esse período, o mais melindroso, por ser desalentador, exigindo paciência e coragem, foi-se concretizando lentamente, que muitas vezes por pouco trazia o desespero e o desânimo, pondo tudo a perder. Mas essa também foi vencida e com ela veio a maior conquista que um povo poderia almejar, no terreno esportivo (MENDES, 1963, p. 11).

Identificamos também que alguns textos tentaram expandir o sucesso do basquetebol brasileiro após o título, supostamente com algum sucesso, apelando à nação a regozijarem-se no triunfo brasileiro (KRIGGER, 1963b, p. 11). Posteriormente, jornais publicaram que lojas de artigos esportivos registraram um aumento de cerca de 30% na venda de bolas de basquete (NOGUEIRA, 1963a, p. 13).

Notam-se muitos exemplos nas páginas dos jornais de como empresas usaram a imagem do bicampeonato para fazerem propaganda de seus serviços, independente de quão trivial ou distante do basquetebol fosse esse produto, tais como marcas de chinelos (HIP..., 1963, p. 10) e cervejas HOMENAGEM..., 1963, p. 2).

Nesse capítulo, buscamos expor os primeiros indícios da construção de uma narrativa épica e simultânea, de caráter identitário, acerca do bicampeonato mundial de basquetebol masculino conquistado pelo Brasil. Primeiramente, expomos as matérias, reportagens e crônicas que documentaram os campeonatos e suas respectivas comemorações. As figuras dos heróis nacionais ocuparam tantas páginas nos jornais e revistas, que demandaram um capítulo à parte, que vem a seguir.

2. OS JOGADORES DE BASQUETEBOL E SUAS IDENTIDADES COMO HERÓIS DA NAÇÃO

A figura do “herói nacional”, ser superior capaz de liderar o povo em vitórias, é sempre protagonista das narrativas épicas, capaz de inspirar toda uma nação a imitar seus gestos, configurando-se assim, em processos identitários (VASCONCELOS, 2016). Com isso em mente, analisamos o corpo documental buscando identificar nos textos discursos que construíram a imagem dos integrantes da seleção brasileira de basquetebol bicampeã do mundo como heróis nacionais. Para isso, além de tentarmos identificar no corpo documental textos com caráter simultâneo e imaginário, procuramos também reconhecer elementos de valorização dos atletas e a projeção de seus comportamentos para a população.

2.1. O Jogador brasileiro

Muito provavelmente, devido à exclusividade dos biótipos favorecidos pela prática do basquetebol de alto nível, sujeitos de altura elevada e membros longilíneos, identificamos que a mídia se aproveitou dessa particularidade para elogiar as dimensões físicas dos jogadores do basquetebol. Tal valorização se deu através da comparação dos jogadores que participaram do IV Mundial a gigantes e super-homens, sempre colocando fotos dos atletas próximos de pessoas de “altura normal”, contribuindo assim, para diferenciá-los da “população comum” e para a construção de um imaginário heroico dos jogadores (JOSÉ, 1959, p. 36).

Apesar dessa diferenciação, identificamos que a mídia retratava os jogadores como extensão do povo brasileiro, descrevendo-os como “símbolos vivos da juventude sadia da nossa terra querida” (CAÇADOR, 1959b, p. 10). Percebemos que havia uma valorização de atribuições aos jogadores de características desejáveis para a população como um todo. Por exemplo, olhemos essa publicação, intitulada “disciplina acima de tudo”:

Precisamos muito brilhar esportivamente. Mas se esse brilhantismo for alcançado paralelamente com uma conduta disciplinar elogiável, então nossos triunfos poderão ser festejados com maior entusiasmo ainda (DISCIPLINA..., 1959, p.2).

De fato, a temática do comportamento ocupou lugar central nas crônicas esportivas aqui interrogadas. Percebe-se, por exemplo, um esforço de se distinguir os jogadores da equipe brasileira de basquetebol daqueles da equipe de futebol:

Com seus jogadores é bastante liberal, dentro disciplina. Mas a verdade é que estes basquetebolistas brasileiros são mais sérios e menos felizes do que outros membros de delegações de seu país. Desapareceram os pandeiros, maracas e violões. Kanela disse:

‘Esta é uma Equipe de Basquetebol, não de samba. O melhor é que leiam’
E, de fato, lêem. O que? Doctor Zhivago, de Boris Pasternak (BOLA..., 1959, p. 9, tradução nossa).

Em várias outras ocasiões, atributos dos atletas tais como sua fibra e disciplina, seus espíritos jovens, alegres e comunicativos foram elogiados (REGRESSAM, 1959, p.4). Identificamos que os textos foram construídos de forma a dar a entender que a conquista dos títulos se deu pelo comportamento exemplar dos jogadores (FÓRMULA..., 1959, p. 8), que eram “homens afeitos às coisas corretas” (GRAU, 1959, p. 4), sua lealdade e força de vontade, e pela “educação dos nossos atletas que souberam suportar estoicamente o adversário desleal, assim como a arbitragem defeituosa” (CHEGARÃO..., 1959, p. 1). Abaixo, podemos ver como Rui Barbosa descreveu aqueles que souberam honrar o nome da nossa pátria “dentro e fora de quadra”:

A eles pertence o título mundial de basquetebol. A eles e ao Brasil, que os tem como seus filhos.

[...]

E isso foi possível aos nossos rapazes, porque eles jamais deixaram de acreditar no triunfo, mesmo quando tudo indicava que tal proeza lhes seria praticamente impossível. Enfrentaram os norte-americanos para ganharem. E ganharam dando “show” de basquetebol. Foram ovacionados delirantemente pelos chilenos, que jamais viram uma partida tão bonita como aquela (BARBOSA, 1959, p. 15).

Da mesma maneira, Kriger narra em sua crônica a figura dos jogadores como herói nacional a partir de sua tenacidade e dedicação, aliados à capacidade técnica e de improvisar como algo inato aos atletas brasileiros:

O basquete brasileiro estava consagrado definitivamente. A conquista do bicampeonato simbolizava a grande meta atingida pelo cestobol nacional. De uma hora para outra, Wlamir, Amaury, Mosquito, Paulista, Rosa Branca, Jatir, Menon, Waldemar, Ubiratan, Fritz, Sucar e Vitor, Kanela e Daiuvo, viraram heróis nacionais. Sua glória foi conseguida com muita tenacidade e dedicação. Novamente a técnica do atleta brasileiro, e seu sentido de improvisação, havia vencido mais um obstáculo (KRIGER, 1963, p. 5).

Um atributo que foi bastante explorada pelos cronistas foi a escolaridade dos atletas, além da sua imagem como jogador (COELHO, S. 1963, p. 8). Edson foi descrito

em uma notícia como “diplomado” (“CESTINHA”, 1959, p. 17), Jatir como estudante de direito no Mackenzie (CAMARGO, 1959), Algodão como professor de educação física (OS CAMPEÕES, 1959) e Victor Mirshawk como estudante de engenharia com vários livros de matemática e física publicados (JOSÉ, 1963a). O pai de Amaury, ao ser indagado sobre a possibilidade de o filho excursionar com a equipe do Palmeiras pela África do Sul após o Mundial, apontou a necessidade de o seu filho cumprir suas obrigações escolares:

Amauri não poderá aceitar o convite. Já perdeu muito tempo em seus estudos, com a ida ao campeonato do mundo seria muitíssimo prejudicial fazer nova viagem agora [...] Se for viajar agora, seus estudos ficarão completamente esquecidos, o que não poderá acontecer (AMAURI..., 1959, p. 19).

Porém, antes de evidenciarmos as figuras óbvias de Amaury Passos e Kanela, olharemos brevemente para os discursos jornalísticos sobre os demais jogadores. Alguns gozaram de bastante exposição midiática, sendo noticiados em narrativas marcadas pela obediência e altruísmo dedicados à pátria ou por sacrifícios pela equipe e comportamento impecável (CAÇADOR, 1959b).

Por exemplo, Zeny de Azevedo, o Algodão, capitão da equipe no Mundial de Santiago, foi descrito como líder nato, digno e legítimo capitão da equipe brasileira, e único atleta capaz de “brigar de igual para igual com o temível técnico Kanela” (TAMBÉM, 1959, p. 37). Nota-se, no exemplo a seguir, o caráter protagonista que a crônica esportiva atribuiu a Algodão, adotando-o como símbolo do jogador brasileiro, relegando assim, os demais a papéis coadjuvantes:

Ai está Zeny Azevedo, o Algodão, de jornadas memoráveis do basquetebol brasileiro [...] junta agora o galardão de campeão mundial de basquete, à sua gloriosa carreira, pontilhada de grandes e imorredouros êxitos. Serve muito bem como o símbolo do jogador brasileiro, novo rei do basquete mundial (BRASIL..., 1959b, p. 1).

A Gazeta Esportiva Ilustrada de São Paulo destacou a atuação de Algodão no mundial como um “capítulo à parte” (O BRASIL..., 1959a, p. 8). Muitas páginas foram destinadas às suas fotos levantando a taça de campeões do Mundial de Santiago. Jornais de todo o Brasil noticiavam o fato de que um selo comemorativo com sua foto segurando a taça foi encomendado pelo departamento de Correios e Telégrafos junto à Casa da Moeda (“ALGODÃO..., 1959).

Ao noticiar que aquele tinha sido a última competição de Algodão pela seleção brasileira, já que o mesmo ia se aposentar após o mundial, o noticiário esportivo o retratou como um verdadeiro herói nacional, que ganhou todos os títulos possíveis dentro da sua modalidade: infinitos campeonatos estaduais, brasileiros, sul-americanos, e agora, “finalmente”, o mundial (CAMPEÕES..., 1959, p. 1). O tom romântico do noticiário de sua despedida ganhou ainda mais força quando foi retratado que Algodão dedicaria seu tempo a ficar com sua família e alunos, já que era professor, além de funcionário de uma autarquia pública (OS CAMPEÕES..., 1959, p.1).

Assim como Algodão, que foi capitão da equipe em 1959, o capitão do título de 1963, Wlamir, foi muito aclamado pela mídia no quadriênio em questão. O jogador de Piracicaba foi considerado pela imprensa “o maior jogador” do III Mundial (WLAMIR..., 1959, p.9), o mais “brilhante brasileiro” a andar pelas quadras de Santiago (VLAMIR..., p. 11): “sua firmeza e a rapidez de seu estilo foram das coisas mais brilhantes e inesquecíveis do torneio” (WLAMIR..., 1959, p. 9). Suas fotos em poses vitoriosas, ora segurando o troféu de bicampeão, ora pulando por cima de um adversário, foram publicadas em jornais de todo o Brasil. Naslawsky (1959a), narrou que à sua coragem e pontaria devia o Brasil o êxito da conquista em Santiago.

O suposto fato de ter sido o maior pontuador do Mundial de Santiago resultou em muitos jornais narrando os feitos e triunfos do “demônio loiro” (WLAMIR..., 1959, p. 9), do “cestinha” (BARBOSA, 1959, p. 15). Porém, uma rápida busca no site oficial da FIBA nos mostra que Wlamir foi de fato, apenas o terceiro maior cestinha do campeonato (1959..., 2009). De qualquer forma, essa invenção de fatos promoveu muitas homenagens, e os jornais não deixaram de noticiar o fato: assim que o avião com a equipe brasileira pousou em solo nacional, Wlamir foi “arrancado” do mesmo “à força e carregado em triunfo”, primeiro pelos mecânicos da companhia aérea, e depois pela multidão presente (WLAMIR..., 1959, p. 1).

O jornal Diário do Paraná, ao noticiar o fato de que a façanha dos jogadores brasileiros seria homenageada em Brasília, salientou que “Será perpetuada na capital federal a façanha de Wlamir e seus companheiros” (DIA..., 1959, p. 16), colocando Wlamir em primeiro plano frente aos demais jogadores.

Outro jogador que gozou de muita exposição foi Edson, tido como o grande destaque do selecionado brasileiro nos amistosos que antecederam o Mundial de Santiago, tendo sido descrito pela mídia como “o maior [...] o gigante astro negro do basquete” (EDSON, 1959, p. 9), cobiçado pelo basquetebol internacional e convidado para os Globetrotters, famosa equipe estadunidense (“CESTINHA”..., 1959). Através do seu gancho, gesto técnico por qual ficou conhecido, foi dito que era capaz de “fazer uma bola passar por o buraco de uma agulha” (CAÇADOR, 1959b, p. 10; EDSON..., 1959, p. 32), num exemplo claro da constante recordação de ditados populares para descrever as ações e qualidades dos atletas, uma característica recorrente em todas as fontes aqui interrogadas. Como exemplo, o mesmo ditado foi utilizado para descrever, em outra oportunidade, Amaury (CAÇADOR, 1963a, p. 8). Muitos jornais fizeram uso de outros ditados populares: “cesteiro que faz um cesto faz cem’ funciona plenamente, no basquete. Amauri, Vlamir, Vitor e os outros ‘cobras’ desandaram a fazer cesta que não acabava mais” (O BRASIL..., 1963, p. 8).

Mas foi devido à sua atuação, enfermo, em um jogo contra a URSS no Mundial de Santiago em que Edson foi mais proclamado como herói pela imprensa nacional:

Poucas horas antes da partida contra a URSS, Edson foi examinado pelo médico em seu quarto, no Hotel Carrera. Fortemente gripado, acusava trinta e oito graus de febre. Mas foi para a quadra, foi para o sacrifício. Disputou a sua pior partida de todo o certame, mas deu o que tinha. No intervalo daquele encontro, Edson mal podia respirar, sentado no banco dos reservas. Não foi substituído, e não reclamou. Voltou à quadra para lutar. E lutou com um leão. Não se poderia exigir mais de Edson. Por seu desprendimento, foi o nosso grande herói no III Mundial de Basquetebol (BARBOSA, 1959, p. 15).

A atuação de Edson foi descrita como um sacrifício altruísta em prol do basquetebol nacional. Muitas foram as crônicas que descreveram de maneira gráfica o jogador em quadra, narinas ensanguentadas, tentando participar do jogo, sacrificando-se em prol da pátria.

O jogador Pedro Vicente da Fonseca, o Pecente, também teve sua imagem bastante explorada pelos cronistas, tendo suas fotos sempre em lugar de destaque nos jornais e revistas (BARBOSA, 1959b, p. 17). Foi bastante comum o uso de um vocabulário bélico para descrever sua importância para a equipe. Ele era descrito como a “arma secreta” (BARBOSA, 1959, p. 15) de Kanela e o “Marechal” (DEU..., 1959, p. 3) do time. Os jornais também salientaram que o “pequeno gigante” (O BRASIL..., 1959b,

p. 8), outro apelido dado a ele pela mídia, foi o principal reserva da equipe no Mundial de Santiago, e devido às suas atuações, passou a configurar como um dos jogadores mais queridos da torcida chilena, sendo apelidado de El Chiquito (BARBOSA, 1959b, p. 17).

Apesar de hoje ser considerado um dos maiores e mais famosos jogadores brasileiros de basquetebol de todos os tempos, Carmo de Sousa, o Rosa Branca, ainda estava no início de sua carreira durante o quadriênio que compreendeu os dois mundiais de basquetebol aqui estudados, assumindo papel coadjuvante aos demais jogadores. Porém, apesar de não gozar da mesma exposição que Amaury e Kanela, por exemplo, percebe-se que alguns relatos já anteviam uma carreira promissora em seu futuro (CAMPEÕES..., 1959, p. 2).

A princípio, por ser um dos poucos negros a integrar a equipe, as notícias em torno de Rosa Branca assumiram um tom que remetiam à exposição de um jogador “exótico”, sendo descrito como “craque cor da noite, malicioso, despistador até no próprio nome” (CAÇADOR, 1959b, p. 10). De fato, o apelido Rosa Branca levava muitos jornais a fazerem piadas em torno de tal situação, tais como: “O Rosa Branca é um moreno. Como é que a gente vai entender o basquete”? (O BRASIL..., 1959b, p. 8)

Mais interessante para uma análise em termos culturais desse noticiário, é o fato que a figura de Rosa Branca era usada muitas vezes como plano de fundo para a narrativa de histórias que ocorreram durante o mundial e expunham traços culturais brasileiros. Percebe-se nesta crônica de Rui Barbosa a ligação que o cronista faz entre a figura de Rosa Branca, o samba, a alegria, esperança e confiança:

No dia seguinte à partida contra a URSS, Kanela levou seus comandados para treinar, pela manhã. À porta do hotel, uma verdadeira multidão cercava o micronibus que os levaria até o estádio FAMAÉ. Garotos dependuravam-se nas janelas para falar e tocar os jogadores brasileiros, pedindo:

"Canta, Rosa Blanca! Canta, "Pelao"!"

O Rosa, aborrecido, fazia que não os ouvia, até que o Algodão "bronqueou":

-"Solta um samba aí, Rosa! Dá o gostinho para a garotada!"

A meninada se entusiasmou:

-"Canta, Rosa Blanca! Canta para nosotros!"

-"Daqui a pouco o "Krumiche" virá por aí. Peçam a ele!" - respondeu o Rosa, já aborrecido.

-"Os russos não cantam!" - retrucou um moreninho de cara suja

Rosa Blanca sorriu e "largou" um samba em grande estilo, acompanhado pelos demais, que faziam, da lataria do coletivo, pandeiros improvisados.

O ônibus movimentou-se novamente, deixando os meninos para trás.

Rosa Blanca cantou o samba até o fim e depois comentou:

-"O jeito é cantar mesmo, na derrota ou na vitória. Nós ainda vamos ganhar este campeonato!" (BARBOSA, 1959, p. 11).

Até aqui abordamos narrativas que apareceram de maneira aleatória em vários jornais e revistas nas quais os sujeitos nelas noticiados não gozaram de uma exposição sistemática, em publicações presentes em todo o território brasileiro. Identificamos que esse privilégio coube a apenas dois personagens: Amauri e Kanela.

2.3. Amaury, o Pelé Branco

O mais ovacionado nas páginas jornalísticas, entre todos os jogadores da equipe brasileira, foi Amaury. Durante ambos os mundiais, sua figura foi descrita como a de um verdadeiro herói nacional, com o uso de imagens e textos cheios de elementos que intentaram construir sua imagem de campeão. Uma simples análise material das fontes abordadas revela Amaury como jogador brasileiro que mais vezes teve sua imagem estampada nas capas dos jornais e revistas, seja comemorando suas vitórias e títulos com todos seus admiradores ou posando com a bandeira nacional e, assim, a mídia projetou “o melhor jogador do mundo, atualmente, em basquetebol” (BRASIL..., 1959, p. 3a) a todo o país:

Mas, em que pese a colaboração de todos, somos obrigados a indicar um jogador, para evidencia-lo dos demais, já que foi a cabeça pensante da equipe, graças a sua categoria, a sua classe, a sua calma: Amaury. Todos foram excelentes, mas o jogador do Sírio foi a mola mestra da equipe, mormente naqueles momentos mais difíceis (AMAURI, 1963, p. 46).

Identificamos que Rui Barbosa, do Jornal Última Hora de Curitiba, foi um dos seus mais entusiasmados comentaristas. Em seus textos, Amaury sempre teve “atuação espetacular, arrancando aplausos e exclamações de admiração dos aficionados chilenos de que lotavam o Estádio Nacional de Santiago” (BARBOSA, 1959b, p. 17). Descrevia Amaury como o “Pelé Branco”, um jogador que “não jogava, dava show, não era jogador e sim um artista” (BARBOSA, 1959, p. 15). Em todas suas crônicas, narrava Amaury como sendo sempre o favorito do público chileno, alvo de constante ovação, principalmente das crianças (BARBOSA, 1959, p. 15).

Hélcio José, da revista O Cruzeiro, também foi um dos seus principais aclamadores. Após o mundial de 1963 afirmou que, se anteriormente o reinado do basquetebol brasileiro era dividido entre Amaury e Wlamir, após essa data o reinado de Amaury se tornou definitivo (JOSÉ, 1963, p. 14-15). Percebe-se como a imagem de

Amaury é construída como herói nacional em seus textos com a consciência que o mesmo ocupará assim um cargo “inaugural”, já que para o cronista, o basquetebol brasileiro era um esporte sem rei:

O nome de um homem vai ficar gravado na história deste torneio, seu rosto será reconhecido na multidão e ele terá conquistado (ou terá firmado em definitivo) a sua glória: será um nome na boca de toda a gente do Brasil. Amauri será um rei de um esporte sem reis no Brasil, nosso Pelé branco e careca do basquetebol.

[...]

E muito melhor ainda será a possibilidade do renascimento do basquete em todos os cantos do Brasil. Para isto - desculpem-nos se vamos criar um caso -, é imprescindível que a confederação brasileira de desportos regulamente, o mais breve possível, a prática de futebol-de-salão nas quadras de basquete dos clubes e ela filiados. Afinal, a quadra de basquete pertence ao Amauri (JOSÉ, 1963, p. 14-15).

Além de “Pelé Branco”, muitos outros apelidos de Amaury eram bastante comemorados nas crônicas, dos quais se sobressaíram dois. O primeiro, o de “Yi Brinner brasileiro” (WLAMIR..., 1959, p. 9), fazia menção a sua semelhança com o ator estadunidense. O segundo, dado a Amaury pelos chilenos, “El Pelao” (BARBOSA, 1959, p. 15), devido à sua careca, objeto de encanto dos cronistas:

O Brasil todo ainda está em pleno estado de euforia com a retumbante conquista do bicampeonato mundial de basquete. E a simpática classe dos carecas está vibrando, pois têm agora no Amaury o seu grande ídolo. Fazia tempo que um careca não era herói nacional esportivo.

Desta vez o basquete vai tomar um impulso bárbaro no Brasil. A garotada já está toda praticando o esporte da cesta. E os meninos mais entusiastas estão até raspando a cabeça para ficar parecidos com o Amauri (CAÇADOR, 1963, p. 11).

Amauri está para o basquete assim como o Pelé para o futebol. Sabe tudo. No recente mundial no Maracanãzinho, Amauri andou fazendo coisas que até o Kanela duvida que possam ser feitos numa quadra de bola ao cesto.

Amauri, como agora todo mundos sabe, apesar de jovem tem apenas um ou dois fios de cabelo na cabeça, fazia já um bocado de tempo que um careca não era ídolo esportivo nacional. Agora a turma que tem a cabeça mais lisa do que uma bola de bilhar anda um bocado eufórico. Amauri reabilitou a careca no esporte.

Por ironia do destino, o pai do Amauri é um famoso cabelereiro em São Paulo.

Agora, muitos jogadores que não têm pontaria nem para “encestar” a mão no bolso estão com vontade de raspar as cabeças para verem se melhoram um pouco (CAÇADOR, 1963a, p. 8).

Os jornais noticiaram detalhadamente os convites internacionais que Amaury recebeu para jogar no exterior. Foi noticiado que ele tinha intenção de jogar nos Estados Unidos (AMAURY..., 1959), que foi o primeiro brasileiro a receber convite para jogar pelos Globetrotters (AMAURI..., 1959) e que times da NBA tinham oferecido a ele salários compatíveis com os dos maiores astros da liga (CABRAL; MOTTA, 1963a;

MILIONÁRIO..., 1959, p. 1). Se a crônica aclamava Amaury quando era vinculado às equipes internacionais, curiosamente tinha a mesma atitude quando esse decidiu ficar no Brasil para cuidar dos negócios da família, retratando sua decisão como profundamente patriótica (CABRAL; MOTTA, 1963b). Qualquer das suas decisões seria motivo de aclamação para a crônica esportiva.

Embalado pela conquista do bicampeonato, o “Rei Amaury” decidiu se lançar como candidato a vereador pela cidade de São Paulo “rumo à presidência”. Os jornais retrataram sua campanha em duas frentes, a erradicação do analfabetismo e melhoria das condições desportivas para as modalidades amadoras. Contudo, sua candidatura não se concretizou devido à sua desistência (CABRAL; MOTTA, 1963b).

2.4. Kanela, o Ditador

Apesar da enorme exposição que teve a figura de Amaury, identificamos que este ficara atrás de seu técnico no que se refere à projeção pela mídia. Durante o período que compreendeu ambos os campeonatos, constatamos a importância dada pela mídia ao técnico brasileiro Togo Renan Soares, o Kanela. Seja em textos ou imagens do mesmo em posição de autoridade, carregado por multidões, ou na presença de presidentes da república ou de outras figuras importantes da época (DEU..., 1959, p. 3), o valor atribuído à Kanela pela mídia foi tamanho que muitos jornais e revistas o consideraram a maior estrela dos dois campeonatos¹, escolhendo a sua pessoa como ponto de partida para todos os noticiários que envolviam a seleção brasileira de basquetebol:

As suas observações, assim, pelo indiscutível lastro de conhecimento que possui, revestem-se de incontestável força no setor da bola-ao-cesto- e daí ter sido Kanela o nosso preferido para uma apreciação geral sobre o recém-encerrado campeonato mundial, vencido sensacionalmente pelo Brasil, em Santiago do Chile (CAÇADOR, 1959, p. 14).

A começar pela estranheza do seu apelido, os jornais foram rápidos a fazerem trocadilhos chistosos com o técnico, tais como “Vitória, Fibra e Kanela” (85x81..., 1963, p. 1) e “Kanela: artigo mais importante da agricultura brasileira” (CAÇADOR, 1963, p. 11).

¹ Veja NASLAWSKY (1959c, p. 9).

Essa fala livre do cronista para o leitor demonstra a função problematizada por Anderson (2006, p. 19), onde os jornalistas escrevem “com uma intimidade irônica, como se as suas relações uns com os outros não fossem, no mínimo, problemáticas”. Através dessa “intimidade”, as distâncias na comunidade imaginada, entre leitor e imprensa, diminuem ainda mais. Percebe-se isso também na crônica de Otávio, para o Última Hora do Rio de Janeiro, onde o cronista conta sua história como que se fosse para um amigo²:

Notícia de cada nova derrota do nosso pessoal do basquete, em Santiago, me traz pena, mas não desesperança.

Já falei quanto torço pelos rapazes e pelo Kanela, pelo técnico em especial, porque privei muitos anos com o Vela Acesa, e posso avaliar a preocupação, o carinho, [ilegível] com que ele leva um time a campo, a par da raiva com que ele perde, nunca conformado, nunca de cabeça baixa.

E porque têm os rapazes do basquete ainda uma chance de levantar o título do mundo, se derrotaram os americanos, é que não perdi a esperança, exatamente como todos nós que nos interessamos, e mais o próprio treinador, que êsse, mesmo sem esperança, jamais se entrega. Marca do Togo, é essa do imbatível, que inclusive faz dele o treinador excelente que é, incansável, batalhador, qualidade que passa para os mandados com espantosa facilidade.

Conheço o Togo há anos. Servi com êle em campanhas que não esquecerei jamais, e guardo dele justamente a confiança que nos deu a todos em nós próprios aliada à certeza de que o importante é saber vencer sempre, desejar sempre a vitória, lutar por ela até o final, jamais entregando a esperança de ganhar, jamais conformação com a aparência da derrota.

Saber perder, o Togo não sabia ensinar e não ensinou, razão pela qual sempre estava suspenso das funções de técnico pelas entidades, dirigia mesmo do lado de fora, oficialmente não podia.

No tempo do integralismo, Kanela tinha um automovelzinho sem marca. Isto é, tinha marca sim, mas era de geladeira, não era dessas marcas de automóveis conhecida.

O nome do carrinho era Anauê, não porque o Topo fôsse integralista, mas porque era das coisas dêle, êle sendo assim, sempre foi assim. Todo mundo participava do carro minúsculo, mas sua principal serventia era a de transportar o pessoal para os jogos em campos adversários.

Pois uma vez ia o carro superlotado com o time todo de basquete do Botafogo e mais dois reservas para jogar no campo do Sampaio, o Togo de piloto, o Guilherme Bode de co-pilôto, que no Anauê tinha disso, e mais navegador e bombardeador e outros bichos que o dono inventava.

Tudo porque era difícil mesmo para dirigir, o carro sendo tão pequeno, os rapazes sendo tão grandes como usualmente são os jogadores de basquete, e havia necessidade para o piloto de perguntar de vez em quando: "Pilôto para co-pilôto, pilôto para co-pilôto, que é que há pela direita, posso entrar?"

Daí o co-pilôto dizia que as nuvens estavam livres e o Kanela entrava para a direita, ou entrava nos menores buracos entre carros e bondes e caminhões, o carrinho cabendo em qualquer lugar.

Numa dessas em que o piloto teve caminho livre, faltou o freio. O carrinho entrou em mil buracos, ficou sem saída, não podia parar, tinha um ônibus enorme parado num sinal, era na Avenida Rio Branco. O pilôto virou para trás e disse:

-Pilôto à tribulação, pilôto à tribulação, desastre inevitável. E bateu.

² Optamos pela citação longa porque mantendo o texto em sua integralidade, destaca-se a questão de familiaridade e intimidade proposta por Anderson.

Por isso é que sei que o Togo só perde quando o desastre é inevitável (OTÁVIO, 1959, p. 15).

Muitos cronistas, tal como Flavio Rubens, descreveram a história de Kanela como a de um pobre³ emigrante nordestino que viera da Paraíba para o Rio de Janeiro e, com muita força de vontade e educado em colégio militar, viu o basquete nascer na Associação Cristã de Moços carioca e conseguiu se elevar a campeão mundial:

Esta é uma história de uma planície e de um vulcão. Nasceu Togo Renan Soares na Paraíba do Norte, em maio de 1906. Conta, por conseguinte, 53 primaveras e muitos títulos de campeão. É homem de hábitos simples e de largo sorriso, mas quando se vê injustiçado ou "roubado", vira uma fera, fica mais vermelho que o constante, e é um Deus nos acuda. Não que seja metido a valente, mas que acha a honestidade a coisa mais importante da vida. Por isto, vamos contar para vocês a história de uma planície e de um vulcão.

[...]

Seu amor pelas coisas honestas e justas oriundo da sua educação em colégio militar. Moldou na escola sua disciplina e personalidade rígida e dali saiu um homem de tempera forte e de espírito inquebrantável (RUBENS, 1959, p. 3).

As particularidades comportamentais de Kanela, dentro e fora de quadra, foram descritas de maneira detalhada. A princípio, alguns repórteres demonstraram receio naquilo que caracterizaram como dureza exagerada⁴. Entretanto, com os resultados positivos, os mesmos se renderam ao seu estilo áspero, entendendo-o como benéfico para a equipe, e sua presença como “valor inegável para o sucesso absoluto” (BASQUETE..., 1959, p. 2).

O Diário da Noite publicou duas passagens onde fica claro esse receio. Primeiro noticiou que “Kanela, por motivos de extrema necessidade, bancou o técnico disciplinador, não permitindo muita liberdade a nossos jogadores” (GRAU..., 1959. p. 4).

³ Esse tema, da pobreza ao estrelato através do trabalho árduo e honesto, é recorrente na literatura que interroga a construção de heróis nacionais através do esporte na mídia impressa. A narrativa acerca de Kanela é semelhante e concorda com o que demonstra o estudo de Jiang (2013), que reconhece a importância do esporte e de atletas na promoção de uma agenda focada no poder brando e a construção de uma coesão nacional. Para isso, ele investigou discursos presentes em jornais de Hong Kong durante as olimpíadas de 2008 e 2012 com o objetivo de entender o papel desse meio na construção da identidade nacional em Hong Kong, relacionado à identidade nacional chinesa.

Jiang demonstra como os jornais narram a passagem do herói da pobreza à riqueza através de elementos atribuídos ao esporte, tais como o trabalho árduo, fairplay e a determinação para se atingir metas independente das condições familiares de nascença. Para Jiang (2013, p. 899), esse discurso foi muito valorizado por chineses e hongkonésés:

“As pessoas gostam das Olimpíadas porque são competições relativamente justas, sem hegemonia, arrogância ou a importância de um berço de ouro. Mesmo se você nasceu com a medalha de ouro do Superman Li na sua boca, você tem que começar a partir de zero nas competições. Todos estão na mesma linha de partida” (Tradução nossa).

⁴ Veja (DEU..., 1959, p. 3).

Após, publicou uma entrevista com o massagista da seleção, Guido Pertile, onde o mesmo afirmou que:

O sistema de concentração foi rígido sem muita liberdade. Mas Kanela deve ter tido suas razões para assim proceder. Veja o exemplo dos americanos que fizeram à vontade e depois na quadra não corresponderam. Neste particular nossos jogadores estiveram irrepreensíveis (GUIDO..., 1959, p. 2).

Em ambas passagens, verificamos que os noticiários mitigam e justificam os excessos cometidos pelo técnico. Também se nota que o exemplo mal-logrado de equipes com disciplina mais flexível foi utilizado para justificar o comportamento mais áspero de Kanela. Talvez, Nelson Rodrigues tenha sido um dos maiores defensores de seu estilo áspero. Admirador confesso do técnico, em diversos momentos, o famoso cronista expressou que a personalidade explosiva do comandante da equipe não era um defeito, e sim uma mera reprodução daquilo que se considerava ser características da identidade do brasileiro. Tal noção pode ser percebida em uma famosa crônica, “O tapa cívico”, na qual Rodrigues defende a agressão de Kanela a um árbitro Uruguaio, durante o Mundial de Santiago, como uma atitude legítima e “imensamente Brasil”:

Se o Brasil está sendo garfado, miseravelmente, a troco de que vamos cruzar os braços, numa passividade bovina e obtusa? [...] Repito que o Kanela andou certo. Naquele momento, ao vibrar o tapa do brio nacional, estava sendo Brasil, imensamente Brasil (RODRIGUES, 1963a, p. 10).

Tido como amável e educado para com os cronistas e amigos fora de quadra, o noticiário que o descreve demonstra uma transformação quando se remete a sua presença dentro de quadra ou em concentrações. Sua necessidade para extrema disciplina nas concentrações era notória nos noticiários. Kanela não deixava que os atletas saíssem do hotel⁵, nem que se fosse para ir até a piscina⁶. Chegou a expulsar o treinador soviético do ginásio, ao perceber que esse estava assistindo aos treinamentos da seleção brasileira (BRASIL..., 1959, p. 2). Na seleção, possuía uma “personalidade diferente ao sentar no banco” (GARCIA, 1963, p. 1). As descrições presentes nos jornais afirmavam sua figura de ditador, carrasco dos árbitros, disciplinador e que o êxito da seleção advinha dessa disciplina. A fama de sua personalidade explosiva era tamanha que o garantiu diversas homenagens. Por exemplo, temos essa crônica de Otelo,

⁵ Veja DEU..., (1959, p. 3).

⁶ Veja CAMARGO (1959, p. 17)

caracterizando esses traços da personalidade de Kanela em marchinha que criou para o técnico, como “colaboração para o carnaval”:

A vedete do ano é você
A moçada está louca para lhe ver
Por sua causa já é grande a
[Confusão
Vai pegar fogo no salão" (CAÇADOR, 1959, p. 14).

Vários cronistas atribuíram o sucesso da seleção à sua figura de ditador e estrategista, uma tática que “deu certo”, opinião inclusive compartilhada pela imprensa estrangeira (DEU..., 1959, p. 3). Nota-se na crônica de Naslausky a descrição honrosa feita ao técnico e seu trabalho:

Sem favor, Canela foi a maior figura da delegação. Domina os atletas, exigindo ordem e disciplina, e identifica-se com eles, para criar um clima de camaradagem e de trabalho. Uma ordem de Canela é cumprida com convicção e fé. Temos acompanhado muitas delegações ao exterior, e nunca vimos técnicos que tão completamente conseguisse manter o controle de todas as situações. Canela foi um verdadeiro chefe.

Renan [...] treinador de incontestável valor, tem seu nome ligado de maneira perpétua ao basquete brasileiro [...] conhece a fundo os segredos do basquete e possui o dom de perceber quando um atleta vem às suas mãos pode ser transformado em craque

Houve Amaury, houve Wlamir, Rosa Branca - houve uma porção de gente boa, com raça, com vontade de ganhar e alto espírito esportivo. Mas houve, mais ainda, o principalmente, a figura de Kanela. De seu trabalho, de sua visão, de sua técnica nasceu o bicampeonato mundial de basquete: seis jogos, seis vitórias, seis shows de indiscutível superioridade sobre os adversários (NASLAWSKY, 1959b, p. 9)

Armando Nogueira também homenageia Kanela em suas narrativas. Ao contrário de Kanela, esse faz o uso de uma linguagem figurada, de caráter bélico, para exaltar as qualidades do técnico. Narrado como general de guerra, sua campanha é tida como impecável, como demonstrada pelos dados apresentados pelo autor, o que resulta na aceitação imediata do seu comando e autoridade por parte dos atletas, tamanho o seu prestígio:

Citaria, ainda outro mistério para explicar esse admirável título conquistado pelo basquetebol brasileiro, sábado, no Maracanzinho: chama-se Togo Renan Sores. Não conheço na história das guerras general mais infalível do que esse Kanela: em 27 anos de basquetebol carioca, ele ganhou 22 títulos, 22 campeonatos. Perdeu cinco por enfado.

Kanela sente direitinho até o momento em que deve pedir tempo para encestar um juiz: levanta, dá um bofete no árbitro, a título de advertência, e, dignamente, torna ao seu banquinho. Transtorna o adversário, transtorna a arbitragem e ele continua lúcido, lúcido, com pulso da equipe - com o pulso e com o coração porque Kanela começa a ganhar um campeonato na afeição que lhe dedicam os jogadores.

Togo Renan Soares, estrategista paraibano (NOGUEIRA, 1963b, p. 13).

Essas representações vangloriosas, exaltadas na imagem de ditador, disciplinador e general estrategista, tornam-se um dado importante quando interrogado dentro do contexto político brasileiro da época. É interessante perceber como as figuras de cunho militar gozavam de prestígio na crônica esportiva.

Através dessa análise, procuramos externar que dois heróis se sobressaíram nas narrativas jornalísticas interrogadas. Um era descrito como jovem branco, rico, de formação superior e aspirações políticas. O outro, um senhor descrito como ditador, que carregava em si os ideais de meritocracia. Percebe-se nitidamente que não eram representantes da população brasileira, no que se refere ao perfil por eles apresentado. Isso nos incita a racionalizar que a narrativa heroica de Amaury e Kanela, bem como a do resto da seleção, serviu como alternativa a Pelé e Garrincha, por parte das elites que regiam a mídia impressa. Se outrora a imprensa carecia de heróis para retratarem, que não fossem os negros do futebol, o surgimento de Amauri e Kanela sanou essa carência, ampliando assim, o leque de representações identitárias relacionadas ao esporte em suas páginas.

3. RECURSOS DE IDENTIDADE RACIAL NO CAMPO DA CULTURA

Durante anos teve muita aceitação no Brasil um pessimismo sistêmico, que resultara em um complexo de inferioridade relacionado à identidade e progresso nacionais, pautados no determinismo biológico e nas limitações da raça.

A partir da nossa leitura das fontes, identificamos que vários jornais reproduziam esse pensamento:

Durante anos e anos, dizia-se que os brasileiros não tinham jeito para as grandes conquistas e que os nossos atletas receavam as pelejas decisivas. Muitas histórias foram contadas e os que se aprofundaram nos estudos das causas, segundo se pode ler e ouvir, escreviam e falavam sobre influências psicológicas e etnológicas (TUDO..., 1959, p. 12).

Quando deixou o Rio, com destino ao Chile, a seleção brasileira de basquete levava, na bagagem, a descrença de alguns patrícios. Alegavam, contra o "scratch", uma série de obstáculos que pareciam intransponíveis. Por exemplo: os americanos. Dir-se-ia que os louros e gigantescos "ianques" seriam, no destino do nosso selecionado, uma espécie de bastilha inexpugnável. Por outro lado, havia o problema dos russos. Éramos, então, favoritos. Acontece que o favoritismo é muito relativo; e muitas vezes o fato de merecer as preferências dos técnicos, da crônica especializada e do público redonda num fracasso total. O brasileiro, de uma maneira geral, é alérgico ao favoritismo (RECEPÇÃO..., 1959, p. 6).

O pessimismo racial tão patente na passagem do século XIX ao XX como explicação do fracasso econômico ainda tinha seus congêneres no esporte ao longo de todo o século XX, podendo ainda ser observado no caso do basquetebol no período estudado.

Talvez o maior expoente desse pensamento pessimista tenha sido Oliveira Viana, um dos principais intelectuais sanitaristas brasileiros. Fortemente ligado ao pensamento eugênico, esteve envolvido com o debate sobre os problemas da formação da sociedade brasileira:

Todo o meu intuito é estabelecer a caracterização social do nosso povo, tão aproximada da realidade quanto possível, de modo a ressaltar quanto somos distintos dos outros povos, principalmente dos grandes povos europeus, pela história, pela estrutura, pela formação particular e original (VIANNA, 1952, p. 13).

Seus trabalhos, dentre os quais destacamos "*Populações Meridionais do Brasil*" de 1920 e "*Instituições políticas brasileiras*" de 1949, investigaram os processos da formação nacional através de um prisma sociológico. Nesses trabalhos, o autor afirmava existir no Brasil uma sociedade dispersa, culpada pelo atraso da nação, fruto de um

estado nacional fraco e descentralizado. Esse quadro resultaria em uma noção geral de inferioridade e pessimismo racial, devido ao fato de que “ninguém acreditava na capacidade nem do homem brasileiro nem do povo brasileiro quando postos em confronto com os homens e os povos civilizados, principalmente os europeus” (VIANNA, 1987, p. 67).

Essas interpretações ainda que contrapostas no mesmo campo intelectual tinham seus adeptos no jornalismo esportivo. Porém, mediante o resultado conquistado no campo esportivo, os discursos migravam do pessimismo ao otimismo de forma pitoresca. Por exemplo, os títulos mundiais do basquetebol masculino em Santiago e na Guanabara, evidenciam esta transição do pessimismo para uma narrativa na qual há um ataque a essas noções, denunciando as “lamentações” gerais dos torcedores brasileiros. Como podemos identificar, Fernando Bruce, do Diário da Noite, questionou essas “lamúrias” como algo nocivo ao esporte e um impedimento à evolução das equipes nacionais:

Não gostei de escutar as lamúrias do senhor locutor esportivo que transmitiu as partidas entre Brasil e Rússia, pelo mundial de basquete. Depois de tanto tempo, voltamos a ouvir a afirmativa que foram os brasileiros espalhados pelo juiz [...] já devia ser tempo de serem deixados de lado esses hábitos que vem da era em que o esporte brasileiro não havia ainda atingido a maturidade que hoje seguramente ostenta. Vamos perder e ganhar sem pensar em juiz. É apenas o que falta para consolidar a posição do Brasil entre as maiores potências esportivas do mundo (BRUCE, 1959, p. 5).

Chamou-nos atenção um texto publicado no Jornal do Brasil que denunciava o que foi descrito como patriotismo volátil dos torcedores, mostrado apenas em situações favoráveis, facilmente esquecido em situações adversas:

Vitória do Brasil no mundial de basquete. Primeira face do brasileiro:

-De fato e de direito, numa conquista espetacular[...] Brasil!!! Brasil! Brasil! Bicampeão! Parabéns aos brasileiros lamentando apenas que aqui não estejam René e Edson - aquele por doença, este por outros motivos. Mereciam também este título. Parabéns a Togo Renan Soares, Kanela, com esse coração enorme, brigando com o juiz, batendo o pé, vibrando e fazendo valer sua categoria de técnico e de brasileiro que torce e sofre. Viva o Brasil minha gente!

Derrota do Brasil no Mundial de Basquete. Aí, veríamos outra face desse mesmíssimo brasileiro:

-E perder assim o Brasil por culpa de juizes incapazes da própria desorganização da CBB [Confederação Brasileira de Basquetebol] um título que deveria ser seu! Gostaríamos de saber por exemplo, porque Edson não está aqui jogando, ele que é o nosso melhor pivô. O jogador é bom, mas os cartolas estragam tudo, a

começar por esse louco que é Kanela, um homem que agride juízes, colocando por terra nossos foros de país civilizado e transmitindo seu nervosismo aos jogadores, estragando tudo. Aliás, passou o tempo todo brigando, gritando como um cafajeste e não viu que o Rosa Branca deveria ter sido substituído por Valdemar, já que estava na cara essa substituição. Paciência meus amigos. Enquanto continuar essa desorganização, essa falta de patriotismo, vamos sofrer muito!!! (AS DUAS..., 1963, p. 23).

De maneira semelhante, Vinicius Coelho atacou aqueles que denominara de “maus esportistas”, por suas atitudes pessimistas, e questionou a sua “brasilidade”. O cronista enfatiza a ironia no discurso desses sujeitos através da noção do subdesenvolvimento brasileiro como campeão à frente dos “super-homens” russos derrotados:

Foi realmente um triunfo memorável. Por tudo, inclusive para alguns maus esportistas, que tentaram levar a questão para o terreno ideológico. Logo no esporte. Difícil agora para tais <brasileiros>, explicar como uns rapazes <subdesenvolvidos> conseguiram ganhar um jogo dos <super-homens> de Moscou (COELHO, 1963a, p. 5).

Similarmente, nesse texto publicado no Jornal Folha de Ituiutaba, utiliza-se o título do mundial de basquetebol, junto com o mesmo feito do futebol, em oposição ao derrotismo daqueles que duvidam dos méritos brasileiros:

Depois de arrasar sensacionalmente a equipe norte-americana, o “five” brasileiro liquidou a esquadra chilena por 73 a 49, conquistando assim o título de campeão mundial de bola ao cesto. Assim, apesar do derrotismo acabrunhador dos que insistem em duvidar dos méritos da nossa raça, somos campeões universais das duas modalidades mais populares em todo o mundo: o futebol e o basquete (BRASIL..., 1959b, p. 3).

Como outro exemplo, temos a crônica assinada por Gregório no Diário de Pernambuco na qual o cronista elucida a vitória brasileira no Chile à luz da figura do Jeca-Tatú, famoso personagem de Monteiro Lobato, pobre e franzino roceiro¹. A figura do Jeca, descrita pelo cronista como injusta generalização do homem do campo, encontra no

¹ Em nosso corpo documental, deparamo-nos com vários momentos onde os discursos assumem um tom naturalista em ligação a outras manifestações culturais, como a literatura. Desses, chamamos atenção a Campos (2003, p. 160), que demonstra como nos jornais franceses, a narrativa acerca do *Tour de France* equipara os atletas aos semeadores da novela “*La Terre*” de Emile Zola, um dos romancistas mais célebres do país. Percebam a diferença entre a narrativa de Zola, que caracteriza o campeiro francês como semeadores de força, e a de Monteiro Lobato, que caracteriza o campeiro brasileiro na famosa figura de Jeca Tatu:

“Com o gesto amplo e poderoso que Zola empresta a seu labrador em *La Terre*, L'Auto, um jornal de ideias e ação, está prestes a enviar para a França aqueles resistentes e descomplicados semeadores de força, os grandes *roadsters* profissionais” (Tradução nossa).

atleta forte e viril brasileiro a sua antítese. Em seu texto, o cronista atribui à higiene a erradicação do Jeca brasileiro:

UM MUNDO SÓ

Depois das sensacionais provas, realizadas em Santiago do Chile, sagrou-se o Brasil campeão mundial de basquetebol, de 1959.

Ontem, campeão mundial de futebol; hoje, campeão de basquete, prova de que o povo brasileiro tal se emancipando do complexo de inferioridade que se criou, para si mesmo.

[...]

É um resultado [...] que situa o nosso país num plano de tal modo elevado, no campo da educação física e do verdadeiro espírito esportivo que, nesta segunda metade do século, ninguém poderá falar do Brasil, senão num ambiente de respeito e de admiração.

Ontem, campeão mundial de futebol; hoje, campeão de basquete, prova de que o povo brasileiro tal se emancipando do complexo de inferioridade que se criou, para si mesmo, com o tipo do Jeca-Tatú, pobre matuto, acororado à beira do seu mucambo: “maginando”, sem ânimo para o trabalho e para a luta.

Havemos de convir que o tipo passou a ter uma injusta generalização, que a esta hora é do domínio de pura [ilegível] literária.

Que no Brasil ainda há “jecas”, ninguém discute, inclusive os pobres “jecas” do Nordeste, trabalhadores da palha da cana, roídos de [ilegível] e de esquistossomoses: e os [ilegível] “paus-de-arara”, [ilegível] de sua terra pela maldição terrível da seca.

Mas desde que eliminemos as causas do mal; desde que curemos e alimentemos o nosso povo, desaparecerá o “jeca”, para em seu lugar firmar-se o campeão atlético, vencedor do campeonato mundial de futebol e agora, do campeonato de basquete. Chegaremos a esse feliz resultado certamente pela profilaxia das doenças chamadas tropicais; pela higiene; pela reabilitação do homem, maltratado e doente.

Há 50 anos, ninguém podia imaginar que o brasileiro, tido por enfermiço, marcado pelo preconceito do “trópico”, atingisse os lauréis esportivos, que com tanto brilho conseguiu (GREGÓRIO, 1959, p.4).

Em vários outros momentos, os cronistas assumem uma narrativa mais incisiva no ataque ao pessimismo e passam a descrever um brasileiro que alcança seus objetivos apesar de todos os tipos de dificuldade. Novamente, percebe-se o questionamento de maneira irônica da definição do Brasil como país subdesenvolvido e a exaltação do poder de superação do povo² e suas qualidades raciais:

Que estranho país subdesenvolvido é esse que, competindo com as maiores nações do Mundo, conquista e reconquista os títulos mais ambicionados do esporte? Que longínquo e desconhecido povo é esse que na hora de enfrentar

² Um trabalho que muito nos ajudou a problematizar a questão da superação esportiva frente às derrotas em competições internacionais à luz da identidade nacional foi o de Nicholson et. al. (2014), que objetivou investigar o papel dos jornais na representação, produção e construção da identidade nacional australiana em um contexto de derrotas. Os autores concluíram que no caso australiano, os discursos presentes na mídia impressa frente às derrotas internacionais ajudaram a fortalecer a já presente noção no imaginário australiano de identidade de homem batalhador, pautado nas figuras dos presos, garimpeiros e desbravadores, capazes de extrair sempre os melhores resultados quando defrontados a grandes dificuldades.

os gigantes, não se acovarda, se supera e vence? Alguém, em alguma parte do Mundo, com um pequeno mapa-múndi na mão, procura, "là-bas", a forma bonita do Brasil. Quer saber onde fica e como é o bicampeão mundial de basquetebol. Por que os americanos ficaram em último lugar, entre os quatro grandes, com um esquadrão tão bom? A resposta é simples: eles sabem jogar, mas não souberam ganhar. Faltou-lhes o que sobrou aos brasileiros: vontade, necessidade imperiosa de vencer, alegria de lutar pela vitória, amor em cada lance, prazer pelo contato da bola na mão, vibração juvenil pelo ponto conquistado...

Por que o Brasil vencer fica explicado: nosso basquete foi o mais veloz, o mais ágil, o mais imaginoso do campeonato. Estende-se aos brasileiros do baquete o "jeito" brasileiro que também nossos jogadores de futebol possuem no trato com a bola.

A vitória tinha que ser comemorada não como a vitória de um time, mas como a afirmação da supremacia esportiva de um povo. E até o mais humilde barnabé se sentiu, nessa noite, um Amauri de mãos mágicas (JOSÉ, 1963a, s/p]

O significado da vitória do Maracanãzinho é realmente extraordinário pela vitória dos homens brasileiros sobre adversários que representavam países, donos do mundo, sobre gente de centros muito mais favorecidos no que diz respeito a formação do seu povo.

O brasileiro mostrou, isto é mais importante, sua capacidade de superação, capaz de levá-lo a um aperfeiçoamento igual ou até superior aos povos que se elegeram condutores do mundo.

Por aquilo que é a bola ao cesto em todos os países do mundo, pelo carinho e o incentivo que merecem nossos jogadores para alcançar o máximo e assim aparecerem ante os olhos de todos como uma reafirmação de capacidade, de organização, de força e mesmo de raça, daremos, então, ao feito do Maracanãzinho o seu autêntico e verdadeiro significado. Que esse feito seja determinado como um exemplo, para todas as atividades, do poder, dos recursos e da capacidade do povo e do Brasil, quando realmente se quer trabalhar para alcançar uma primazia (MENDES, A. 1963, p. 11).

Essa negação da narrativa pessimista presente nos jornais e revistas brasileiros se desdobrou em uma afirmação racial. Motivada pela conquista dos títulos, a mídia exaltou a figura dos jogadores brasileiros que venceram os campeonatos por amor à pátria e projetou suas qualidades na população geral. Vários cronistas não hesitaram em usar o bicampeonato para expor uma suposta inveja ou admiração que a comunidade internacional nutriria pelo Brasil. Stanislaw Ponte Preta era afiado nesse debate e não se intimidava em usar sua "medalhinha" de campeão ao debater com cronistas estrangeiros que menosprezavam os feitos esportivos brasileiros (PRETA, 1963).

Pautados em determinismos biológicos, esses ataques aos discursos pessimistas presentes na mídia elucidaram uma racionalização para o sucesso brasileiro no basquetebol. Como feito para o futebol após o bicampeonato das Copas do Mundo de 1958 e 1963, surgiram na mídia explicações de cunho morfológico para exaltar a natureza vencedora do atleta brasileiro, projetando a conquista dos títulos do basquete como

sendo resultado das qualidades instintivas da formação da raça brasileira, já que “o sucesso nessa modalidade se deu pela adoção de fundamentos que se aliavam à improvisação e velocidade mental e física dos brasileiros” (COELHO, 1963b, p. 5).

Armando Nogueira desenvolveu essa tese em detalhes narrando a existência de um instinto brasileiro, aliado à sua formação, morfologia e temperamento:

Os ingleses inventaram o futebol, os americanos inventaram o basquetebol, os brasileiros não inventaram coisa alguma, mas quem ganha os títulos somos nós. Aliás, seria de bom procedimento avisar desde logo aos imaginosos de outros mundos que não inventem mais esses jogos em que haja bola no meio porque está provado: foi redonda e quicou - é conosco. Não adianta: o instinto do brasileiro, a própria formação do homem brasileiro é do tipo esférico como a bola. Daí os ganchos de Amauri, as bandejas de Vlamir, os dribles de Garrincha e as tabelinhas de Pelé.

A par disso, há outros mistérios igualmente respeitáveis como o poder de improvisação, a inteligência medular que orienta o comportamento do atleta brasileiro.

[...]

Não chega a me surpreender que os brasileiros tenham conseguido ser bicampeões mundiais de basquetebol. A meu ver o basquetebol, de certa maneira, é um esporte a calhar para a morfologia e, sobretudo, para o temperamento brasileiro. O brasileiro praticará bem, sempre, qualquer modalidade de esporte em que esteja rigorosamente protegida a relação entre o homem e a bola. E não tenho ideia de outro jogo coletivo em que se puna com mais severidade o corpo-a-corpo do que o basquetebol. As regras, impiedosa, procuram preservar o mais possível a virtude da habilidade não só na condução da bola como do próprio corpo do jogador. E é isso, apenas isso, que quer o atleta brasileiro ao qual repugna o choque, o corpo-a-corpo: o mínimo de chance para poder impor ao adversário o mistério de sua afinidade com a bola.

É por isso que jamais jogaremos rúgbi no Brasil. Aliás, com a graça de Deus porque se trata, a meu ver, de um joguinho boçal, a começar pela bola que não é redonda (NOGUEIRA, 1963b, p. 13).

Mas, talvez, o maior expoente desse discurso tenha sido Nelson Rodrigues na figura do “homem geral brasileiro”. O cronista, crente no desenvolvimento brasileiro, enxergava no futebol uma possibilidade de afirmação nacional e popularizou a figura do homem genial após a vitória na Copa do Mundo de futebol de 1958. Esse homem era repleto de virtudes e qualidades e destacava elementos identitários brasileiros tais como a improvisação e inteligência. Uma nova vitória, dessa vez no basquetebol, propiciou oportunidade para que o cronista expandisse essa narrativa, afirmando que o Brasil iria ganhar o título em 1963 “não pela pura e simples qualidade do nosso basquete, mas porque o homem brasileiro é superior ao americano e de qualquer outro país” (RODRIGUES, 1963, p. 5):

Foi sábado, ao consumir-se a vitória brasileira, que me convenci do seguinte: a alegria é, realmente, mais profunda do que a dor. Por outro lado, como o triunfo,

influi até na pele do sujeito. Ao terminar a partida, todo mundo estava com uma pele ótima, sem uma mancha, sem uma espinha. Por outro lado, o título veio conferir a cada um dos presentes uma dimensão inesperada. No meio de trinta e tantas mil pessoas, não havia um só bobo, um só imbecil, um só pé-rapado. O borra-botas tocado pelo bi transfigurava-se em Rei-Lear. Cada qual saiu do Maracanãzinho arrastando pelo chão a púrpura do seu manto.

Momento de levantar um paralelepípedo foi quando a multidão se pôs a cantar o Hino Nacional. Vejam vocês: todo mundo sabia a letra, que é quase do tamanho de "...E o Vento Levou". Ora, o sujeito enche a boca para falar na Marselhesa. Mas a gente vive aprendendo. E sábado, eu descobri, de repente, que a verdadeira Marselhesa é o nosso Hino Nacional. E como choramos as tais lágrimas de esguicho.

Amigos, convém desconfiar do patriotismo que não pinga, do patriotismo que não encharca. Essa goteira emocional faz parte dos grandes repêlões cívicos. E além de tudo o mais, houve o delírio dos jogadores. Contam que, na Europa, o "scratch" perdia ou ganhava bocejando. Mas os bicampeões do basquete viveram, com as entranhas crispadas, cada cesta, cada rebote ou cada tapinha. Sempre que metiam mais uma, eles só faltavam se pendurar no lustre. E quando acabou, a equipe parecia agonizar e parecia morrer em exteriores deslumbrantes.

Mas vejam vocês: os jornalistas estrangeiros não acreditavam na nossa equipe. Na noite do Brasil x Rússia, disseram umas que considero antológica. Interrogados sobre quem ganharia a batalha, nem vacilaram. Responderam com a ênfase de todo palpite errado: "Ganha a Rússia!" E explicaram, miudamente porque: porque era melhor, mais equipe e tinha mais banco. Essa burrice internacional deu na seguinte: vitória do Brasil!

Assim é a vida. Os idiotas da objetividade consideram todos os fatores e só esquecem um detalhe: o homem! Afinal de contas, quem dá tapinhas, apanha rebote, salta e encesta é o ser humano. Vimos no Maracanã a luta entre o homem brasileiro e o mundo. O que se tornou evidente é que o nosso tinha um outro ímpeto, um outro sortilégio, uma outra luminosidade. Pergunto: quem deve ser meu personagem da semana? Penso em vários: Amauri, Vlamar, Vitor, Kanela, Mosquito, Sucar, Ubiratan, Jatir e esse que tem o nome casto, nupcial de Rosa Branca. Mas hoje, o meu personagem da semana será o homem geral do Brasil (RODRIGUES, 1963b, p. 3).

Gravura

Amigos, eu acredito no Brasil e repito: só acredito no Brasil. Há um momento na vida dos povos, em que somem os cretinos, desaparecem os imbecis. Procura-se um idiota e não há idiotas. Ora, o Brasil está vivendo um desses momentos geniais. Há um abismo entre o homem brasileiro e os demais. Até as nossas lacraias, até os nossos escorpiões mordem melhor.

Alguém dirá que o "scratch" foi, na Europa, um fracasso total e irremediável. E, de fato, nunca uma seleção brasileira desceu tanto. Nas barbas dos dirigentes, vários jogadores encharcavam-se de cachaça. Amigos, essa excursão foi uma humilhação nacional pior do que Canudos.

Mas tivemos o basquete. E este fechou as cavas chagas do futebol. Vencemos todo mundo e vejam a relação das nossas vítimas: Estados Unidos, Rússia, Iugoslávia, França, Itália, Porto Rico. Não me venham falar em técnica, em tática. Por trás de cada rebote, de cada tapinha, de cada cesta, o que havia era o deslumbrante homem brasileiro. Contra a Rússia, fizemos a barba e o bigode de Rasputin, E, na final, enfiamos os Estados Unidos numa banheira de Cleópatra e lhes demos uma lavagem em leite de cabra (RODRIGUES, 1963b, p. 10).

A noção de “homem geral brasileiro” é reforçada por Nelson Rodrigues quando ele retrata o basquetebol como mero plano de fundo nas conquistas brasileiras, relegando à modalidade um posto coadjuvante e trazendo o cidadão comum para o protagonismo:

4- O que eu queria dizer é que o poeta devia ter comparecido ao Maracanãzinho, anteontem, com o seu gênio da admiração. O triunfo brasileiro foi uma dessas experiências totais. Os lorpas, os pascácios, os bovinos, hão de enquadrar a vitória nos estreitos e crassos limites esportivos. Nada disso. O esporte, ou, melhor especificando, o baquete foi um detalhe transcendente, vagabundo. Na verdade, o que se viu, em todas as suas potencialidades geniais, foi o homem brasileiro (RODRIGUES, 1963, p. 19).

6- Mas eu dizia que foi uma gafe indesculpável não ter comparecido ao Maracanãzinho. O jogo deu uma dimensão do homem brasileiro - uma dimensão insuspeitada e deslumbrante. Vamos esquecer o basquete. O que se via, ali, era o homem geral do Brasil e o homem geral da Rússia. E como o nosso é mais ágil, mais leve, mais acrobático, mais apaixonado, e fantasista, e moleque, e inteligente, e lírico, e luminoso!

7- O russo parou nos cinco minutos finais. Estava derrotado de alto abaixo, da cabeça aos sapatos. E o brasileiro que não viu o triunfo do Brasil, sabe pouco do nosso povo. Para um ficcionista é imperdoável ter ficado em casa. Se o Guimarães Rosa não foi ao Maracanãzinho, vou começar a desconfiar do "Grande Sertão Verêdas" (RODRIGUES, 1963a, p. 3).

6- Faltou apenas, no Maracanãzinho, uma série de elementos cênicos: - fontes, uma pequena [ilegível] cascata, violinos e pingando do alto um luar do Chopin ou Hermes Fontes. Os idiotas da objetividade poderão falar em preparo, em tática, em técnica. Tudo ilusão. A coisa foi mágica, e insisto: - é preciso não confundir o puro sortilégio, o cínico milagre, com os meios convencionais do basquete (RODRIGUES, 1963, p. 19).

Paralelo à figura do “homem geral brasileiro”, destacou-se a defesa, por Mario Filho, das supostas virtudes brasileiras que possibilitaram o bicampeonato. Semelhante à narrativa de Nelson Rodrigues, o cronista defendia que através do esporte seria possível medir a moral e o desenvolvimento de um povo. Para Mário Filho, a vitória em quadra se reverberava para toda a nação:

Foi uma vitória que lavou a alma do brasileiro: limpa, cristalina, fresca como água da fonte.

Ela refletiu tudo o que o brasileiro tinha de melhor [...] As virtudes têm de estar vivas na alma do povo que uma seleção representa e procura exaltar.

Se o brasileiro não tivesse aquelas virtudes a seleção de basquete acabaria não resistindo à prova a que foi submetida.

Era como se os soviéticos e norte-americanos provassem o brasileiro. Na verdade, provavam-se, provando os brasileiros.

[...]

Os que lutaram pelo título, lutaram mais porque lutavam menos por eles do que por nós. Eis o que os torna maiores, mais campeões do mundo.

Exaltaram o Brasil, o brasileiro, enviando a cada um de nós uma mensagem de fé, de fé em nós mesmos, de fé no brasileiro (FILHO, 1963a, p. 1).

O basquete está dando uma grande demonstração da importância de uma representação brasileira.

Houve um tempo, já passado, em que se procurava pôr em dúvida o caráter representativo das seleções que defendiam o nome do Brasil.

O Brasil não estava em jogo pois se tratava apenas de uma competição esportiva. Era uma maneira de negar o esporte, de relegá-lo a uma posição inferior.

Eis uma tese que ninguém mais ousa defender. Não há melhor índice de saúde um povo, física e moral, do que o esporte.

O brasileiro adquiriu plena consciência disso. Por isso se identifica totalmente com uma seleção brasileira. Sabe q ela vai mostrá-lo. E como vai mostrá-lo ao mundo o torce para que o mostre bem, que o exiba de modo a exaltar o Brasil.

Daí a alegria e o orgulho despertados pelas vitórias da seleção brasileira de basquete no campeonato do mundo.

Cada um de nós se sente um pouco Amauri, Vitor, Rosa Branca, Sucar, Ubiratã. E como sum pouco deles porque somos brasileiros.

Aquela energia, aquela garra, aquêlo espírito de sacrifício, aquela dedicação, aquêlo entusiasmo, aquela resistência, aquela vitalidade, são brasileiros porque de brasileiros.

Como em 58 e 62 o escrete brasileiro de futebol, a seleção de basquete reflete o que temos de melhor (FILHO, 1963b, p. 1).

Tais discursos, que compunham uma defesa da raça nacional, se consolidaram na mídia e deram voz a uma narrativa de “Brasil, país do futuro”. Em 1941, foi lançado em território nacional e em vários países o ensaio "Brasil, país do futuro", do escritor austríaco Stefan Zweig (2006), refugiado europeu que deixou a Europa durante o avanço das políticas totalitárias naquele continente, fixando morada no Brasil. Em seu livro, o autor articula uma noção de esquecimento voluntário do mundo que se destrói, nesse caso a sua terra europeia, e um investimento ideológico no futuro hipotético, nesse caso, o Brasil, onde o autor percebe uma identidade nacional fundada na negação do presente através da inatividade e uma projeção de um futuro melhor.

A posição do Brasil como país do futuro surge no corpo documental condicionado à ideia de que “se o Brasil progredisse no mesmo ritmo que seus esportes, hoje seria o melhor país do mundo”. Os jornais e revistas publicaram entrevistas com os jogadores da seleção os colocando no centro dessa narrativa: Zezinho afirmara que a vitória em Santiago era “o primeiro passo para uma nação que não poderia ser mais parada” (“AVANT-PREMIERE”..., 1959, p. 2) e; Amaury disse que o esporte marcha paralelamente ao grau de cultura do povo, podendo o povo ser medido pelo seu esporte (AMAURY..., 1959, p. 34-35). Várias notícias partilharam do discurso de que “Em menos de dez meses o Brasil caminhou para frente e está se aperfeiçoando tanto nos domínios esportivos, como noutros domínios”:

Perdemos apenas para a união soviética por três pontos em jornada negra. Mas, esperava uma vitória do Brasil no caso de novo encontro com os russos. A conquista do Brasil se mostra pelo grau de desenvolvimento que vem obtendo os esportes em nosso país [...] O Brasil demonstra no esporte que é um país de incomensurável futuro (AGUARDA..., 1963, p. 1).

Esta noite, veremos a última batalha. É como se o título estivesse ao alcance de nossa mão. Repito: - quase podemos apalpá-lo, quase podemos farejá-lo (RODRIGUES, 1963a, p. 3).

7- O Hélio Pellegrino, se lá estivesse, havia de pôr a nossa equipe debaixo do manto largo e quente de sua admiração. Esse poeta, que é um deslumbrado quase profissional, havia de rugir diante de cada cesta, de cada tapinha, de cada rebote e de cada salto (RODRIGUES, 1963, p. 19).

Em suma, a negação desse pessimismo racial pela mídia impressa, através do reforço repetido nos noticiários de supostas qualidades da raça brasileira, ajuda-nos a compreender como foi reproduzido pela imprensa um ideal otimista quanto ao povo brasileiro. Esse movimento, porém, não se apresentava sem os seus silêncios.

Ao investigarmos as páginas do corpo documental, percebemos o quanto o discurso étnico estava presente no discurso jornalístico, tais como o noticiário criminal e econômico, exceto no esporte. A composição étnica da equipe nunca fora mencionada, além dos chistes para com o apelido de Rosa Branca, apesar de confirmarmos que discursos étnicos existiam acerca das outras seleções, como com a dos EUA, por exemplo (SOLENIIDADES..., 1959, p. 2). Esse panorama nos fez levantar a hipótese de que os cronistas eram reprodutores, ao menos em assuntos relacionados ao esporte, da representação de “democracia racial” popularizada principalmente pelos escritos de Gilberto Freyre.

Freyre preconizou o discurso que pregava a existência de uma democracia racial no processo histórico de formação da nação brasileira. Sugeriu em sua obra mais famosa, *Casa Grande & Senzala* (FREYRE, 2004), que os determinismos raciais e climáticos não influenciaram no desenvolvimento do Brasil, acreditando ser mais relevante as determinações culturais e ambientais, negando, assim, as doutrinas de branqueamento e, com isso, refutando a ideia de que haveria no Brasil uma raça inferior devido à miscigenação. Antes, apontou os elementos positivos da formação cultural brasileira oriunda desta miscigenação entre culturas tão distintas, como por exemplo, o acesso do negro escravo à cultura das comunidades a qual pertencia e seu papel na vida social de

sua comunidade. Encontramos em Anderson uma problematização análoga a esse pensamento:

Mark Twain criou em 1881, bem depois da "Guerra Civil" e da Proclamação de Emancipação de Lincoln, a primeira imagem indelével do negro e branco como "irmãos" americanos: Jim e Huck, à deriva no largo Mississippi. Mas o cenário é um de pré-guerra recordado / esquecido em que o negro é ainda um escravo. Estas impressionantes imaginações de fraternidade do século XIX, emergentes "naturalmente" numa sociedade fraturada pelos mais violentos antagonismos raciais, de classe e regionais, mostram tão claramente como qualquer outra coisa, que o nacionalismo na época de Michelet e Renan representou uma nova forma de consciência - uma consciência que surgiu quando já não era possível experimentar a nação como nova, no momento de ruptura da onda (ANDERSON, 2006, p. 203, tradução nossa).

Como vimos anteriormente, em tudo "natural" há sempre algo não escolhido. Desta forma, a nação é assimilada à cor da pele, gênero, parentesco e era do nascimento - todas aquelas coisas que não se pode escolher. E nesses "laços naturais" se sente o que se poderia chamar de "beleza da *gemeinschaft*". Dito de outra forma, precisamente porque tais laços não são escolhidos, eles têm sobre eles um halo de desinteresse (ANDERSON, 2006, p. 143, tradução nossa).

Freyre sugeriu que haveria uma grande importância da casa-grande na formação sociocultural brasileira, bem como a importância da senzala na formação da primeira. Para Freyre, a própria arquitetura da casa-grande expressaria o modo de organização social e política do Brasil, a saber, o patriarcalismo. Além disso, *Casa-Grande & Senzala* enfatiza a formação da sociedade brasileira no contexto da miscigenação entre os brancos, principalmente portugueses, os negros das várias nações africanas e os diferentes povos indígenas que habitavam o Brasil.

Contudo, em *Casa-Grande & Senzala*, ao compreender que as relações inter-étnicas se davam de modo harmônico, Freyre cria o *mito da democracia racial*, que apontava para uma tentativa de mitigar a escravidão brasileira, que teria sido mais branda do que a norte-americana (MOURA, 1988). Para dar suporte a sua teoria, Freyre usa o futebol brasileiro como referência, dado o sucesso das equipes nacionais, que apresentavam um alto grau de miscigenação em seus quadros.

Nas fontes aqui interrogadas, a miscigenação da equipe brasileira de basquetebol, porém, não é mencionada, apesar da presença de negros nos times. Esse silêncio presente na mídia nos levanta a questão de que se os jornais e revistas esportivos, ao cobrir o basquetebol, esporte cuja prática se dava majoritariamente em clubes particulares, não eram meros reprodutores de um sentimento racista presente na sociedade brasileira (RIBEIRO, D. 1995).

Outro aspecto fundamental para interpretarmos como o discurso jornalístico representava o povo brasileiro residia na tese de que a cultura brasileira era fortemente marcada por questões afetivas. Tese defendida na pesquisa histórica de Sérgio Buarque de Holanda, ao descrever o “homem cordial” brasileiro.

Holanda, intelectual que construiu extensa obra interrogando a identidade nacional brasileira, publicou, em 1936, *Raízes do Brasil*, na qual aborda aspectos centrais da cultura brasileira. O trabalho propõe uma interpretação do processo de formação da sociedade brasileira e traz indagações sobre a importância dos arranjos e adaptações que marcaram a transferência cultural lusitana para o Brasil, relacionando a figura do brasileiro com o conceito de homem cordial, que para o autor é o conceito de que os brasileiros agem a partir da afetividade, com uma imensa dificuldade em compreender a sociedade a não ser por normas antiparticularistas (HOLANDA, 1995):

Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez.

No "homem cordial", a vida em sociedade é, de certo modo, uma “verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência [...] O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditado por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade (HOLANDA, 1995, p. 144):

A despeito do debate sobre a pertinência das interpretações clássicas de Sérgio Buarque de Holanda pautadas na centralidade da afetividade como traço cultural do brasileiro, podemos observar após a análise das fontes, a caracterização do brasileiro como um povo exageradamente emotivo por parte de muitos jornais e revistas.

3- Vencemos, e vou dizer a seguinte verdade eterna: - foi o mais belo momento de toda a história do basquete brasileiro. Quando acabou a partida, todo o mundo chorou e só o mau caráter pôde conter o santo e salubérrimo pranto nacional. Amigos, o brasileiro é mais extrovertido do que o baiano. E chora por tudo. Na dor e na alegria, no batizado e no velório - êle se desgrenha e soluça. Emotividade como a nossa, só a das viúvas sicilianas.

4- Anteontem jorrou como nunca a bica do nosso sentimento. Se lá estivesse algum turista, havia de anotar no seu caderninho o seguinte: - "O brasileiro é o único povo que chora lágrimas de esguicho". E, além disso, houve os beijos. Amigos, na Primeira Grande Guerra, acontecia êste fato: - sempre que a França vencia, o General Joffre beijava o General Foch, o General Foch beijava o General Joffre. E me veio, daí a idéia de que tal hábito era exclusivo do Exército francês. Parecia-me sublime êsse beijo por entre bigodões (RODRIGUES, 1963a, p. 3).

Constatamos que em muitos casos, os jornais prezavam por retratar a distinção do brasileiro alegre perante o restante do mundo, ilustrando isso através da imagem dos jogadores: “Os americanos, os que mais dão trabalho. Os Russos, os mais calados. Os Chineses, os mais educados. Os brasileiros, os mais alegres, vivem ouvindo samba e baiões, escondidos do técnico” (NOTÍCIAS DO III..., 1959, p. 12).

Também identificamos a noção de cordialidade nos discursos que fizeram menção às comemorações em locais públicos, em coletividade. Neles, os cariocas saem do espaço esportivo, o ginásio, para o espaço civil, desbravando a cidade em seus botecos e bares ruidosamente para comemorar o triunfo brasileiro. Destaca-se nessa narrativa, a figura do bêbado de Nelson Rodrigues:

Dizia eu, na crônica de ontem, que o Brasil está transferindo, do futebol para o basquete, todo o seu potencial de paixão e de sonho. O que está faltando para consagrar e dramatizar as vitórias do Maracanãzinho é o bêbado. Através dos séculos, o pau-d'água tem sido a figura obrigatória, fatal, das santas alegrias humanas. Um bêbado, ao enfiar a cara na sarjeta, exprime mais q o seu estado de alma, exprime toda uma euforia nacional. Amigos, enfrentaremos, hoje, a Rússia. Não será uma partida isolada, mas quase a decisão do título. Se vencermos, quase poderemos farejar, quase poderemos apalpar o bi. E, então, há de aparecer, nas esquinas e nos botecos a falange cândida e terrível dos primeiros bêbados do basquete (RODRIGUES, 1963, p. 15).

Se outrora foi uma bebida marginalizada pela aristocracia brasileira, a partir do século XX, com o crescimento do pensamento nacionalista, a cachaça passa a se estabelecer como bebida símbolo nacional. O folclore da cachaça permeava a literatura, orações e músicas que retratam a vivência popular brasileira. Dias (2004) afirma a cachaça como símbolo da cultura popular brasileira, relacionada ao imaginário, expressando a memória e a identidade do povo mestiço brasileiro. Cascudo foi um estudioso da bebida que a expressa como "a bebida-do-povo, áspera, rebelada, insubmissão ditames do amável paladar, bebida de 1817, da Independência, atrevendo-se enfrentar o vinho português soberano [...] bebida nacional, a brasileira" (CASCUDO, C. 2006, p. 47).

O cronista narra a realização do seu pedido três dias depois, ocasião em que além de sua crônica, também viu a publicação de uma caricatura que o autor retratava ser o bêbado patriota brasileiro:

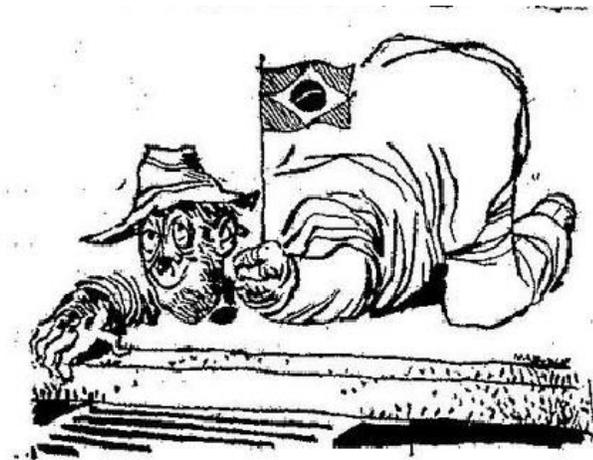
Sim, o brasileiro estava precisando de uma vitória, nem que fosse em cuspe a distância. E fomos para o Maracanãzinho com esse tremendo apelo. Mas, coisa curiosa: Nada se faz no Brasil sem macumba. Quando o brasileiro vê as esquinas

acesas em velas, começa a farejar um grandessíssimo acontecimento. E, desta feita, as esquinas consteladas profetizavam a vitória próxima.

E outra coisa linda. Amigos, o que fazia falta, neste mundial, era o pileque. O Brasil vencia e ninguém ia beber nos rutilos botecos. Triste é a alegria que não dá um único e escasso pau-d'água. No bi do futebol, que vimos nós? Uma embriaguez unânime, seja da pura felicidade, seja da violenta cachaça. A cada passo, via-se um brasileiro com a cara civicamente entornada na sarjeta. Pois bem. E, anteontem, basquete nos deu os seus primeiros bêbados.

Era empolgante de se ver: todos os botecos feéricos como um velório. Lá, no Maracanãzinho, o que houve foi inconcebível. O impacto do triunfo mudou fisicamente os torcedores. Sujeitos de caras facinorosas ficaram lindos. Os buchos sumiram, e repito: ninguém era mais bucho. A meu lado, estava uma santa senhora, de canelas finas e espectrais e uma cara, Deus me perdoe, de bruxa de disco infantil. Pois na penúltima cesta do Brasil, ela já me parecia uma Ava Gardner (RODRIGUES, 1963b, p. 3).

Figura 8 - O Bêbado Brasileiro



Fonte: RODRIGUES, 1963b, p. 3

Nesse capítulo, objetivamos demonstrar como a mídia impressa retratou determinadas características dos atores que compuseram o bicampeonato brasileiro e os eventos em si e, como isso pode ser entendido como uma exposição de discursos que remetiam a discussões identitárias através do "imaginar-se" parte integrante de uma comunidade mundial e, assim, perante aos demais povos e nações reivindicar sua relevância, demonstrando ser "o melhor de todos", o campeão em um esporte mundialmente praticado.

4. O BASQUETEBOL E OS DISCURSOS POLÍTICOS

Nos primeiros capítulos dessa dissertação discorreremos sobre o caráter épico e simultâneo das narrativas presentes na mídia sobre a conquista da equipe brasileira no III e IV Campeonatos Mundiais de Basquetebol. Nesse próximo momento, objetivamos identificar através da análise do corpo documental, discursos que remetessem a uma consolidação da soberania nacional por meio da afirmação política do estado e o sentimento anticomunista publicado na mídia, que tinha a conquista brasileira como pano de fundo. Nortearmos esse objetivo no que diz Anderson, ao expor a importância da afirmação nacional na construção das identidades coletivas nos estados não-europeus no período pós-segunda guerra mundial:

Os novos estados do período pós-Segunda Guerra Mundial possuem seu próprio caráter, que no entanto é incompreensível, exceto em termos da sucessão de modelos que estamos considerando. Uma forma de sublinhar esta ascendência é nos lembrarmos de que um grande número destas nações (principalmente as não-europeias) veio a ter línguas de Estado europeias. Se eles se assemelhavam ao modelo "americano" a esse respeito, eles tomaram do nacionalismo linguístico europeu seu populismo ardente e do nacionalismo oficial sua orientação política russizadora. Eles o fizeram porque os americanos e os europeus haviam vivido experiências históricas complexas que agora estavam em toda parte imaginadas de forma modular e porque as línguas de Estado europeias que eles empregavam eram o legado do nacionalismo oficial imperialista. É por isso que tantas vezes nas políticas de "construção de nação" dos novos Estados se vê tanto um genuíno entusiasmo nacionalista popular como um sistemático, mesmo maquiavélico, instalação de ideologia nacionalista através dos meios de comunicação de massa, e do sistema educativo (ANDERSON, 2006, p. 114, tradução nossa).

Aqui está um bom exemplo do caráter de nacionalismo oficial - uma estratégia antecipatória adotada por grupos dominantes que estão ameaçados de marginalização ou exclusão de uma comunidade emergente nacionalmente imaginada [...] ensino primário obrigatório controlado pelo Estado, propaganda organizada pelo Estado, reescrita oficial da História, do militarismo - aqui à mostra mais visível do que a coisa real - e afirmações intermináveis da identidade da dinastia e da nação (ANDERSON, 2006, p. 101, tradução nossa).

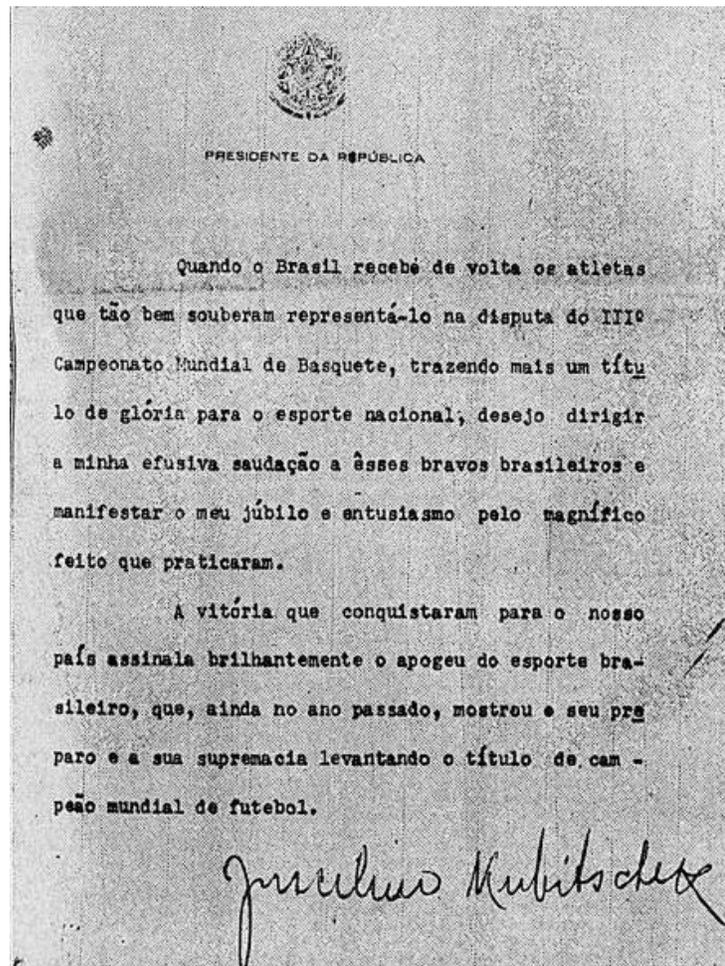
Evidenciamos na crônica de Otelo, através da noção de força da “raça brasileira”, o presidente JK como agente ativo na reprodução do ideal das conquistas esportivas brasileiras sendo usadas em prol de um discurso de soberania política nacional:

Foi ventilado, com estranheza pelos representantes políticos daquela nação, em virtude da derrota que os seus conterrâneos sofreram na competição de Santiago. Observem, pois, a significação da conquista brasileira. Um assunto que foi debatido, comentado, nas mais altas esferas da política de cada país. Neste instante, congratulo-me com todos vocês e com a nação, pois foi provado, mais

uma vez, que a raça brasileira se impõe pelo seu devotamento, pela sua força e pela sua pujança de espírito. CAÇADOR, 1959, p. 14)

No Diário da Noite, também se destaca a reprodução da carta de JK (fig. 7), na qual o presidente expressa seu “júbilo e entusiasmo pelo magnífico feito” da equipe brasileira, coincidindo com o aniversário de terceiro ano de seu governo, um acaso que proporcionou aos atletas convites: visitas e condecorações na capital federal.

Figura 9- Carta de JK Parabenizando a Equipe Brasileira



Fonte: ESPORTE, 1959, p. 1

Não diferentemente, a figura de João Goulart, presidente em 1963, também se figurou como protagonista nas comemorações do título, com declarações do presidente à mídia congratulando a equipe brasileira, almoços e visitas à capital federal. Várias instituições federais usaram o título para fazer das páginas dos jornais um lugar de recrutamento de apoio ao presidente João Goulart:

A Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro saúda os bicampeões do mundo de basketball que, em maravilhosa campanha invicta, à inspirada maneira brasileira - cada um dando o melhor de si mesmo - conquistaram mais um título imorredouro para o esporte pátrio. Eles são dignos de todos os nossos aplausos - pelo seu indomável espírito de luta e por não terem, em nenhum momento, duvidado da vitória final. Com seus triunfos eletrizantes, sacudiram a alma do povo brasileiro. Cumpriram, pois, uma bela, uma inspiradora missão.

Vivemos um momento histórico de suprema importância, em que assistimos o desencadear de poderosas forças, de novas energias. E para que o Brasil cumpra o seu destino de superpotência do fim do século - é necessário que cada brasileiro dê o melhor de si mesmo - como souberam fazer êsses valorosos atletas.

Ao vibrar com a conquista do Bicampeonato Mundial de Basketball, lembre-se de que o Governo do Presidente João Goulart está empenhado numa verdadeira obra de salvação nacional que consiste essencialmente em conter a inflação, sem sacrificar o desenvolvimento do País. É dever de cada brasileiro, quando menos pelo seu próprio instinto de sobrevivência, apoiar os esforços do Chefe da Nação (SALVE..., p. 4, 1963)

Episódios como estes, entre outros já discutidos anteriormente, da figuração de governantes nas festividades envolvendo a equipe brasileira, demonstram intencionalidade por parte dos políticos brasileiros em utilizarem a imagem vitoriosa da equipe como legitimação do discurso de força da nação.

4.1. A Conquista de Santiago

A leitura das fontes que noticiaram o Mundial de Santiago¹ nos permitiu identificar a existência de uma narrativa que polarizava o campeonato entre as equipes do Brasil e a União Soviética. Tal embate ocorreu devido à disputa político-ideológica que opunha globalmente países capitalistas e socialistas. Sendo o esporte uma importante ferramenta ideológica (COAKLEY, J; DUNNING, E., 2000) e, o Campeonato Mundial de Basquetebol um evento global, os jornais mostraram, assim como preconizou Anderson, um espaço onde também ocorria a afirmação ideológica, neste caso exemplificado pela oposição entre o discurso de soberania nacional brasileira diante do socialismo soviético.

Já nas primeiras notícias sobre o Mundial em Santiago identificamos que a mídia descrevia a equipe soviética como o inimigo comum da equipe brasileira, elegendo-a como os principais rivais do Brasil no campeonato. Como exemplo, Mauricio Naslauský

¹ A vitória de maneira mais contundente da equipe brasileira no IV Campeonato Mundial de Basquetebol, onde se sagrou campeã de maneira invicta elucidou uma resposta de legitimação menor, porém não inexistente, tendo em Nelson Rodrigues seu grande defensor. Sugerimos a leitura de RODRIGUES, N.1963, p. 16.

descreveu o ambiente como um “tipo de guerra fria” (NASLAUSKY, 1959, p. 9). Os jornais brasileiros noticiaram que os chilenos elegeram a equipe brasileira como sua favorita, odiavam a seleção russa, submetendo-a à vaias durante seus jogos (NERVOSISMO..., 1959, p. 23). Vários cronistas narraram um cenário onde “Todos eram contra os soviéticos” (BARBOSA, 1959, p. 22) e que a equipe russa supostamente conquistava suas vitórias com deslealdade e violência (CHEGARÃO..., 1959, p. 1), o que era evidenciado nos jornais por meio de fotos onde os russos surgem em poses de agressão a outros jogadores (CHILE..., 1959, p. 1). Argumentamos que essa narrativa é problemática, pois uma foto durante uma disputa esportiva retrataria apenas um corte transversal descontextualizado daquele jogo. Além disso, as estatísticas mostraram que a equipe que mais cometeu faltas no campeonato foi a brasileira, e não a russa.

Quis os caprichos do destino e o regulamento do Mundial de Santiago que os times do Brasil e da União Soviética se enfrentassem duas vezes durante o campeonato, aumentando assim, a tensão e dramaticidade noticiadas pela mídia. O Brasil obtivera resultados adversos em ambas as ocasiões. Essas derrotas confrontavam gravemente o projeto discursivo da superioridade brasileira identificado nos jornais, o que elucida algumas notícias, em nosso entendimento, serem tomadas por um caráter de justificativa. Nelas, parte dos cronistas afirmou como culpadas pelas derrotas, causas externas, tais como a arbitragem (OSTENTA-SE..., 1959 p. 21), falta de preparo (VIDAL, 1959, p. 12), falta de sorte (PARA..., 1959, p.24), nervosismo da equipe (NERVOSISMO..., 1959, p. 23), as más condições da quadra (CAÇADOR, 1959, p. 14), a equipe russa ser muita defensiva (BRAS, 1959, p. 17), a pneumonia de Edson (PORQUE..., 1959, p. 9) e, a derrota dos russos para o Canadá (NETO, 1959 p. 1), uma equipe facilmente batida pelos brasileiros - em nosso entender um silogismo injusto, dado o fato que os russos entraram em quadra com sua equipe reserva, pois haviam assegurado sua classificação para a fase final uma rodada antes. Naslawsky foi um dos protagonistas desse tipo de discurso:

Ausente

O grande ausente da delegação brasileira, sem dúvidas, foi o médico. Com um médico poderíamos ter vencido os russos porque Edson não atuaria com 38 graus de febre e cuspiendo sangue, e Valdermar não jogaria em precárias condições de saúde (NASLAWSKY, 1959c, p. 9).

Do mesmo modo, os cronistas asseguraram que as derrotas não tinham “abalado o time [...] que havíamos perdido um jogo mas não perdemos o título” (BARBOSA, 1959,

p. 16), que os soviéticos não eram melhores do que nós em “hipótese alguma” (VIDAL, 1959, p. 12), que seríamos capazes de vencê-los se jogássemos uma terceira vez, em oportunidade “menos desfavorável” (VITORIA..., 1959, p. 2), que o técnico Kanela havia assegurado que a derrota “valeu por um triunfo” (PARA..., 1959, p. 24) e, que se olhássemos “a campanha dos dois times [...] jogo a jogo [...] e o fato de termos perdidos por pouco [...] vai ver que eles não foram superiores ao nosso five” (APOTEOSE..., 1959, p. 1).

Ao noticiar esses textos, os cronistas negociavam² nas páginas dos jornais, diante das derrotas, um importante elemento da identidade nacional brasileira: soberania sobre a ideologia comunista. Identificamos também essa negociação em outros momentos do noticiário, como vamos expor a seguir.

4.2. Reações ao Título Inusitado

Após as derrotas, a equipe brasileira continuou fazendo bons jogos no campeonato, mas sem grandes pretensões ao título, pois, tratava-se de um campeonato de pontos corridos e as duas derrotas já haviam prejudicado seu lugar na tabela. Porém, todo esse panorama mudou nas últimas duas rodadas do campeonato. O Brasil, inesperadamente, venceu os EUA pela primeira vez em uma competição internacional, o que alavancou seu lugar na tabela. Ocorreu então o grande acontecimento do campeonato. A equipe da União Soviética, então ocupando o primeiro lugar na classificação e precisando de apenas mais uma vitória contra a fraca equipe de Taiwan, decidiu não entrar em quadra, pois não reconhecia a ilha separatista como nação. Houve um processo de julgamento para definir a punição aos soviéticos, que defendiam a perda de seus pontos somente para aquele jogo. No entanto, a FIBA não atendeu aos apelos russos e puniu a seleção com a perda de todos os seus pontos conquistados. Com isso,

² Os estudos de NICHOLSON et. al. (2014), forneceu-nos interessante embasamento teórico para a temática de negociação de identidades na mídia impressa através do esporte. Ao investigarem como derrotas em competições internacionais ameaçam a identidade nacional, identificaram uma relação de negociação dentro dos jornais, que apesar de relatarem as derrotas, sempre atribuem a culpa da mesma a fatores externos.

a equipe brasileira precisava apenas de uma vitória contra a fraca equipe do Chile para se sagrar campeã, o que facilmente conseguiu.

A partir da leitura das fontes, identificamos duas posições distintas no noticiário brasileiro. A primeira demonstra que a principal preocupação dos cronistas foi, quanto à vitória do Brasil no Chile, legitimar o título brasileiro frente às condições improváveis em que foi conquistado: por uma decisão institucional da FIBA. Fato este que, a princípio, poderia enviesar a percepção do público brasileiro quanto à autenticidade da conquista. A segunda, em menor número de jornais e notícias, mas igualmente interessante, narrava exatamente o contrário, a saber, a ilegitimidade da conquista brasileira.

Entendemos que a tentativa de legitimação do título de Santiago foi desenvolvida através da construção de uma narrativa que enaltecia os feitos brasileiros a partir da exaltação da política nacional, de um senso de justiça e que menosprezasse (ou ignorasse) a decisão da equipe soviética, classificando-a como antidesportiva e estritamente política. A mídia não demorou em afirmar que a conquista em Santiago, obtida de maneira “incontestável” (O BRASIL..., 1959, p. 5), não por “acaso ou sorte, mas sim por trabalho metuculoso” (ROCHA, 1959c, p. 1) tinha colocado o mundo “aos pés do Brasil” (HOMENAGEM... 1959, p. 3):

O brasileiro mostrou, isto é mais importante, sua capacidade de superação, capaz de levá-lo a um aperfeiçoamento igual ou até superior aos povos que se elegeram condutores do mundo.

Por aquilo que é a bola ao cesto em todos os países do mundo, pelo carinho e o incentivo que merecem nossos jogadores para alcançar o máximo e assim aparecerem ante os olhos de todos como uma reafirmação de capacidade, de organização, de força e mesmo de raça, daremos, então, ao feito do Maracanãzinho o seu autêntico, o seu verdadeiro e autêntico significado. Que esse feito seja determinado como um exemplo, para todas as atividades, do poder, dos recursos e da capacidade do povo e do Brasil (MENDES, 1963, p. 11).

Após o jogo contra o Chile, muitos jornais não noticiaram os fatos que levaram ao título brasileiro, dando a entender que o jogo tinha sido uma espécie de final: “Fácil o Match [...] Chilenos encontraram pela frente a supremacia dos brasileiros categóricos e serenos em busca do triunfo que com justiça tinha que lhe pertencer” (CAMPEÕES..., 1959, p. 16) e “O selecionado do Brasil venceu o adversário local do Chile de maneira a não admitir qualquer dúvida quanto a sua superioridade [...] uma atuação que coroou de maneira brilhante a campanha dos brasileiros” (NASLAWSKY, 1959a, p. 1):

Na noite de sábado, a seleção brasileira [ilegível] conquistando de maneira realmente impressionante o título máximo do basquetebol mundial. Não importa

que os russos poderiam ter sido campeões. O que importa é que a campanha do Brasil, no mundial, foi elogiável, por todos os títulos brilhantes que vem colocar o basquetebol brasileiro em posição de maior relevo ainda, aumentando-lhe o prestígio internacional (BARBOSA, 1959, p. 25a).

A partir de nossas leituras, identificamos que os jornais e revistas que mencionaram a influência da decisão soviética sobre o título brasileiro o fizeram em tom de descrédito, classificando a atitude como “choro” (ROCHA, 1959, p. 6), transferindo a culpa pelo ocorrido aos próprios russos, a fim de deslegitimar as razões por trás da desistência, trazendo como justificava dois elementos: respeito ao espírito esportivo e a separação de política e esporte. Como exemplo, Melchisedech Cruz afirmou que dentro do espírito esportivo, existia um “espírito de fraternidade”, baseado em “compreensão, tolerância e generosidade”:

E todas as razões que se pudessem amontoar para justificar a conduta dos soviéticos, não encontrariam apoio na finalidade essencial da cultura esportiva, cujo valor ou propriedade só se evidencia nas competições libertas de todos os preconceitos e conveniências à margem de sua feição específica, moralmente objetivadas nas mais duras e imprevistas competições. Em suma, lamentável e antiesportiva a atitude da equipe soviética.

Trata-se, como acentuamos, de fatos e contra fatos, como é hábito dizer, não existem argumentos. Ora, dois fatos ficaram plenamente evidenciados no recente campeonato mundial de basquete, em Santiago, do Chile: diferença mínima da capacidade técnica esportiva brasileira ante a soviética e diferença máxima, astronômica, da educação político-esportiva dos soviéticos comparada a de todos os concorrentes do certame. Falamos, anteriormente, que o Esporte é quase uma exceção no que se refere ao cultivo e prática de fraternidade entre os povos e, mal raramente, em seus espetáculos Internacionais, se registram episódios onde aquela performance terá sofrido arranhões, que não chegam a afetar mais do que a pele de sua plástica dialética. O caso do campeonato de basquete do Chile não foi desse porte, pois a conduta da equipe vermelha produziu fraturas no organismo da política esportiva que, em seu espírito altamente democrático, procura favorecer todos os conjuntos humanos, onde o esforço e a dedicação, o entusiasmo e a alegria de participar, criam raízes e produzem frutos em todas as paisagens.

Na verdade, não devemos prosseguir, por inconsequente, nesta ordem de apreciações. O que se evidencia, igualmente, da atitude esportiva soviética é que, realmente, sua experiência, nesse setor da cultura, é, ainda adolescente e precisa viver mais, competir mais, para atingir um climax de consciência, onde o supremo objetivo é conquistar e não impor, é dar e não pedir, finalmente, aniquilar a memória daquele Narciso, que só se contentava vendo a sua própria imagem refletida no espelho, como a mais sublime obra da criação (MELCHISEDECH, 1959a, p. 3).

Para os cronistas, a noção de “espírito esportivo” também compreendia o respeito aos regulamentos que governam o esporte. Nossa leitura das fontes nos permitiu

identificar que a interpretação que os cronistas deram ao regulamento do campeonato os permitiu transferir a culpa do ocorrido aos russos pela “Fuga Russa”, pois os mesmos:

Conheciam muito bem o regulamento [...] e sabiam das consequências dos seus atos [...] cada equipe que se inscreve num torneio sabe que deve respeitar as praxes desportivas, os regulamentos e as determinações dos organizadores e dirigentes (NETO, 1959, p.1).

Vários cronistas tentaram legitimar a ação da FIBA pela sua brandura, pois compreendiam que “quem deliberadamente comete frações incontestáveis, indefensáveis não tem direito de alegar coisa alguma. E corre o risco de penas mais severas” (NETO, 1959, p.1). Para reforçarem suas justificativas, invocaram precedentes na própria história dos campeonatos:

Russos e búlgaros sofreram a mesma pena aplicada ao Egito quando recusou enfrentar Israel em 1953, durante o campeonato da zona europeia, disputado em Moscou. É interessante ressaltar que nem todos julgaram suficiente a punição. O delegado dos Estados Unidos, por exemplo, havia pedido para a Rússia uma punição de quatro anos das competições internacionais a título de punição complementar [...] mas foi recusada pelo "Bureau", que apenas os colocou em último lugar (NASLAWSKY, 1959d, p. 9).

Os cronistas também recorreram à figura de autoridade da FIBA e do Comitê Organizador do Mundial em seus esforços de legitimação do título, por meio de discursos pautados em legalismos complexos, tais como a afirmação de que a entidade promovia “campeonatos entre entidades, esportivas, e não países” (O BRASIL..., 1959, p. 7), atribuindo às decisões da federação um caráter absoluto de justiça:

A China nacionalista pertencia ao COI, a ONU, e mantinha relações diplomáticas com o Chile.

Participou do mundial por direito adquirido, já que foi vice-campeã asiática em maio de 1958

[...]

O comitê organizador do III Campeonato Mundial de Basquetebol Masculino lamenta que os delegados da União Soviética, na falta de argumentos verdadeiros, que justificasse uma atitude contrária às mais elementares normas de cavalheirismo desportivo, houvesse recorrido a expedientes tão baixos para explicar sua decisão. Nossa democracia permite tais críticas, aí nada que injustificadas, expressadas por pessoas estrangeiras em nossa própria pátria. Disto nos orgulhamos, porque não se goza este privilégio em todas as nações do mundo (ROCHA, 1959, p. 1-2).

A C.B.B não criou Formosa. Com todo o respeito à opinião dos tratadistas, a verdade é que não foi o Brasil quem inventou Formosa [...] A China Nacionalista é filiada a todas as entidades internacionais, como o Comitê Olímpico, FIFA e, naturalmente, à FIBA. Não tem faltado às principais disputas e, em algumas vezes, países da cortina de ferro, senão em provas coletivas, têm enfrentado representações de Taipé. O Brasil inscreveu-se no Mundial e enfrentou os adversários marcados pela tabela, inclusive a URSS, com qual não mantém

relações diplomáticas [...] Se, depois, a política atrapalhou, estejam certos os confrades do "Pravda" e a gente da Rádio Moscou, que não foi por culpa do Brasil. [...] Ilha ou não, certo é que estava inscrita regularmente (SERRAM, 1963, p. 10).

Curiosamente, tais discursos demonstravam o pretensível caráter imparcial de seus cronistas. Arno, do Diário Carioca, por exemplo, traz em sua crônica a defesa de separação entre esporte e política, intencionando, assim, justificar o título brasileiro por meio de fatos estritamente políticos, apontando o reconhecimento da China Nacionalista pela Organização das Nações Unidas (ARNO, 1959).

Finalmente, como exposto anteriormente, apesar de menor abrangência nos jornais brasileiros, pensamos ser de igual importância evidenciar que alguns jornais e cronistas defenderam o posicionamento da equipe russa e denunciaram a ilegitimidade do título brasileiro. Jornais, como o Jornal do Commercio (RÚSSIA..., 1959, p. 4), publicaram defesa mais branda, afirmando que apesar do apogeu alcançado pela equipe brasileira, a desclassificação da equipe russa se configurava como injustiça. Outros evidenciaram que, em cartas aos jornais, alguns leitores se manifestaram com "respeitáveis opiniões" (CRUZ, 1959, p. 3) simpatizantes à atitude russa. Porém, alguns cronistas foram mais contundentes em suas defesas, evidenciando o "ardor e convicção" (BARBOSA, 1959, p. 25b) da equipe russa, tais como Araújo, que no Jornal Diário da Noite afirmou que, de fato e de direito, o título pertencia a Rússia, que qualquer outro campeão seria "campeão de araque" (ARAÚJO, 1959, p. 3).

Mas, foi no Jornal Última Hora que se evidenciou um discurso jornalístico mais contundente em defesa dos soviéticos. Barbosa, por exemplo, defendeu os russos como "moralmente campeões":

Fizeram pé firme e, a despeito das penas que lhe foram aplicadas, não voltaram atrás [...] Invicta nestas finais, a URSS abdicou do título em favor de uma causa de defender com o ardor e convicção. Outrem, que não os russos, teriam coragem para assim agir? Abririam mão de um título tão cobiçado apenas para defender um ponto-de-vista que muitos condenam?

A alegação de Mr. Jones, segunda a qual os soviéticos vieram para Santiago para criar confusão, não reflete, em absoluto, o pensamento da maioria. Antes de para cá embarcar eles haviam deixado claro que não enfrentariam a China Formosa, por não reconhecê-la como país. Prometeram e cumpriram. Certos ou errados, deram uma lição de personalidade e pulso firme, embora perdendo um título de tão grande expressão. Para nós, contudo, eles são, moralmente os campeões deste III Mundial de Basquetebol (BARBOSA, 1959, p. 25b).

Em igual medida, Leme também estampou as páginas do Última Hora em defesa da equipe russa, levantando elementos de caráter jurídico, do direito internacional, a fim de embasar suas afirmações:

Caso dos mais ruidosos e interessantes está tumultuando o ambiente do 3º Campeonato Mundial de Basquetebol, que vem sendo realizado em Santiago do Chile. Russos e Búlgaros estão dispostos a não enfrentar a China "Nacionalista", pois tendo seus países relações com a China Continental, não podem considerar como país o Governo de Formosa. Está absolutamente certo, tirando-se fora dessa conclusão qualquer espírito político. Imagine-se além da China "Nacionalista", também participassem do Campeonato Mundial outros governos que não representam nem geograficamente nem politicamente seus países? Como se resolveria o problema? A Federação de Basquetebol Russa, tal como a Federação Brasileira de Basquetebol, tem de seguir obrigatoriamente a linha internacional de seu governo e, conseqüentemente, não pode reconhecer como seleção representativa do basquetebol da China uma equipe que é formada por elementos que representam um governo em exílio. Seria o mesmo que reconhecer como representante do basquetebol ou do futebol espanhol, uma seleção formada pelos esportistas partidários do governo republicano da Espanha exilado no México. Dentro do ponto de vista do direito internacional, nada mais justo nem mais acertada que a decisão dos russos. Aliás, ainda recentemente S. S. o Papa cassou as credenciais dos representantes de Governos fantasiosos junto ao Vaticano (LEME, 1959, p. 24).

Interpretar os textos publicados no Jornal Última Hora se faz importante, não apenas por se configurarem como exemplos de contraposição à narrativa majoritária que buscava legitimar o título, mas ainda, o fato de muitos teóricos, dentre eles Dantas (2014), afirmarem que, na época, o Jornal Última Hora era um dos principais veículos de comunicação em massa que se opunha ao combate dos sentimentos anticomunistas presente na mídia impressa da época.

4.3. A Separação entre Esporte e Política

Já citamos no terceiro capítulo capítulo a famosa obra, Raízes do Brasil (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, e sua importância na época para a interrogação de aspectos centrais da história da fixação do Brasil e a identidade do seu povo.

Interpretando o processo de formação da sociedade brasileira e trazendo indagações sobre a importância dos arranjos e adaptações que marcaram a transferência cultural lusitana para o Brasil, Holanda relaciona a figura do brasileiro com o conceito de *homem cordial*, a ideia de que os brasileiros possuem uma relação conflituosa entre instâncias públicas e privadas, pensando geralmente a partir da efetividade, com imensa dificuldade em compreender as formalizações políticas. Para Holanda, isso é herança da

colonização portuguesa, pois diferente da maioria dos europeus, entre os portugueses inexistia orgulho racial, resultando assim, numa relação informal entre o sujeito e o Estado.

A partir do exposto, tivemos o objetivo de identificar no corpo documental a reprodução dos conceitos preconizados por Holanda, do homem apolítico, o que em tese, reforçaria o ideal de separação entre esporte e política, e substanciaria as justificativas da mídia para a legitimação da conquista brasileira.

Identificamos esse discurso em várias fontes do nosso corpo documental. Os jornais publicaram entrevistas com pessoas que gozavam de posições de autoridade no esporte brasileiro para expressarem seu desdém pela associação do esporte à política. Como exemplo, trouxeram Paulo Martins Meira, presidente da CBB: "Como membro do comitê Olímpico e presidente de uma entidade amadora não posso compreender a intromissão da política no esporte" (CONDENA..., 1959, p. 1); Gastão Soares de Moura Filho, conselheiro da Confederação Nacional de Desportos: "É assunto inclusive, que não entra na minha compreensão, pois eu não vejo como a política possa se refletir sobre o esporte, que é totalmente livre e independente de quaisquer influências" (CONDENA..., 1959, p. 1); Canor Simoes Coelho, diretor geral do Departamento de Imprensa Esportiva da Agência Brasília de Imprensa: "O desporto sempre foi um vasto campo sem fronteiras. O seu grande ideal se resume em competir, confraternizando. O gesto da Rússia deturpa totalmente esse sentido e cria um problema desagradável para quem só compreende o esporte dentro da pureza do ideal olímpico" (CONDENA..., 1959, p. 1);

Além das afirmações acima, as seguintes crônicas também nos ajudaram a reconhecer esse discurso:

Vimos jogar cestobol e não discutir política. A atitude dos soviéticos é um ponto negro no desenvolvimento do campeonato mundial [...] reputados de falsos, tolos e infundados os assuntos políticos da URSS [...] de resto não se esqueçam que um campeonato esportivo é uma competição esportiva [ilegível] questões políticas não devem ser levantadas ou erguidas [ilegível] prevenções pessoais, quantas os seja, não coadunam com os princípios máximos do desporto [ilegível] cujo objetivo é sempre o de confraternizar e unir grandeza e bravura [...] uma das mais lindas páginas do glorioso desporto brasileiro cujas conquistas, se estendendo pelos caminhos do mundo, demonstram [ilegível] um grande povo e de um grande país" (VIEMOS..., 1959, p. 28).

Quase um hábito

Glória a eles, que chegam hoje com o título de campeões mundiais de basquetebol - o segundo, em importância, dentre todos os esportes coletivos. Viajaram com pouco estardalhaço, mas confiantes no sucesso. Se êste contou com a ajuda de

circunstâncias alheias ao que se passava na quadra, melhor para nós e azar o deles: como diz o Sr. Gastão Soares de Moura, nada como ganhar de 1x0, o gol sendo feito com a mão e além do tempo regulamentar: a gente goza a vitória e goza o choro dos outros.

[...]

Mas - dirão ainda aqueles exigentes - e a Rússia, que nos derrotou duas vezes e já era de fato a campeã?

Bem, isso é mais grave. Mas quem mandou meter a política onde ela não era chamada?

[...]

A verdade é a seguinte: daqui a dez anos, à exceção do Sr. Mário Filho, ninguém se lembrará da parte sem-graça deste campeonato, e o Sr. Mário Filho sempre põe uns molhos que tornam mais gostosa a conquista, e a lembrança da conquista. E na memória geral, o que restará é o orgulho e a gratidão de cada um pelas campanhas dos nossos rapazes. Isso de trazermos títulos importantes para o Brasil já está quase se tornando um hábito. Mas ainda emociona (EVANDRO, 1959, p 9)

4.4. Representações de Sentimentos Anticomunistas

A Guerra fria exacerbou a circulação de representações anticomunistas no Brasil, em parte graças à influência política dos Estados Unidos que auxiliou a organização de grupos e publicações anticomunistas em solo brasileiro (MOTTA, 2014), movimentos esses liderados por grupos conservadores, que tiveram maior expressão em dois períodos de colapso democrático no Brasil: o Estado Novo, com início em 1937 e o golpe civil-militar com início em 1964 (MOTTA, S; PATTO, R. 2002). Esses grupos atuavam em duas frentes principalmente: na propagação da noção do comunismo como inimigo estrangeiro e no combate às políticas antinacionalistas embasadas no marxismo. Possuíam um discurso que afirmava o nacionalismo como manifestação conservadora que enfatizava a "defesa da ordem, da tradição e da centralização, contra as forças centrífugas da desordem" e a nação como "o conjunto formado pelo povo brasileiro unido ao território e ao Estado, seria intocável, ou seja, mereceria a aura de objeto sagrado" (MOTTA, S; PATTO, R. 2002, p. 29-30).

Dado o exposto, tivemos como objetivo identificar representações do sentimento anticomunista na mídia impressa brasileira durante o período interrogado, através da análise de fontes que explicitassem propagandas anticomunistas e discursos nacionalistas. A identificação de tal discurso fortaleceria a imagem da União Soviética como inimigo comum ao povo brasileiro.

A análise das fontes nos permitiu identificar essas representações que, de acordo com a imprensa eram, em parte, reflexo de um sentimento popular. Os jornais noticiaram um suposto “desagrado público” por parte de brasileiros e chilenos com a seleção soviética (MUNDIAL..., 1963, p. 23), citando que “todos eram contra os soviéticos” (BARBOSA, 1959, p. 22) e denunciaram a “linguagem agressiva dos comunistas” em suas interações com a imprensa (ROCHA, 1959b, p. 1). A seguinte crônica, de Gregório, transpareceu esse tipo de discurso:

Um detalhe entristecedor a registrar, nesse campeonato, é a discriminação que a Rússia Soviética e o seu pequeno satélite, a Bulgária, fizeram à última hora, deixando de jogar com a China Nacionalista.
 Por que isso? Acaso o mundo do socialismo não é apontado como o mundo da verdadeira igualdade?
 Por que [ilegível] de medir-se com atletas chineses, somente por divergências de ordem política?
 Acaso pode a União Soviética censurar os Estados Unidos pela discriminação racial, quando seus atletas se recusam a jogar com homens de outra ideologia?
 Por esse pequeno pano de amostra, se pode ter a prova do governo comunista, o qual sagrou-se agora como campeão da discriminação política.
 O mundo que todos nós, democratas, aspiramos não é por certo esse mundo. É um mundo diferente; um mundo de todos; um mundo só (GREGÓRIO, 1959, p. 4).

Vários jornais atribuíram a culpa pela confusão no Mundial de Santiago estritamente aos russos, “resultado da ideologia que abraçam” (O BRASIL...1959, p. 6), deixando claro que não se tratava de um país com qual o Brasil mantinha relações diplomáticas. Melchisedech Cruz afirmou nas suas crônicas o caráter retrógrado da política soviética:

Os soviéticos vivem uma etapa excitante de desmoronamentos, procurando subverter princípios clássicos que, para eles, perderam o sabor de atualidade. Conservam, no entanto, cristalizações que implicam resistência àquela ideia de paz e harmonia que tanto apregoam, sem perceber a incoerência de sua dialética exclusivista (MELCHISEDECH, 1959b, p. 3).

Porém, um dos acontecimentos que mais nos chamou atenção na análise das fontes teve como centro uma ação do IBADE - Instituto Brasileiro de Ação Democrática. Fundado em maio de 1959 e financiado por empresários brasileiros e estadunidenses, e até mesmo a CIA (Central Intelligence Agency) estadunidense, o órgão tinha como principal função combater o estilo populista de JK e possíveis fontes de influência comunista no Brasil. Para isso, produziram e difundiram propaganda anticomunista em

programas de rádio e televisão, contribuindo assim, decisivamente para a oposição ao governo de João Goulart, fator crucial para o êxito do Golpe Civil-Militar de 1964.

Como exemplo dessas ações, identificamos que muitos jornais noticiaram o fato de que o IBADE patrocinou o ingresso e a condução para o jogo da seleção brasileira contra a seleção soviética todos aqueles que se comprometessem a vaiar o time russo: “Um grupo com entrada paga e condução gratuita, ia ao Maracanãzinho torcer exclusivamente contra os soviéticos. Durante a partida preliminar, urravam contra os vermelhos, desfraldavam bandeiras do Brasil (MUNDIAL..., 1963, p. 23)”.

René Dreifuss (1981), ao estudar as décadas de 50 e 60, sustenta que a atuação política do IBADE, por meio de atividades conspiratórias, liderada pela burguesia nacional e associada ao capital estrangeiro, foi um dos principais fatores do colapso do sistema populista, tendo no sentimento anticomunista sua principal arma retórica. A leitura das fontes aqui analisadas nos permitiu identificar essas atividades na forma de representações midiáticas relacionadas ao bicampeonato mundial brasileiro de basquetebol, mostrando qual papel a conquista brasileira desempenhara nos planos da organização.

Encontramos apenas dois indícios de oposição a esse sentimento. Primeiro, direcionadas ao IBADE pelo cronista Stanislaw Ponte Preta, destacamos as duras críticas noticiadas no Jornal Última Hora. Mais uma vez, exemplos como esse demonstram o importante papel desse jornal que se opunha à lógica anticomunista adotada pela mídia impressa da época. Segundo, evidencia-se a seguinte crônica de Martins, publicada no Jornal do Brasil, na qual o cronista denuncia comportamentos, que segundo ele, seriam próprios do nazifascismo:

Dos males causados ao País pelo Estado Novo, o pior de todos, de difícil e lenta recuperação, foi a indiscutível deformação do caráter nacional. "Houve uma verdadeira subversão dos valores morais. Modificou-se a mentalidade brasileira. O êxito passou a justificar todos os métodos, prevalecendo sobre a ética e o mérito. A habilidade, o despistamento, a mistificação, a defesa, o exibicionismo, o descumprimento da palavra empenhada, a ânsia de enriquecimentos imediatos, a sede de aplausos ruidosos passaram a nortear tanto a nossa vida pública, como ainda, os atos dos homens no campo privado. Desfigurou-se, pois, a Nação, ficando em posição de um certo ridículo aqueles que mantinham os velhos estilos de probidade e preservaram arraigados as tradicionais convicções de dignidade pessoal. No mínimo, esses, não eram inteligentes, segundo o conceito em voga. As idéias do passado estavam condenadas.

De qualquer modo, porém, a ditadura, com seus reflexos, não conseguiu quebrar a principal característica de nossa gente: sua doçura. Ao contrário do que se observou em quase todos os demais países submetidos nos regimes totalitários,

entre nós a violência não foi aplaudida, a intolerância não foi aceita, o histerismo passional não tomou pé. Enfim, a cada cidadão repugnava tudo que o levasse a rilhar os dentes, permanecendo intacta nossa filosofia de convivência social, sem se admitir os preconceitos raciais, religiosos, e até mesmo os ideológicos e políticos. Viu-se, assim, que a Nação continuava a ser a família de sempre, com divergências, mas sem intransigências, com rugas, mas sem ódios e divórcios intransponíveis. Não riscamos o diálogo entre os que se mantinham em antagonismos de concepções e definições.

Infelizmente, entretanto, o que não ocorreu na Ditadura está a ganhar corpo, agora. O radicalismo caminha avassaladoramente, transbordando da militância política, dos choques de classes, das competições de sentido cultural, artístico e - incrível! - Esportivo. Virou praga. Para ser peste, pouco falta.

Aí está, como advertência gritante, o sucedido nesta semana no Maracanãzinho. Disputava-se um campeonato internacional de basquetebol.

O natural é que lá só comparecessem os amantes das emoções que aquele esporte proporciona. Não foi tal. Como nos tempos que precederam a vitória do nazismo na Alemanha, entidades políticas suspeitas e ilegais, adquiriram bilhetes em massa, distribuindo-se gratuitamente entre os seus adeptos a fim de que os mesmos vaiassem freneticamente a equipe da União Soviética. Em represália, outro tanto foi feito por aqueles que politicamente acusam os Estados Unidos de tudo que lhes vem à cabeça, apupando fortemente os jogadores norte-americanos. Demos, assim, no Brasil, uma lamentável demonstração de falta de educação esportiva, impressionando desagradavelmente a todos os componentes das representações estrangeiras que jamais haviam visto coisa igual na Rússia, na América do Norte ou em qualquer outro país que vive sob os efeitos da Guerra Fria.

Semelhante espetáculo não deve ser encarado como simples falta de cortesia. Ele tem raízes mais profundas e mais condenáveis. Mostra a todos nós que, nos subterrâneos da sociedade brasileira, se está armando uma mentalidade de agressividade que não é próprio dos brasileiros e que aos nossos sentimentos não corresponde. Hoje, a perturbar, uma partida de basquetebol, amanhã perturbando a tranquilidade e a segurança de toda a população. E, desde já, a todos nós envergonhando e deprimindo (MARTINS, 1963, p. 26).

Crônicas como essa demonstram que, apesar do papel central da imprensa brasileira no processo que levaria ao rompimento da legalidade democrática, apenas alguns meses após o IV Campeonato Mundial de Basquete, tendo o combate ao comunismo em suas páginas como pano de fundo, alguns focos de oposição ideológica e de resistência às manifestações anticomunistas podem ser verificados nas fontes esportivas.

5. RELAÇÕES ENTRE OS DISCURSOS DE IDENTIDADE NACIONAL NO BASQUETEBOL E FUTEBOL

No final da década de 1950, o futebol já era considerado elemento central da cultura brasileira e importante afirmador de sua identidade nacional (ANTUNES, 2004). Suas representações identitárias projetadas pela imprensa é largamente estudada pela historiografia brasileira (CAPRARO, 2007). Sabendo da importância do uso futebol como afirmador da identidade nacional brasileira, perguntamo-nos acerca das representações dos títulos mundiais de basquetebol na mídia impressa nacional, sendo esse esporte um coadjuvante, na preferência esportiva nacional ao futebol.

Seria esse noticiário feito de maneira a opor as duas modalidades? Com o objetivo de responder essa pergunta, analisamos na literatura científica elementos que compreendem o jogo de basquetebol como afirmador identitário e, posteriormente, analisamos o corpo documental em busca de noticiários que representassem esses elementos. Com isso, buscamos compreender de que maneira a mídia negociou a representação de identidades eminentemente conflitantes nos mesmos espaços midiáticos.

O estudo dos regimes historiográficos¹, a análise de como a sociedade lida com o tempo, revela que as coletividades, a partir da sua relação com a memória, historicizam o passado a fim de atender suas escolhas, do presente. Com isso em mente, acreditamos ser válido verificar o que de específico há no basquetebol, como afirmador identitário, a ponto de ser explorado pelos cronistas no corpo documental aqui interrogado.

Em um primeiro momento, na literatura, é difícil fugir de interpretações que nos remetem ao senso comum, afirmando o esporte coletivo como emulador das relações sociais, através da sua lógica de trabalho em equipe, suas disputas, suas emoções e realizações que se assemelhariam a campos de batalha:

Uma variedade de etnias, raças e classes encontrou no basquete um veículo para expressar suas identidades. Apesar disso, ou talvez por causa dessas divisões, o basquetebol reforçou um conjunto de conceitos fundamentais sobre a sociedade, principalmente a ideia de competição baseada em regras como modelo para o empreendimento social, uma maneira fundamental de medir força e virtude, distribuir recompensas e estimulam os participantes a um maior desempenho. Em vez de simplesmente refletir um conjunto de valores

¹ Para uma leitura aprofundada do tema, recomendamos: HARTOG, F. **Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

"nacionais", a disseminação do basquetebol estava ajudando a moldá-los (GRUNDY et al., 2014, p. 140, tradução nossa).

Do mesmo modo, as fontes aqui analisadas também nos proporcionaram visões não menos românticas. Hélcio José, da revista O Cruzeiro, por exemplo, comenta que “o desenvolvimento do basquetebol mundial acompanhou a mudança natural da humanidade” (JOSÉ, 1963, p. 14-15).

Compreender o porquê coletividades adotam e promovem certos padrões identitários não é tarefa fácil. Tais ações estariam inseridas em um ambiente de conflito dinâmico, no qual os interessados dialogam a todo o momento, tendo como ponto central do debate o que adotar ou descartar enquanto identidade. Grundy et al. (2014) sistematiza essa perspectiva em respeito ao basquetebol estadunidense², compreendendo que, nos primórdios de sua prática, o caráter fluido e facilmente adaptável das estruturas relacionadas ao jogo e a boa vontade de seus gestores em experimentar novas regras e inovações, foram responsáveis pela grande adesão popular à nova manifestação esportiva.

De fato, o que Grundy et al. nos apontam se apresenta como argumentação bastante sólida, principalmente quando identificamos que no corpo documental, diversas fontes coadunam com sua hipótese. Como podemos confirmar, vários jornais noticiaram o caráter democrático das consultas que propuseram importantes mudanças de regras ao jogo do basquetebol antes do Mundial de Santiago (PREVISTAS..., 1959). Do mesmo modo, O Estado de São Paulo, ao traçar um histórico do progresso do basquetebol brasileiro em competições internacionais, afirmou que a mudança no estatuto da FIBA, referente à regulamentação do tempo máximo de posse de bola para cada equipe, permitiu que o nível do basquetebol nacional se elevasse, tornando-se mais “objetivo”

² Outros autores abordaram o potencial identitário do basquetebol. Destaco aqui o trabalho de Cingiene e Laskiene (2004, p. 769), que interrogou a influência do basquetebol na identidade nacional lituana. Ao concluírem que a história do basquete nacional se confunde com a própria história do país, eles formulam uma importante questão, que pode ser adaptada ao contexto dessa pesquisa e serviu de plano de fundo para a análise das fontes nesse capítulo:

“É importante compreender que um indivíduo na sociedade moderna tem a oportunidade de escolher diferentes formas de esporte. Podemos fazer outra pergunta aqui: a escolha de um esporte resulta em um certo tipo de identificação? Qual foi a influência do esporte mais popular, basquete, na manutenção da identidade nacional durante os tempos soviéticos na Lituânia e qual é agora? Essa influência se deve ao acaso ou à autodeterminação racional, à influência do contexto social do mundo moderno ou à continuidade da tradição?” (Tradução nossa).

(DÉCADA..., 1959): um jogo mais dinâmico e emocionante que pareceu agradar os cronistas:

O basquete é um esporte que exige um preparo físico enorme, bons nervos, bom coração, excelente pulmão e boa vista. Tudo isto de quem assiste a uma partida. O torcedor tem que ser uma pessoa muito sadia para resistir às terríveis emoções que o basquete proporciona. Quem assistiu ao mundial perdeu mais peso e ficou mais nervoso do que qualquer jogador que estava em campo. O negócio foi de lascar (CAÇADOR, 1963a, p. 8).

Grundy et al. relatam, também, como que, ao contrário de várias outras modalidades, o basquetebol sempre foi compreendido pela sociedade como uma modalidade que contemplava o público feminino, o que permitiu ao autor afirmar que o basquetebol se moldava ao povo, e não o contrário, sendo assim, capaz de atender as demandas de variadas classes sociais e étnicas:

O basquetebol, como alguns estudiosos observaram, representa um design moderno e inovador que tem sido constantemente remendado para melhorar a experiência para os jogadores e espectadores. Como um dos principais historiadores da modernização do esporte, Allen Guttmann, observou: 'Construído regra por regra, o basquete representa um design racional'. Sublinhando a alegação de Guttmann, o basquete tem evoluído constantemente desde sua invenção em 1891 (GRUNDY et al., 2014, p. 137).

Essa contemplação ao gênero feminino apareceu em nossas fontes na figura da mulher torcedora. Muitos cronistas apontaram essa novidade como a grande diferença fundamental entre o futebol e o basquetebol:

Há muito tempo o público do Paraná não vibrava tanto como na noite de terça-feira, quando foi encerrada a disputa da chave <C> do mundial. Foi uma vibração espontânea, sincera, com permanência quase total dos torcedores, até o encerramento das solenidades. Um público muito bom, com o basquete levando uma vantagem fundamental sobre o futebol: o elemento feminino. O que falta muito para colorir e dar um toque mais suave e menos masculino aos jogos é a representante do sexo frágil. No basquete não. Faltou o Dino Almeida para comentar os elegantes trajes esportivos que estiveram prestigiando a festa do Tarumã (COELHO, 1963, p. 16).

Alguns jornais e revistas, ante a essa novidade, fizeram apelos às autoridades competentes para que aproveitassem as oportunidades potencializadas por essa nova modalidade:

As entidades que regem o basquete no País e, mais particularmente, na Guanabara, devem aproveitar o ensejo da realização do Campeonato Mundial de Basquetebol Masculino para promoverem êste esporte junto ao grande público. Difundir largamente suas regras, que passaram não faz muito por grandes reformas. Mostrar que o basquete é esporte dos mais atraentes e que sua prática,

além de bom preparo físico, é lógico, exige rapidez de raciocínio e inteligência (BASQUETE, 1963, p. 41).

Frente a esse panorama, a maioria dos cronistas transformaram as páginas dos jornais e revistas em verdadeiros espaços de conflitos identitários. Como podemos observar, as comparações entre o basquetebol e o futebol defrontavam os feitos das modalidades. As notícias veiculadas sobre os títulos brasileiros de basquetebol, quase sempre, eram carregadas de insinuações e comparações às particularidades do futebol:

O Brasil foi campeão mundial de basquetebol sem foguetes, e se houve carnaval, agradeça-se à coincidência. Uma diferença enorme separou o delírio popular de sete meses atrás e a alegria gúbria do "somos campeões", dito à meia voz, sábado último, sem brindes, sem entusiasmo desmedido. Compreende-se a diferença, que é a mesma que existe entre o futebol e o basquetebol. Agora que ambos possuem a glória maior, o contraste se torna mais gritante. O público se alimenta de futebol e faz do basquetebol um prato extravagante, embora, na escala da preferência, esses dois esportes sejam o primeiro e o segundo. E no futebol ele sofrera muito mais e sempre tivera a pretensão de ser o maior do mundo. No basquetebol, a sombra dos norte-americanos era sempre uma barreira a qualquer sonho de grandeza.

[...]

Concordamos em que exigir nesta oportunidade, manifestação semelhante a que se tributou aos ídolos do futebol, seria tentar o impossível. O sentimento é espontâneo, jamais poderá ser dirigido. Todavia, os que sentem a importância do feito não devem guardar para si a satisfação do triunfo. Aos campeões mundiais de basquetebol, a única recompensa é o aplauso. Amadores que são, ninguém poderá premiá-los com casas, presentes e empregos. Eles não esperam o reconhecimento material, mas contam como certo o aplauso do público.

Este não faltará hoje, estamos seguros. O Rio saberá oferecer outra festa de legítimos campeões mundiais (CHIROL, 1959).

Identificamos que várias publicações diferenciam os títulos brasileiros em ambos os esportes em termos de prestígio (FESTIVAMENTE..., 1959, p. 1). Para vários cronistas, o título em Santiago era apenas uma repetição do "feito grandioso da Suécia" (BRASIL..., 1959c, p. 1), negando assim, qualquer ineditismo ao feito. Identificamos também o emprego do vocábulo "quase" em muitos dos textos no sentido comparativo entre as duas modalidades: "a conquista dos pupilos de Kanela vale quase o mesmo que aquela conquista em campos da Suécia pelos comandados de Belini" (RECEBERÃO..., 1959, p. 20). Algumas publicações empregaram vocabulário mais incisivo: "não se podia estabelecer sequer um mínimo de comparação com a apoteose que marcou em julho o regresso dos campeões mundiais de futebol" (VIBRAÇÃO..., 1959, p. 12).

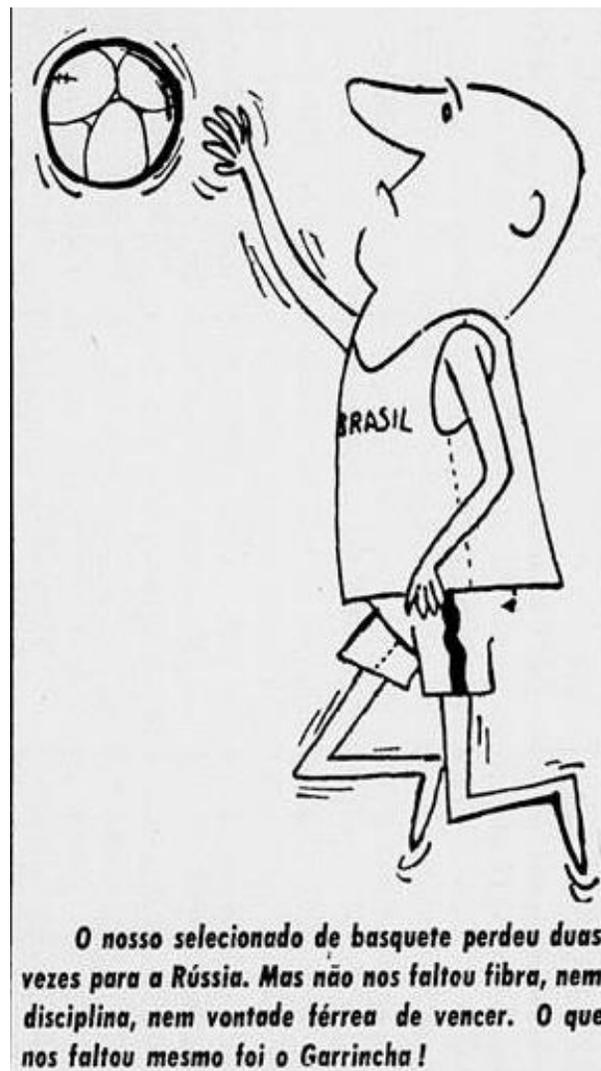
Foi possível identificar também como a mídia noticiava a participação de figuras ligadas ao futebol nas comemorações do bicampeonato de basquete. Feóla, técnico da

seleção brasileira de futebol, era sempre fotografado ao lado de Kanela. Ou ainda, a presença de representantes de clubes de futebol na recepção dos jogadores em 1959:

Campeões mundiais de basquetebol foram recebidos ontem pela torcida brasileira [...] Bastante concorrido o movimento [...] banda de música, bandeiras de diversos clubes [...] delegações uniformizadas [...].desfile de vitória pelas ruas da cidade [...] dirigentes do futebol compareceram [...] carro de bombeiros, como os futebolistas (CAMPEÕES..., p. 1, 1959).

Outro exemplo interessante foi quando, ao noticiar a segunda derrota do Brasil para a Rússia no Mundial do Chile, Max Nunes Brandão, do Diário da Noite, resgatou a figura de um herói do futebol capaz de “solucionar” os problemas da equipe de basquete (BRANDÃO, 1959, p. 8):

Figura 10 - A Solução para a Equipe Brasileira



Fonte: BRANDÃO, 1959, p. 8

As comparações também adentraram o jogo em si, colocando de um lado um esporte já conhecido pelo povo, o futebol, como referência, e do outro, uma novidade, com suas particularidades pouco conhecidas pelos leitores:

O basquete é um esporte difícil de ser praticado, pois, ao contrário do futebol, a bola é muito grande e o "goal" muito pequeno. Ainda mais, não há arqueiro, e por isto, os escores são alarmantemente piores do que os de peladas de ruas ou do campeonato húngaro. Sempre fomos contra aquela história que jogador que fizer mais de cinco faltas tem de sair de campo. Esta regra no futebol seria de lascar, pois as equipes acabariam jogando só com os 'bandeirinhas' (CAÇADOR, 1959a, p.10).

Foi possível identificar alguns jornais e revistas que reconheceram que o basquetebol merecia "mais respeito", por ser até "mais vitorioso" que o próprio futebol. O jornal Folha de Ituiutaba, por exemplo, mostrou sua indignação por não ter visto no céu das cidades fogos de artifício após a final em Santiago: "injustiça não ter fogos em Uberaba [...] já que quando o Vasco foi campeão teve [...] mas o povo vai aprender a gostar do basquete" (BRASIL..., 1959b, p. 3). O jornal Luta Democrática compartilhou dessa opinião, noticiando os méritos do basquetebol e a esperança de que este fosse melhor tratado pela crônica esportiva:

Por ser mais vitorioso do que o futebol [ilegível] e ser dos esportes cultivados no Brasil, aquele que maiores glórias trouxe do exterior, em feitos memoráveis [ilegível] Sua qualidade e técnica comentadas no mundo inteiro [ilegível] o futebol, que sempre "aborrecia" que arrancou o primeiro grande galardão mundial [ilegível] Mas a justiça das coisas não abandona os homens de fé e nem meio ano era passado da grande vitória futebolística brasileira na Suécia, e a rapaziada trouxe o troféu de campeão mundial (REBELO, 1959, p. 13).

Através do basquetebol os desportos brasileiros vêm, mais uma vez obter o centro máximo do mundo [...] Esses rapazes, hoje estarão de volta à pátria, merecem os aplausos e a admiração de todos os desportistas. Foram valentes, técnicos, e sobretudo, disciplinados. Souberam, a exemplo dos seus colegas do futebol, elevar bem alto prestígio dos nossos desportos no cenário internacional. A recepção não foi a mesma [ilegível] mas nada disso é importante [ilegível] são campeões do mundo [ilegível] é até possível que a vitória concorra para a popularidade do basquete, que após ela as nossas quadras se encham de espectadores, e então a crônica esportiva cuide dele com o mesmo berreiro que cuida do futebol (CHEGAM..., 1959, p. 7).

Os jogadores brasileiros tinham plena consciência do debate que ocorria nos jornais. Algodão, por exemplo, diria:

O futebol do Brasil já era o primeiro do mundo. Agora o nosso basquetebol também é o primeiro do mundo. Em menos de dez meses o Brasil caminhou para frente e está se aperfeiçoando tanto nos domínios esportivos, como noutros domínios (CHEGAM..., 1959, p. 7).

Amaury, também ciente do noticiário, demonstrou interesse em se candidatar para vereador da cidade de São Paulo. Um jornal publicou sua proposta para o esporte:

O futebol é o cemitério dos esportes amadores no país [...] jovens encontram nos altos salários a motivação da carreira [...] o basquete ultrapassa o futebol em emoções para seus apreciadores [...] é mais atlético, mais vibrante, oferece maiores alternativas e seus praticantes de alto porte são mais vistosos [...] o sucesso internacional do basquete brasileiro é um fenômeno [...] se não houver providências, assim que se retirarem das quadras os atuais campeões, nosso basquete afundará [...] a onda de entusiasmos do bicampeonato não está sendo aproveitada para o incentivo ao basquete [...] logo esfriará [...] o basquete só terá base popular, será um esporte das massas, se for ensinado nos colégios. Fora daí, não há esperança (CABRAL; MOTA, 1963, p.19).

Mas foi em duas temáticas diferentes que as matérias que polarizavam o basquetebol e o futebol se sobressaíram no corpo documental aqui interrogado. A primeira se trata da superação das dores do futebol através do basquetebol. A segunda, o aumento da preferência pelo basquetebol em detrimento ao futebol.

5.1. A Redenção Através do Basquetebol

Muito já foi escrito sobre o “trauma” popular experimentado pelos brasileiros após as derrotas do futebol na Copa do Mundo de 1950 e o quarto lugar no Campeonato Sul-Americano de 1963³. Como podemos evidenciar, a vitória em casa no IV Mundial de Basquetebol foi descrito pela mídia como uma redenção:

O Brasil pagou ontem à torcida uma dívida contraída desde a copa do mundo de 1950 no Maracanã, quando o futebol perdeu o título para o Uruguai. O basquete deu ontem essa alegria que estava sufocada na garganta do povo, fazendo milhares de torcedores agitarem lenços brancos e cantarem ‘está chegando a hora’, enquanto as serpentinas cruzavam em todas as direções, atiradas para a quadra, mesmo antes de terminar o jogo. A cena mais emocionante estava reservada para o momento em que jogadores, torcedores e dirigentes entoaram o hino nacional em coro [...] justamente numa hora em que a torcida andava triste com o seu futebol de tantas glórias e agora bate palmas para uma nova força que se afirma (VIEMOS..., 1959, p. 20).

³ Em adição, a temática da vergonha é bastante abordada em estudos que abordam a identidade nacional através do esporte na mídia impressa. Como exemplo, o trabalho de Laine (2006) interroga as identidades presentes nos jornais finlandeses acerca de um caso específico de doping de esquiadores. Laine afirma que os discursos centrados no tema da vergonha são profundamente enraizados na cultura finlandesa e sua vida social, assim como é demonstrado nas ocasiões das derrotas futebolísticas brasileiras. O autor advoga, e o mesmo pode ser dito no caso brasileiro, que o contexto do doping não se atrelava apenas ao esporte, mas a sociedade como um todo em todas suas esferas trazendo assim exemplos de como os discursos de identidade nacional são interligados com a memória e emoções coletivas.

Muitos cronistas enxergavam o sucesso do basquetebol como a chance de “apagar as tristezas do futebol” (ENQUANTO..., 1959, p. 10), contrapondo a alegria do bicampeonato com as tristezas das derrotas do futebol:

Brasil Bícampeão mundial de basquete - Enquanto uns decepcionaram, estes empolgaram.

O bicampeonato de bola ao cesto representou também um desafogo na alma do torcedor acabrunhado com os vexames da seleção de futebol. Tudo se esqueceu, e até Pelé foi esquecido para se falar somente em Amauri, uma espécie física de Itálo Rossi bem fermentado cuja calva reluzente aos refletores do Maracanãzinho recebia tratamento carinhoso das senhoras elegantes:

-Ah! Meu carequinha!

A euforia era presença permanente em todos os comentários. O uísque correu em abundância, quem nunca bebeu, cambaleou, e as notas de despesas atingiram níveis elevadíssimos [ilegível] Show de Maísa [ilegível] mulheres gritando ‘Cesta de Amauriiii!’ (JOSÉ, H. 1963a, s/p).

Além de remediar traumas de eventos passados, alguns cronistas enxergavam no basquetebol uma solução para os problemas do futebol, presentes e futuros:

Se o basquete é a evolução pela adoção de fundamentos, que se aliou a improvisação e velocidade não só mental como física dos brasileiros, o nosso futebol, e falo pelo nosso Paraná, poderia também alcançar um estado evolutivo, se tivesse orientadores que se baseassem mais no tratamento individual do jogador (AGUARDA..., 1959, p. 3).

Nelson Rodrigues foi um dos cronistas protagonistas dessa temática. Identificamos como o cronista trata a transição emotiva do futebol para o basquetebol, uma característica recorrente em suas crônicas, através da transformação de uma suposta humilhação fatalista de toda a população brasileira frente aos fracassos do futebol à felicidade:

5- O maracanãzinho reviveu Marne, reviveu Verdun. Os jogadores brasileiros se beijavam como os generais franceses. E o nosso triunfo não deixava de ser um pouco Marne, um pouco Verdun. De mais a mais, a recente vergonha do "scratch" valorizou e dramatizou o feito de anteontem. De Morumbi a Milão, fomos setenta e cinco milhões de humilhados e ofendidos. E a vitória do basquete veio lavar, redimir a feia chaga aberta pelo futebol.

Amigos, o bi mundial tapou todas as chagas da seleção. E ai de nós se o Brasil não tivesse derrotado, anteontem, a fabulosa equipe americana. O futebol desiludira cruelmente setenta e cinco milhões de brasileiros. Cada um de nós andava, pelas esquinas e pelos botecos, exalando o gemido de sua humilhação. A derrota de bruxelas cavara, na alma de todo um povo, uma ferida hedionda. Baixará, em todos nós, a inconsolável, a funda nostalgia da vitória (RODRIGUES, 1963a, p. 3).

5- E jamais uma grande vitória chegou tanto no momento exato. Cada um de nós andava, pelas esquinas e pelos botecos, chorando [ilegível]. 75 milhões de brasileiros sofreram o fracasso como uma humilhação direta e pessoal. E, súbito, vem a turma do basquete. Eram cinco patriotas e varreram a quadra como centauros deslumbrantes. Eu disse ‘centauro’ e já troco de imagem. Em verdade,

na hora da cesta, os nossos jogadores se faziam plásticos, elásticos, diáfavos, como sílfides (RODRIGUES, 1963, p. 19).

5.2. O Basquetebol Ocupando o Lugar do Futebol

Parece-nos natural que a crônica esportiva caminhasse do “curar as chagas do futebol” para um discurso mais abertamente conflituoso. Identificamos que muitas publicações apontaram para o fato de que a preferência pelo basquetebol estava aumentando na população brasileira:

Depois que o Brasil conquistou o bicampeonato mundial de basquetebol, muitos gramados de futebol se transformaram em quadras, de noite para o dia, com a troca da cesta pela rede e com a ameaça, distante, mas perigosa, de uma derrotar a outra, na preferência do povo [ilegível] A mania do basquete começou entre as calças curtas, passou pelos adultos e agora chega aos paralíticos, que adaptaram as regras do jogo às suas condições físicas, mas jogam como se fossem pessoas normais (DENTRO... 1963, v. 367).

Pelada agora é com basquete:

Pelo menos durante alguns dias, os garotos das ruas e das praias do Rio ao invés de jogarem bola com o pé, estão jogando com a mão. Esse é o reflexo de dois acontecimentos esportivos. O primeiro é a desmoralização do futebol, com as derrotas internacionais do futebol brasileiro. O segundo é o prestígio alcançado pelo basquetebol com a façanha dos campeões do mundo. A grande dificuldade das peladas de basquetebol é a falta de cesta, sendo que estão substituindo pelas placas que indicam os nomes das ruas (THORMES..., 1963, p. 11).

Nelson Rodrigues noticiou, com seu exagero típico, que o Brasil estava transferindo do futebol para o basquetebol todo seu potencial de paixão e de sonho:

Amigos, não sei se o povo está admirando, convenientemente, a deslumbrante vitória sobre a Iugoslávia. De repente, o nosso potencial de paixão transfere-se do futebol para o basquete. Dir-se-ia que a seleção virou passado, virou memória. 58 a 62 já parece tão remotos, [ilegível] como a primeira audição do "Danúbio Azul" ou como a estréia de Mata-Hari. No momento, é a turma da bola ao cesto que está sentada na alma nacional (RODRIGUES, 1963, p. 19).

Otelo também expressou sentimentos semelhantes, dizendo que o futebol não interessava mais, que quem estava por cima era o basquetebol e que a CBB deveria proibir o possível oportunismo dos craques de futebol que começassem a praticar o esporte (CAÇADOR, O. 1963b). Sua afirmação era ilustrada por uma caricatura do jogador de futebol Dida que dizia que, a qualquer momento, poderia mudar de esporte:

Figura 11 - Dida, Jogador de Futebol do Flamengo em 1963



*Dida está na Europa com o Flamengo. Mas a qualquer momento Dida poderá ser transformado em jogador de basquete.

Fonte: CAÇADOR, 1963b, p. 8

Destacamos também nessa temática as crônicas de Armando Nogueira⁴. Em seus textos, percebemos de maneira cômica e exagerada que muitos não estavam confortáveis com esse novo cenário. Nessa narrativa, a menção à luta e a fabricação de uma intriga deixa claro o espaço de conflito configurado entre o basquetebol e o futebol quanto à preferência popular:

Uma intriga

Nós que não pretendemos aceitar, sem luta, a vitória do basquetebol sobre o futebol na preferência do brasileiro, podemos transcrever, logo, uma sutil intriga para incompatibilizar o basquete, contando aos adolescentes que há uma séria teoria psicanalítica segundo a qual o ato de segurar a bola com a mão, no goleiro como nos praticantes de outros esportes em que é permitida a condução da bola com as mãos, o ato de agarrar a bola com a mão encerraria um gesto típico do ser que ainda não superou o ciclo edipiano (NOGUEIRA, 1963, p. 27)

⁴ Optamos pelo uso da citação longa para as crônicas de Armando Nogueira, tendo em vista a preservação do sentido estético literário da obra, que atribuí para a percepção do uso de exageros e ironias, típico da escrita do autor.

Olhemos um segundo exemplo, onde o cronista faz menção a teorias psicanalíticas que possuem como pano de fundo a noção de que o futebol é o jogo brasileiro, pois é praticado com os pés:

R. W. Pickford, segundo escreve F. JJ Buytendikj no livro Futebol, é de opinião que a preferência dispensada à bola, no rugby (por analogia, ao basquete), e no futebol repousa sobre uma diferença inconsciente na maneira de viver a bola. No rugby (esporte no qual se trabalha a bola com as mãos), a bola vem a ser simbolicamente um objeto amável, de tal maneira amável e delicado que cada jogador não resiste a tentação de acarícia-la como se se tratasse de um bem precioso. Numa linguagem psicanalítica, a bola seria, para o jogador de rugby, entusiasta, o símbolo de imagens maternas, objetos de amor e, para o jogador de futebol, um símbolo de força e do poderio paternal

[...]

Trocando em miúdos, embora talvez sem convencer, o psicanalista está querendo dizer que jogo para homem, no duro, no duro, é o futebol (NOGUEIRA, 1963, p. 27).

No decorrer da crônica, Armando Nogueira traça insinuações sutis quanto ao caráter masculino do futebol, um jogo para homens, diferente do basquetebol e do rúgbi, por exemplo. O caráter masculino é tido para o cronista como um trunfo do futebol. O autor confessa que alguns fãs do basquetebol o enviaram cartas reclamando do conteúdo de sua crônica, o que levou a se retratar e a pedir desculpas aos leitores (NOGUEIRA, 1963c, p. 13). Essa dinâmica de publicação e posterior retratação da crônica, após demanda popular, exemplifica o papel de jornal como espaço de disputa identitária.

Outra frente de conflito exposta por Armando Nogueira foi a relação entre o basquetebol e o público infantil e a importância de se começar uma campanha contra o basquetebol, que ameaça a supremacia do futebol entre os garotos do Rio de Janeiro:

Na pracinha do bairro Peixoto, os garotos penduraram uma cesta no poste e passam o dia jogando peladas de basquete; na rua em que mora Yilen Kerr, em Ipanema, há também uma quadra improvisada com um círculo a título de cesta, pendurada no muro (NOGUEIRA, 1963d, p.13).

Fogo de palha ou não, o fato é que o basquetebol está minando o entusiasmo futebolístico dos meninos por aí: foi inaugurada, ontem, uma tabela de basquete no meio da pracinha Eugenio Jardim. Aliás, uma obra primária, rústica e, por isso mesmo, comovedora, como iniciativa de garotos. Consta de uma tabela em tabúas azuis, apoiada sobre precária base de madeira e uma cesta muito humilde, pendurada ao centro da tabela (NOGUEIRA, 1963, p. 15).

Conta-me Borjalo que existe em São Paulo, no bairro da Bela Vista, um terreno baldio onde os meninos jogam uma pelada tradicional. O terreno pertence a uma senhora rica e generosa que, um dia, há dois anos, deferiu um humilde abaixo assinado em que os garotos da vizinhança, pediam licença para jogar ali o seu futebol diário. A proprietária fez, contudo, uma exigência: só podiam utilizar na pelada bolas de meia que são levezinhas e não oferecem perigo às vidraças do casario em volta.

Pois bem meus amigos: na semana passada, a dona do terreno recebeu um novo memorial assinado pelos mesmos garotos da pelada tradicional. Comunicavam que, por unanimidade, tinham decidido trocar de esporte, e por isso, pediam à senhora que autorizasse a transformação do campinho de futebol em quadra de basquetebol.

Infelizmente, o pedido foi deferido (NOGUEIRA, 1963, p. 27).

Armando só se entregou quando percebeu que em sua própria casa, o basquetebol tinha adentrado. Comicamente, fez até menção em mudar o famoso nome da sua coluna para um que remetesse ao basquetebol.

E a febre anda por aí: no clube que frequento, o meu filho e os filhos dos meus amigos ficam o dia, agora, a enfiar bolas de futebol em cestas imaginárias. Aqui em casa, o meu promissor ponta-esquerda nunca mais chutou uma bola: passa horas a fio encestando uma bolinha de pingue-pongue no jarro de flores. No bar da Lagoa, domingo de madrugada, em todas as mesas, todas as conversas eram marcadas pelo gesto empolgante de Amauri ou Rosa Branca saltando para a cesta.

Até os garçons do restaurante tinham um encanto novo no gesto de conduzir por entre as mesas as bandejas de chope.

Por via das dúvidas, vou mandar pedir ao meu amigo Gerson Sabbino uma cartilha de basquetebol para fazer o meu aprendizado. Troco rápido o título da coluna: três segundos no garrafão (NOGUEIRA, 1963b, p. 13).

Com o exposto, concluímos que os conflitos identitários presentes na mídia impressa, em relação ao basquetebol e futebol, foram muito recorrentes no período analisado. Como era de se esperar, os responsáveis por esses conflitos nos jornais e revistas optaram por papéis claros, defendendo a ascensão do basquetebol ou defendendo a soberania já existente do futebol. Não procuramos nessa análise, identificar ganhadores e perdedores neste conflito, mas demonstrar como essa trama é tecida na mídia impressa através de discursos carregados de elementos culturais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma leitura que fugiu do eurocentrismo comum aos estudos do nacionalismo, Benedict Anderson desenvolveu uma proposta de entendimento para a nação que produziu diálogos que romperam com a hierarquia acadêmica presente nos estudos sobre identidade nacional e nacionalismo.

Seu entendimento do nacionalismo como um artefato eminentemente cultural e modular que se forma através da homogeneidade da língua impressa, permite-nos entender a relação de identidade nacional com vários terrenos nacionais, sendo que o esporte pode ser catalisador dessa mobilidade, mesclando-se a outros discursos e manifestações culturais, políticas e ideológicas.

Anderson nos permite lembrar que o nacionalismo é um fenômeno novo e que qualquer pretensão de se inventar um tempo antigo natural para qualquer nação é equivocada. Ao invés disso, Anderson propõe a nação como uma ideia oriunda de complexas interações entre Estado e várias instituições que questionam como o pertencimento é sentido e percebido pelos sujeitos de uma coletividade, e como isso afeta suas vidas. O autor compreende a identidade nacional como produto das interações culturais de uma sociedade. Por isso, em nossa dissertação, adotamos seu conceito de identidade nacional atrelado à *imaginação* e à *simultaneidade* da vida cotidiana; dos gestos e hábitos que se replicam por toda a nação, dos quais cada indivíduo tem noção – imagina – que ocorra, através da sua interação com a mídia impressa. Ao inferirmos o modelo de análise de Benedict Anderson, essa dissertação teve como objetivo geral compreender a representação de uma identidade nacional como uma comunidade imaginada envolta por outras identidades políticas e raciais presentes na prática esportiva, com centralidade na cobertura da seleção masculina de basquetebol por parte da imprensa.

Através da interpretação da sua obra, conseguimos reconhecer em nosso material empírico elementos de brasilidade criados culturalmente, sendo essa a principal característica da visão construtivista e funcionalista Andersiana. Ao enfrentar este problema de pesquisa, interrogamos as fontes em seus discursos

e representações, buscando compreender, especificamente, as inter-relações entre esporte e imprensa, questionando, no tocante a identidade nacional, os discursos da mídia impressa brasileira a respeito dos resultados da seleção brasileira masculina de basquetebol, campeã mundial nos anos de 1959 e 1963. A partir de uma análise interpretativa que problematizasse tais representações e vislumbresse uma aproximação com o cotidiano daqueles espaços e tempos, compreendemos em que nível as narrativas esportivas que, apropriadas pelo Estado, governo e população, contribuíram para a constituição de uma identidade nacional através da homogeneização da cultura.

Evidenciamos como a mídia impressa narrou em suas páginas, jogadores em quadras, de diversos países, de distintas nacionalidades, falantes de diferentes línguas, cada qual defendendo uma equipe com seus costumes e culturas que paulatinamente os permitiram se compreender como cidadãos defensores de uma nação, naquilo que Anderson nos apontou como a simultaneidade que dá força à constituição de determinada identidade imaginada.

Porém, na quadra, todos “falavam a mesma língua”, submetiam-se às mesmas regras com um único objetivo. Assim, o jogo de basquetebol se configuraria enquanto uma linguagem “falada” e compreendida por todos, que simultaneamente os uniam e os separavam, permitindo que cada jogador se sentisse parte integrante de um “mundo” no qual se reconheciam através do esporte. Os jogos, cronometrados, desempenhados em tempo de calendário por atores que não se conhecem, que tiveram suas ações noticiadas e lidas por milhões de brasileiros, criando em suas mentes a imaginação de um Brasil extenso e comunitário:

Não poderia causar satisfação maior aos sessenta milhões de brasileiros que se espalham do Iapoque ao Chuí e das nascentes do Javari à Ponte das Pedras a vitória do selecionado no certame do Brasil do Chile [...] ainda que com duas derrotas honrosas (BRASIL..., 1959, p. 1).

Como exposto em algumas crônicas, inter-relacionada com identidades políticas e raciais, a identidade nacional é imaginada no campo esportivo, no caso no basquetebol nacional, quando promove o reconhecimento do brasileiro

enquanto parte de uma nação que se coloca frente às demais através do esporte, mas também na defesa de uma forma específica, culturalmente própria de estética do jogo. Podemos interpretar que é nesse sentido que nossas fontes criam um discurso de cunho imagético a partir do esporte. Isto é, uma noção de identidade nacional a partir de líderes específicos, jogadores eleitos como aqueles que mostrariam ao mundo as características do brasileiro – e de mesmo modo, serviriam de modelo para todo o povo. Um modelo imaginado como mais criativo, aguerrido, vitorioso, o qual a superação não se deixa abater mesmo que, já de início, saiba-se que as dificuldades a serem encontradas, decerto, tornariam a jornada praticamente impossível.

Nas fontes, o esperado “confronto” entre basquetebol e futebol, uma dada busca em estabelecer este ou aquele enquanto paixão nacional ou identidade-símbolo próprio de nossa gente, parte integrante de nossa cultura, se confirmou. Em alguns momentos foi possível perceber nos jornais e revistas, discursos afirmando a necessidade de voltarmos à prática do futebol ou abandoná-lo de vez e valorizarmos as glórias do basquetebol nacional, verdadeiro expoente de nossa cultura. O que identificamos foi a “chaga ainda aberta” com a derrota da equipe nacional na Copa do Mundo de futebol em 1950, que em diversas crônicas, matérias e editoriais era tratada como algo a ser superado e que era no basquetebol que o país mostraria ao mundo seu valor. Valor este que, talvez possamos afirmar, por não ser possível de se realizar política ou economicamente, dado o papel fundamental da mídia, seria efetivamente realizado pelo esporte, fosse ele o futebol, o basquetebol ou qualquer outro que se projetasse mundialmente, permitindo ao brasileiro se imaginar parte integrante de uma comunidade mundial, e assim, perante aos demais povos e nações reivindicar sua relevância, demonstrando ser “o melhor de todos” em pelo menos uma determinada prática, o campeão em um esporte mundialmente praticado:

O basquete está dando uma grande demonstração da importância de uma representação brasileira.

Houve um tempo, já passado, em que se procurava pôr em dúvida o caráter representativo das seleções que defendiam o nome do Brasil. O Brasil não estava em jogo pois se tratava apenas de uma competição esportiva. Era uma maneira de negar o esporte, de relegá-lo a uma posição inferior.

Eis uma tese que ninguém mais ousa defender. Não há melhor índice de saúde um povo, física e moral, do que o esporte.

O brasileiro adquiriu plêna consciência disso. Por isso se identifica totalmente com uma seleção brasileira. Sabe q ela vai mostrá-lo. E como vai mostrá-lo ao mundo o torce para que o mostre bem, que o exiba de modo a exaltar o Brasil.

Daí a alegria e o orgulho despertados pelas vitórias da seleção brasileira de basquete no campeonato do mundo.

Cada um de nós se sente um pouco Amauri, Vitor, Rosa Branca, Sucar, Ubiratã. E somo sum pouco déles porque somos brasileiros.

Aquela energia, aquela garra, aquêle espírito de sacrifício, aquela dedicação, aquêle entusiasmo, aquela resistência, aquela vitalidade, são brasileiros porque de brasileiros.

Como em 58 e 62 o escrete brasileiro de futebol, a seleção de basquete reflete o que temos de melhor (FILHO, 1963b, p. 1).

Tudo isso, apesar de não natural à condição do brasileiro, converteu-se para o povo em reconhecimento como integrante de uma nação potência, mesmo que esportiva – que por si, já o permitiria se imaginar cidadão do mundo, detentor de uma identidade nacional própria e autêntica, única: Campeã do Mundo.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. A. **A Imprensa em transição**: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ALLISON, L. IN: COAKLEY, J; DUNNING, E (Eds.), **Handbook of sports studies**. London: Sage. 2000.

ANDERSON, B. **Immagined Communities**. London: Verso, 2006

ANTUNES, F. M. R. F. **Com brasileiros, não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. Editora Unesp: São Paulo, 2004.

BAIRNER, A. Political Unionism and Sporting Nationalism: An Examination of the Relationship Between Sport and National Identity Within the Ulster Unionist Tradition. **Identities: Global Studies in Culture and Power**, 10: 517-535. 2003.

BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa**. 1900 - 2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003

BILLINGS, A. C.; EASTMAN, S. T. Framing identities: Gender, ethnic, and national parity in network announcing of the 2002 Winter Olympics. **Journal of Communication**, 53: 569–586. 2003

BIROLI, F. Liberdade de imprensa: margens e definições para a democracia durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-60). **Revista Brasileira de História**. v. 24, n.n.47, p. 213-240, 2004.

BOUCHER, L. Public Emotions and their Personal Consequences: The Nationalizing Affects of the Australian Football League since 1990, **The International Journal of the History of Sport**, 2015, DOI:10.1080/09523367.2015.1044984

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: The University of Chicago, 1992.

CÂMARA, M. **Cachaça: prazer brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

CAPRARO, A. M. **Identidades Imaginada: futebol e nação na crônica esportiva brasileira**. 382p. Tese. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

CASCUDO, C. **Prelúdio da Cachaça**. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2006, p. 47

CENSO DEMOGRÁFICO de 1960. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: **Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 1960. Disponível em: <<http://memoria.org.br/pub/meb000000363/censodem1960rvol1t11/censodem1960rvol1t11.pdf>>. Acesso em: abr. 2017.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.

CINGIENE, V.; LASKIENE, S. A Revitalized Dream: Basketball and National Identity in Lithuania, **The International Journal of the History of Sport**, 2004, 21:5, 762-779, DOI: 10.1080/0952336042000262042

COAKLEY, J., DUNNING, E. **Handbook of Sport Studies**. Thousand Oaks: SAGE Publications Ltd. 2000

DREIFUSS, R. A. **1964: a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

FICHTE, J. G. **The Vocation of Man**. Cambridge: Hackett. 1987.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 50 ed. São Paulo, SP: Global, 2004.

GELLNER, E. **Culture, identity, and politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GRUNDY, P.; NELSON, M.; DYRESON, M. The Emergence of Basketball as an American National Pastime: From a Popular Participant Sport to a Spectacle of Nationhood, **The International Journal of the History of Sport**, 2014, 31:1-2, 134-155, DOI: 10.1080/09523367.2013.865016.

HAYWARD, J.; BARRY, B.; BROWN, A. **The British Study of Politics in the Twentieth Century**, Oxford University Press, 2003.

HERDER, J. G. **Ensaio sobre a origem da linguagem**. Lisboa: Antígona, 1987.

HOBSBAWM, E. J (org.); RANGER, T. O. (coorg.) **A invenção das tradições**. 6 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2008.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLT, R. Historians and the History of Sport, **Sport in History**, 34:1, 1-33, 2014, DOI: 10.1080/17460263.2013.851616

HOMENAGEM. **Gazeta Esportiva Ilustrada**, São Paulo, ano VI, p. 3, fev. 1959.

HUGHSON, J. 'The Postmodernist Always Rings Twice: Reflections on the "New" Cultural Turn in Sports History', **The International Journal of the History of Sport**, 30:1, 35-45, 2013, DOI: 10.1080/09523367.2012.740665

JAKSA, K. L. Sports and Collective Identity: The Effects of Athletics on National Unity. **SAIS Review of International Affairs**, v. 31, n. 1, p.39-41, 2011.

JIANG, Q. Celebrity Athletes, Soft Power and National Identity: Hong Kong Newspaper Coverage of the Olympic Champions of Beijing 2008 and London 2012, **Mass Communication and Society**, 2013, 16:6, 888-909, DOI: 10.1080/15205436.2013.789528.

JOHNES, M. What's the Point of Sports History? **The International Journal of the History of Sport**, 30:1, 102-108, 2013, DOI: 10.1080/09523367.2012.747196

LAINE, T. Shame on us: Shame, national identity and the Finnish doping scandal. **The International Journal of the History of Sport**, 23:1, 67-81, DOI: 10.1080/09523360500386450

MAPA do analfabetismo no Brasil. **Ministério da Educação**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2003. Disponível em:

<<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>>. Acesso em: abr. de 2017

MCDOWELL, M. L. Sports History: Outside of the Mainstream? A Response to Ward's 'Last Man Picked', **The International Journal of the History of Sport**, 30:1, 14-22, 2013, DOI: 10.1080/09523367.2012.725048

MELO, V. A.; HOLLANDA, B. B. B. . O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MILLER, D. **Citizenship and National Identity**. Stafford: Polity Press, 2000.

MOTTA, R. P. O golpe de 1964 e a ditadura nas pesquisas de opinião. **Revista Tempo**, v. 20, p. 1 – 21, 2014

MOTTA, S.; PATTO, R. 2002. **Em guarda contra o perigo vermelho : o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo : Perspectiva.

MOTYL, A. **Encyclopedia of Nationalism**. San Diego: Academic Press, 2001.

MOURA, C. **Sociologia do Negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

NICHOLSON, M.; SHERRY, E.; OSBORNE, A. Negotiating national identity through loss: Australian newspaper coverage of the 2010 FIFA World Cup, **Soccer & Society**, 2014, DOI: 10.1080/14660970.2014.980739.

NORA, P. Entre a memória e a história. **Projeto História**. nº 10, PUC, 1993.

NYE, J. **Soft Power: The Means To Success In World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

RIBEIRO, A. P. G. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n31, 2003, p. 147-160.

RIBEIRO, D. **O Povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Riordan, J. The Impact of Communism on Sport. **Historical Social Research**, 32: 110-115. 2007.

SMITH, A. D. **National identity**. Reno: University of Nevada Press, 1993.

VASCONCELOS, V. As vestes fictícias da história. **Rev. de Letras**, v. 1, n. 35, jan./jun. 2016

VIANNA, O. **Instituições políticas brasileiras**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

VIANNA, O. **Populações Meridionais do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

VINCENT, J.; HARRIS, J. 'They think it's all Dover!' Popular newspaper narratives and images about the English football team and (re)presentations of national identity during Euro 2012, **Soccer & Society**, 2014, 15:2, 222-240, DOI: 10.1080/14660970.2013.849188.

WARD, P. Last Man Picked. Do Mainstream Historians Need to Play with Sports Historians? **The International Journal of the History of Sport**, 30:1, 6-13, 2013, DOI: 10.1080/09523367.2012.726617

ZWEIG, S. **Brasil, País do Futuro**. São Paulo, L&PM, 2006

FONTES

"AVANT-PREMIERE" de carnaval no aeroporto de Congonhas. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 2, 4 fev. 1959.

"ALGODÃO virou selo". **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 12, 12 mar. 1959.

"CESTINHA" é professor. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 17, 6 jan. 1959.
1959 World Championship for Men. 2009. Disponível em:
<<http://www.fiba.com/pages/eng/fa/event/p/sid/2904/ /index.html>>. Acesso em:
01 de Nov. 2016.

85x81: VITÓRIA, FIBRA E KANELA. **Jornal Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 1, 27 maio 1963.

AFUNDOU navio que foi contra 'iceberg'. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, 2 de Fev. de 1959.

AGUARDA o brasil a chegada dos atletas campeões mundial de basquete masculino. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 1, 3 fev. 1959.

AMAURI (brasileiro) vai ser globetrotter. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 7, 27 jan. 1959.

AMAURI não poderá aceitar o convite. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 19, 12 de Fev. de 1959

AMAURI o cestinha. **Revista Gazeta Ilustrada**, ano X, n. 230, p. 46, Mai. de 1963

AMAURY e admiradores. **Jornal O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 1, 29 jan. 1959.

ANGELITA na Victor. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 6, 25 fev. 1959.

APESAR da superioridade dos Estados Unidos o Brasil tentará o impossível: conquistar mais esse título. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 11, jan. 1959.

APOTEOSE final. **Diário do Paraná**, Curitiba. p. 10-11, 29 de mai. de 1963

APOTEOSE na chegada dos campões do mundo. Verdadeiro Carnaval na recepção aos jogadores de basquetebol do Brasil - Rompido os cordões de isolamento – Desfile pelas ruas do Rio. **Jornal Paraná Esportivo**, Curitiba, p. 1, cad. 2, 4 fev. 1959

ARAÚJO, J. Um campeão de "araque". **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 3, cad. 2, 31 de Jan. de 1959

ARNO. Bola pra frente: A Rússia pede tempo no garrafão da. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 24, 24 de Jan. de 1959

AS DUAS faces do brasileiro. **Jornal Brasil Urgente**, São Paulo, p. 23, 2-8 jun. 1963.

BARBOSA, B. R. Amaury, o "pelé branco", e Wlamyr, o "cestinha", foram os maiores. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 15, 17 fev. 1959.

BARBOSA, B. R. As Duas Grandes Forças do III Mundial do Chile: Brasil: Basquetebol, Arte e Beleza. Rússia: Automatismo e Objetividade. **Jornal Última Hora**, São Paulo. p. 17b, 5 fev. 1959.

BARBOSA, B. R. Brasil repetiu além das cordilheiras, o grande feito das planícies escandinavas. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 11, 7 de fev. de 1959

BARBOSA, B. R. Bulgária e E.U.A.: tabus que o Brasil derrubou no III Mundial. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 17a, 9 fev. 1959.

BARBOSA, B. R. Depois de Uma Jornada das mais Brilhantes Conquistou o Brasil o Título de Campeão Mundial de Basquetebol! **Jornal Última Hora**, São Paulo, p. 25a, 2 fev. 1959.

BARBOSA, B. R. Kanela não desanima. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 16, 27 jan. 1959.

BARBOSA, B. R. Moralmente, Regressarão Campeões do Mundo. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 25b, 2 de Fev 1959

BARBOSA, B. R. Provável surpresa no "caso" Rússia – China. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 22, 28 jan. 1959.

BASQUETE do Brasil em chave duríssima. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 2, cad. 3, 11 jan. 1959.

BASQUETE. **Revista do Esporte**. Ano V, n. 219, 1963, p. 41.

BOLA PRA FRENTE. Kanela Visto Pels Chilenos. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 4 fev. 1959.

BRANDÃO, M. N. De cá pra Lá. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 8, cad. 2, 29 jan. 1959.

BRAS, J. F. de. Cariocas renderam homenagem aos novos campeões do mundo. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 17, 5 fev. 1959.

BRASIL (basquete) repetiu no chile feito grandioso da Suécia. **Paraná Esportivo**, Curitiba, p.1, cad. 2, 3 fev. 1959c.

BRASIL bi de basquete. **Jornal Última Hora**, Recife, p. 1-2, 26 maio 1963.

BRASIL bicampeão mundial de basquete. **Jornal Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 10, 2-27 maio 1963.

BRASIL bicampeão mundial de basquetebol. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, 26-27 maio 1963.

BRASIL bicampeão também no basquete. **Jornal Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 4, maio 1963.

BRASIL bicampeão também no basquete. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 14, 27 maio 1963.

BRASIL campeão mundial de basket-ball. **Jornal Pacotilha O Globo**, Maranhão, p. 3, 2 fev. 1959a.

BRASIL contra. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, cad. 2, 16 jan. 1959.

BRASIL em segundo nas faltas pessoais. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, Cad. 2, 5 fev. 1959a.

BRASIL está entre os favoritos no Campeonato Mundial de basquete. **Jornal Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 4, 16 jan. 1959a.

BRASIL está entre os favoritos no Campeonato Mundial de basquetebol. **Jornal do Comercio**, Manaus, p. 4, 16 jan. 1959b.

BRASIL sagrou-se em Santiago campeão mundial de basquete. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 1, 1 fev. 1959b.

BRASIL venceria a Rússia. **Jornal Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 12, 2 fev. 1959

BRASIL, campeão mundial de basquete. **Jornal Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 14, 7 fev. 1959.

BRUCE, F. 3 por dia. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 5, cad. 2, 22 jan. 1959.

- CABRAL, E. P.; MOTTA, M. Amauri Encesta na Política. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 19, 26 de Jul. de 1963b.
- CABRAL, E. P.; MOTTA, M. Amauri Encesta na Política. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 11, 26 de Jul. de 1963a.
- CAÇADOR, O. Edição maravilhosa. **Jornal O Globo**, p. 8, 3 de jun. de 1963a.
- CAÇADOR, O. Monumental exemplar do penalty. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 10, 06 fev. 1959a.
- CAÇADOR, O. Panorama internacional. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 03 jun. 1963b.
- CAÇADOR, O. Penalty. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 11, 29 maio 1963.
- CAÇADOR, O. Penalty. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 14, 5 fev. 1959.
- CAÇADOR, O. Edição Maravilhosa do Penalty. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 10, 2 fev. 1959b. Edição Esportiva.
- CAMARGO, C. Jatir tem um enredo próprio para a história do mundial! **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 17, 9 fev. 1959.
- CAMPEÕES de fato e de direito. Campeão Mundial e Cestinha do Certame. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 16, 4 fev. 1959
- CAMPEÕES mundiais chegaram triunfantes. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, 4 fev. 1959.
- CAMPEÕES mundiais de basquete compuseram marchinha para cantar durante o carnaval. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 2, cad. 2, 5 fev. 1959.
- CAMPOS, C. Beating the Bounds: The Tour de France and National Identity. **The International Journal of the History of Sport**, 2003, 20:2, 149-174, DOI: 10.1080/09523360412331305673.
- CHEGAM hoje os campeões do mundo. **Jornal Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 3 fev. 1959
- CHEGARÃO esta noite os novos campeões mundiais de basquete. **Jornal Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 3 fev. 1959.
- CHILE x Estados Unidos pelo mundial de basquete. **Jornal Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 29 jan.1959.

CHIROL, A. Festa de campeões. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, cad. 2, 03 fev. 1959.

COELHO, S. Parabéns, basquete. **Jornal Luta Democrática**, Rio de Janeiro. p. 8, 28 maio 1963.

COELHO, V. No grande círculo. **Diário do Paraná**, Curitiba, p. 16, cad. 2, 5 Maio 1963.

COELHO, V. No grande círculo. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 5, cad. 2, 25 maio 1963a.

COELHO, V. No grande círculo. **Jornal Diário do Paraná**. Curitiba, p. 5, cad. 2, 29 maio 1963b.

CONDENA o esporte a atitude da Rússia no Mundial de Basquete. **Jornal Diário de Notícias**, p. 1, 21 de Jan. de 1959

DÉCADA de progresso. **O estado de S. Paulo**, São Paulo, p. 24, 18 jan. 1959.

DENTRO da quadra todos são iguais. **Revista Alterosa**, Belo Horizonte, v. 367, 1963.

DESCONSIDERADA a crônica esportiva pela federação de basquete. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 16, 8 de Jan de 1959.

DEU certo também a "ditadura" do técnico do "five" nacional. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 3, cad. 2, 02 fev. 1959.

DIA 20 os campeões mundiais de basquetebol estarão em Brasília. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 16, 8 fev. 1959.

DISCIPLINA acima de tudo. **Jornal Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 2, cad. 2, 7 de Jan. de 1959

EDSON, campeão do mundo, explica porque saiu. **Revista do Esporte**, n. 2, p. 32, 21 mar. 1959.

EDSON, o maior. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 16 jan. 1959.
ENQUANTO uns decepcionaram...êstes empolgaram. **Jornal Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 10, 26-27 maio 1963.

ESPORTE Brasileiro Atinge o Apogeu com os Novos Campeões. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 1, 04 de Fev. de 1959

EVANDRO. Quase um Hábito. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 3 de Fev. de 1959.

FESTIVAMENTE recebido os campeões. **Jornal Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 1, 04 fev. 1959.

FILHO, M. A Grande Conquista. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 1, 27 de Mai. de 1963a.

FILHO, M. O Exemplo do Basquete. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 1, 25 de Mai. de 1963b

FÓRMULA para vencer o mundial: espírito de luta e forte moral. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 8, 13 jan. 1959.

GARCIA, V. Brasil Ganhou Mundial por ter-se redimido a tempo de erros do Pan. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 1, 29 maio 1963.

GOVERNADOR apoiará o Acabamento do Ginásio Tarumã. *Jornal Diário do Paraná*, p. 2, Cad. 2, 29 de Fev. de 1956

GRANDES atuações. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 10, 26-27 maio 1963.

GRAU 10 em comportamento. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 4, cad. 2, 13 fev. 1959.

GREGÓRIO, J. Um Mundo Só. **Jornal Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 4, 3 fev. 1959.

GUIDO Pertile recorda os episódios mais marcantes. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 2, cad. 2, 12 fev. 1959.

HIP HIP ... HURRA! BRASIL! **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 de Mai. de 1963, p. 10

HOMENAGEM da cerveja triunfo. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 2, 27 Maio 1963.

INICIA o Brasil a arrancada para o título. **Jornal Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 22 jan.1959.

JORNAL dos Sports. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 1, 26 de mai. de 1963.

JOSÉ, H. Alegria arranca a vitória. **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n 36, 15 jun. 1963a. Caderno especial.

JOSÉ, H. Amaury é o dono da quadra. **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 14-15, 8 jun. 1963.

JOSÉ, H. O Joguinho dos superdesenvolvidos. **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 36-39, 1 jun. 1963.

KRIGER, L. Está Sendo concluído o ginásio do Tarumã: uma vitória do esporte amador. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 17, 21 ago. 1960.

KRIGER, L. Trabalho para o tri deve ser encarado com o máximo de respeito e seriedade. **Diário do Paraná**, Curitiba, p. 5, cad. 2, 25 de Jun de 1963

KRIGGER. L. Histórias do Bi (II). Ambiente era Excelente e o Principal Problema era Entrar em Condições. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 11, 31 maio 1963a.

KRIGGER. L. Tópicos do Mundial. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 11, 29 maio 1963b.

LEME, P. A. Política é religião para os soviéticos. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 24, 22 de Jan. de 1959

LÚCIO, A. Jogando mais uma brilhante partida o Brasil venceu o Chile por 73 a 49, tornando-se campeão do mundo. Satisfação de Ambro Padilla. **Jornal O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 27, 01 fev. 1959.

LUZ, P. D. 1958, ano de ouro do esporte brasileiro. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 13, 7 jan. 1959.

MANSFIELD no Rio. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, 2 de Fev. de 1959.

MARTINS, M. Ameaça Crescente. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 26, 13 maio 1963.

MELCHISEDECH, A. C. da, Narcisismo da cultura esportiva russa: fraternidade deve ser lema no esporte. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 3, 17 fev. 1959a.

MELCHISEDECH, A. C. da. Política é religião para os soviéticos. **Jornal Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 3, segunda seção, 3 fev. 1959b.

MENDES, A. Onde cessam os elogios. **Jornal Folha de SP**, São Paulo, p. 11, cad. 1, 29 maio 1963.

MILIONÁRIO do basketball. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 1, 20 maio 1959.

MUNDIAL de Basquete Aberto com Vaías à C.B.D. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 4, 11 de Mai. de 1963

MUNDIAL de basquete teve até "torcida contra". **Jornal Brasil Urgente**, São Paulo, p. 23, 26 maio - 2 jun. 1963.

MUNDIAL foi altamente lucrativo ao Chile. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 16, 8 fev. 1959.

NASLAUSKY, M. Rússia ameaça parar mundial de basquete. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 21 jan. 1959.

NASLAWSKY, M. "Flashes do Mundial". **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 12 fev. 1959c.

NASLAWSKY, M. Brasil: Novo Campeão Mundial de Basquete. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, fev. 1959a.

NASLAWSKY, M. Dos 18 anos de rosa branca aos 34 de algodão, eis os campeões. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 4 fev. 1959b.

NASLAWSKY, M. Rússia e Bulgária, de Castigo, Foram para a Última Colocação. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 1 fev. 1959d

NERVOSISMO: principal responsável pela nova derrota dos brasileiros. **Jornal Última Hora**. Curitiba, p. 23, 26 de jan. de 1959.

NETO, V. O mundial de basquete. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 1, 8 fev. 1959.

NOGUEIRA, A. Na grande área. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 5 de jun. 1963. p.13, 1963d.

NOGUEIRA, A. Na grande área. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 13, 12 jul. 1963a.

NOGUEIRA, A. Na grande área. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 13, cad. 1, 28 maio 1963b.

NOGUEIRA, A. Na grande área. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 13, cad. 1, 29 maio 1963c.

NOGUEIRA, A. Na grande área. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 15, cad. 1, 11 maio 1963.

NOGUEIRA, A. Na grande área. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 27, 23 jun. 1963.

NOTÍCIAS do III mundial de basquetebol no Chile. **Jornal Diário de Notícias**, p. 12 26 de Jan de 1959

O BRASIL é o novo campeão mundial de bola-ao-cesto. **Gazeta Esportiva Ilustrada**, São Paulo, ano VI, p. 5, fev. 1959.

O BRASIL é o novo campeão mundial de bola-ao-cesto. **Gazeta Esportiva Ilustrada**, São Paulo, ano VI, p. 6, fev. 1959.

O BRASIL é o novo campeão mundial de bola-ao-cesto. **Gazeta Esportiva Ilustrada**, São Paulo, ano VI, p. 7, fev. 1959.

O BRASIL é o novo campeão mundial de bola-ao-cesto. **Gazeta Esportiva Ilustrada**, São Paulo, ano VI, p. 8, fev. 1959a.

O BRASIL encestou o mundial. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 27 maio. 1959b.

O BRASIL totalizou 830 pontos. **Jornal O Dia**, Curitiba, p. 12, 6 fev. 1959.

O CRUZEIRO. Revista O Cruzeiro, Rio de Janeiro, n 36, capa, 15 de jun. de 1963.

O MAIOR selecionado. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 7 jan. 1959.

O POVO precisa prestar aos campeões as homenagens a que eles fazem "jus". **Jornal Folha da Noite**, Rio de Janeiro, p. 11, 02 fev. 1959.

OS CAMPEÕES de basquetebol nem medalhas receberam. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 2 abr. 1959.

OSTENTA-SE no Chile: os árbitros derrotaram o Brasil contra a URSS. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 21, 20 jan. 1959.

OTÁVIO. Kanela. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 15, 29 jan. 1959.

OUTRA joia de qualidade imperecível: Brasil campeão do mundo de basketball. **Jornal Paraná Esportivo**, Curitiba, p. 1-2, cad. 2, 2 fev. 1959.

PAIVA, W. "Nós progredimos bem mas o problema é que os outros também progrediram." **Jornal Última Hora**, São Paulo, p. 16, 20 jan. 1959.

PAIVA, W. Angelim, agora "de camarote", com sua experiência, adverte. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 17, 15 jan. 1959.

PARA Kanela, a derrota valeu por um triunfo. **Jornal Última Hora**, São Paulo, p. 24, 26 jan. 1959.

PERON desapareceu da República Dominicana. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, 2 de Fev. de 1959.

PORQUE perdemos 2 para a Rússia. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 14 fev. 1959.

PREPARATIVOS para as eliminatórias. **Jornal Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 15 jan. 1959.

PRESIDENTE discursou perante o Ministério. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, 2 de Fev. de 1959.

PRETA, S. P. (Sérgio Marcus Rangel Porto). Mais uma Cesta do Brasil. **Jornal Última Hora**, Recife. p. 6, 4 jun. 1963.

PREVISTAS importantes modificações nas regras de basquetebol em 1960. **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba, p. 12, 31 jan. 1959.

REBELO, M. Conversa do Dia. Campeões do Mundo. **Jornal Última Hora**, São Paulo, p. 13, 6 fev. 1959.

RECEBERÃO de braços abertos os novos campeões do mundo. **Jornal Última Hora**, Curitiba, p. 20, 3 fev. 1959.

RECEPÇÃO apoteótica aos campeões do mundo. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 6, 04 fev. 1959.

RECEPCIONADOS os campeões mundiais de basquete. **Folha Mineira**, Belo Horizonte, p. 1, 4 fev. 1959.

REGO, V. C. Campeão mundial o Brasil por direito e por justiça. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, p. 27, 1 fev. 1959.

REGRESSAM os campeões do mundo. **Jornal Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 1, 3 fev. 1959.

ROCHA, H. F. Campeões regressam hoje. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 03 fev. 1959b.

ROCHA, H. F. Campeões regressam hoje. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 6, cad. 2, 03 fev. 1959.

ROCHA, H. F. Desde outubro de 58 Rússia sabia da presença da China. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1-2, cad. 2, 05 fev. 1959

ROCHA, H. F. Técnica e fibra. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, cad. 2, 01 fev. 1959

ROCHA, H. F. Técnica e fibra. Razões do Grande Feito. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 01 fev. 1959a

ROCHA, H. F. Temuco foi Estágio para Consagração Mundial. *Jornal Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 13 de Fev. de 1959c

RODRIGUES, N. A batalha. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 3, 25 maio 1963a.

RODRIGUES, N. À sombra das chuteiras imortais. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 15, 23 Maio 1963.

RODRIGUES, N. Futebol é paixão. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p.10, 31 maio 1963b.

RODRIGUES, N. Futebol é paixão. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 19, 22 maio 1963.

RODRIGUES, N. Meu personagem da semana. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 3, 27 maio 1963b. Edição Esportiva.

RODRIGUES, N. O Tapa Cívico. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 10, 25 de Mai. de 1963^a

RODRIGUES, N. Pelas Chagas do Escrete. *Jornal dos Sports*, p. 5, 26 de Mai. de 1963

RUBENS. F. A história simples do técnico que deu mais um título mundial ao Brasil. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 13, 6 fev. 1959.

RÚSSIA declara-se campeã mundial de basquetebol. *Jornal do Commercio*, Manaus, p. 4, 14 de Fev. de 1959

SALVE, Bicampeões Mundiais de Basquete. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 4, 26 de Mai. de 1963

SEGUIRAM animados os ases do Brasil. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 16, 7 jan. 1959.

SELEÇÃO em grande forma. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 6 jan. 1959.

SERRAM, R. Depois do futebol, o basquete é nosso. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 10, 6 maio 1963.

SOLENIDADES de abertura. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, cad. 2, 22 jan. 1959.

SWANN, C. Reportagem Social. **Jornal O Globo**, p. 4, 27 de Mai. de 1963

TAMBÉM no basquetebol a taça é nossa. **Revista do Esporte**. ano 1, n. 1, p. 37, 14 mar. 1959.

TEMÍVEL o selecionado brasileiro. **Jornal Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 7, 14 jan. 1959.

THORMES, J. Pelada agora é com basquete. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 11, 27 maio 1963.

TUDO é questão de hábito. **Jornal O globo**, Rio de Janeiro, p. 12, 04 fev. 1959.

VIBRAÇÃO na cidade com a chegada dos craques nacionais. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 12, 4 fev. 1959.

VIDAL, G. Bola na Cesta. **Jornal Paraná Esportivo**, Curitiba, p. 12, 5 de Fev. de 1959

VIEMOS jogar cestobol e não discutir política. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 20, 30 jan. 1959.

VITÓRIA de todos os técnicos afirmou Kanela no triunfal regresso. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, cad. 2, 04 fev. 1959.

VLAMIR considerado o mais brilhante jogador do III Mundial de basquetebol. **Jornal Folha da noite**, Rio de Janeiro, p.11, 02 fev. 1959.

WLAMIR considerado o melhor de todos. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 03 fev. 1959.

WLAMIR em triunfo. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, 04 fev. 1959

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

73X49 A CONSAGRAÇÃO FRENTE AOS CHILENOS. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 2, 3 de fev. de 1959

A DERROTA PARA A RUSSA FOI INJUSTA. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 12, 5 de fev. de 1959

AMAURI FOI O CESTINHA. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 24, 26 e 27 de mai. de 1963

AMAURI, campeão mundial, fala de outro campeão. **Revista do Esporte**, ano 1, n. 328, p. 34-35, Mar. de 1959.

APOTEOSE na chegada. **Jornal Paraná Esportivo**, Curitiba, p. 3, cad. 2, 4 fev. 1959.

ATENÇÃO DESPORTISTAS! **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 17, 26 de mai. de 1963

BARBOSA, B. R. Amauri Elogia os Soviéticos mas Explica a Derrota: Os Russos Jogaram Muito, mas nós é que Perdemos a Partida. **Jornal Última Hora**, São Paulo. p. 19, 27 de jan. de 1959.

BARRETO, T. V. Gilberto Freyre e o Futebol Arte. **Revista USP**, São Paulo, n.62, p. 233-238, junho/agosto 2004

BELLOS, A. **Futebol. O Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BENJAMIN, W. **Sobre o Conceito de História**, em Obras Escolhidas, Brasiliense, 1985.

BICAMPEÕES estiveram ausente do almoço. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro. p. 10, 28 maio 1963.

BICAMPEÕES vão a Brasília almoçar hoje com Goulart. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro. p. 10, 29 de mai. de 1963.

BILLINGS, A. C.; BUTTERWORTH, M. L.; TURMAN, P. D. **Communication and Sport: Surveying the Field**. Thousand Oaks: SAGE. 2014

BRASIL bicampeão mundial. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro. p. 1, 26-27 de mai. de 1963

BRASIL informa. **Jornal Última Hora**, Recife. p. 4, 28 de mai. de 1963

BRASIL sagrou-se campeão mundial de basquetebol. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 1, 26 de mai. de 1963

BRASIL venceu EUA e é bicampeão mundial. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 1, 26 e 27 de mai. de 1963

BRASIL venceu EUA por 85 a 81 mantendo superioridade mundial. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 24, 26 e 27 de mai. de 1963

BRASILEIROS beijaram madrinha e dançaram "está chegando a hora." **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 24, 26 e 27 maio 1963.

BRASÍLIA, urgente. **Jornal Brasil, Urgente**. São Paulo, p. 20, 26 de mai. - 2 de jun. de 1963

CALOROSA recepção aos campeões mundiais de basquete. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 2, 5 de fev. de 1959

CAMPEÕES do mundo abraçaram-se em Congonhas. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 14, 7 de fev. de 1959

CAMPEÕES mundiais de basquetebol foram recebidos ontem pela torcida brasileira. **Jornal Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 12, 5 fev. 1959.

CAMPEÕES mundiais recebidos pelo presidente JK. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 14, 7 de fev. de 1959

CAPRARO, A. M. Do foot-ball ao futebol. **Nossa História** (São Paulo), v. 3, p. 50-53, 2006.

CBB colocará placa e foto dos bicampeões mundiais no maracanã. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 29, 7 jul. 1963.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHEGARÃO amanhã os heróis do Santiago. **Jornal Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 12, 2 fev. 1959.

COMPLEXO Maracanã acabou: Brasil ganha em casa. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro. p. 11, 26-27 de mai. de 1963

CONSIDERAM-SE os soviéticos os campeões mundiais de fato. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 2, 3 de fev. de 1959

CORDEIRO, M. Rebotes do Mundial. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro. p. 7, 28 de mai. de 1963

DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DEBRUN, M. A Identidade Nacional brasileira. **Estudos Avançados**. V. 4, n.8, 1990

DEIXAMOS o estádio como cães abatidos! **Jornal Última Hora**, São Paulo. p. 25, 2 de fev. de 1959.

DELIRANTEMENTE aplaudidos pelos chilenos os campeões do mundo. **Jornal Última Hora**, São Paulo. p. 25, 2 de fev. de 1959.

DERRICO, M. Por Favor, não "Renovem" o Basquete. **Jornal Luta Democrática**, Rio de Janeiro. p. 8, 28 de mai. de 1963

ECO, M. Noite de Basquete. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro. p. 8, 28 de mai. de 1963.

ESTRANGEIROS dão ao esporte amador brasileiro o valor que nós negamos. **Jornal Brasil, Urgente**, São Paulo, p. 23, 2-8 jun. 1963

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010

FIVE do Brasil passou espetacularmente pela Iugoslávia. **Jornal Diário da Tarde**, Curitiba, p. 8, 21 maio 1963.

GÓIS JUNIOR, E. Alberto Torres e os higienistas: intervenção do Estado na educação do corpo (1910-1930). **Saúde e Sociedade**, v. 23, p. 1445-1457, 2014.

GÓIS JUNIOR, E. Manoel Bonfim: relações entre projetos nacionais de educação e saúde. **Educação & Sociedade**, v. 35, p. 77-93, 2014.

GÓIS JUNIOR, E. Nacionalismo, Educação Física e a missão francesa na Força Pública de São Paulo: uma comunidade imaginada (1906-1913). **Revista Brasileira De Educação Física e Esporte**, v. 30, p. 1023-1032, 2016.

GÓIS JUNIOR, E.; GARCIA, A. B. A Eugenia em periódicos da Educação Física Brasileira (1930-1940). **Revista da Educação Física**, v. 22, p. 247-254, 2011.

GÓIS JUNIOR, E. Nacionalismo, Educação Física e a missão francesa na Força Pública de São Paulo: uma comunidade imaginada (1906-1913). **Revista Brasileira De Educação Física e Esporte**, v. 30, p. 1023-1032, 2016.

GÓIS JUNIOR, E.; SOARES, A. J. G.; MELO, V. A. Para a construção da nação: debates brasileiros sobre educação do corpo na década de 1930. **Educação & Sociedade**, v. 36, p. 343-360, 2015.

GRANDES homenagens, hoje, no galeão, aos brasileiros vencedores do basquetebol. **Jornal Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 12, 3 fev. 1959.
HARTOG, F. **Evidência da História**, São Paulo: Autêntica, 2011

HOLLANDA, B. B. B. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

JACKSA, K. L. Sports and Collective Identity: The Effects of Athletics on National Unity. **SAIS Review of International Affairs**. Vol. 31, Number 1, 2011 pp. 39-41.

JANGO receberá bicampeões. **Diário do Paraná**, Curitiba. p. 11, 29 de mai. de 1963

JANGO saúda bicampeões de basquete. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro. p. 10, 28 de mai. de 1963. **Jornal Luta Democrática**, Rio de Janeiro. p. 8, 28 de mai. de 1963

JK assinou bola falsa. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 12 fev. 1959.

KANELA: "Amaury é craque padrão no basquetebol". **Jornal Diário do Paraná**, Curitiba. p. 10-11, 30 maio 1963.

KRIGGER. L. Histórias do Bi (I). Primeiros Movimentos do Plantel não Davam Mostras da Conquista do Título. **Diário do Paraná**, Curitiba. p. 10-11, 30 de mai. de 1963

LE GOFF, J et al. **A história nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, C. B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986

MAIS um título! Brasil! Brasil Campeão Mundial de Basquete! **Lavoura e Comércio**, Uberaba, p. 3, 2 de fev. de 1959

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processo**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

NASLAWSKY, M. A Vitória do Brasil sobre os americanos decidiu o campeonato mundial de basquete. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 1 fev. 1959.

NOS braços do povo campeões do mundo. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 1, 5 de fev. de 1959

O BRASIL totalizou 830 pontos. **Jornal O Dia**, Curitiba, p. 12, 6 de fev. de 1959

OS RUSSOS estão em pleno choro. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 3 fev. 1959.

PECENTE foi o verdadeiro "general" da vitória do basquete brasileiro. **Jornal Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 17, 8 fev. 1959.

ROCHA, H. F. Brasil é Campeão Mundial. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 02 de fev. de 1959.

ROCHA, H. F. Confirmado o regresso amanhã. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 02 fev. 1959.

ROCHA, H. F. Público recebeu os campeões como se fossem os próprios chilenos. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 19 fev. 1959.

ROCHA, H. F. Rússia Perdeu os Pontos. Se repetir, será expulsa da FIBA. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 1, cad. 2, 02 fev. 1959.

SEGURANÇA. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 24, 13 ago. 1963.

SENRA, I. A. **A identidade nacional e a questão racial em Oliveira Vianna**. 128p. Dissertação. Universidade Severino Sombra. Rio de Janeiro, 2011.

TARUMA, o terceiro ginásio do Brasil. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, p. 3, 11 maio 1963.

UM CARECA subindo. **Jornal Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 24 jan. 1959.

VENCERÍAMOS os soviéticos se voltássemos a jogar com eles. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 2, 3 fev. 1959.